FON
FON
ANNO XXIII — N.º 25
Rio, 22 de Junho de 1929
Preço: 1$000

Um substituto..?
— Passo!

Quem usa ou traz para casa um substituto, em vez da* CAFIASPIRINA *legitima, commette uma imprudencia que lhe póde sahir bem cara.

Por este motivo, toda a pessôa discreta e cuidadosa, nega-se a receber productos suspeitos, e exige sempre a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

CAFIASPIRINA

E' o unico preparado que se póde administrar com plena confiança a qualquer pessôa da familia, pois dá sempre allivio e *nunca ataca o coração nem os rins.*

Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.

O conto brasileiro

Philosophia

ANTES de se decidir a cumprir aquella, elle observou a si proprio que, em promessas de amor, o cumprir é originalidade. Não se considerou, assim, fóra do programma de existencia.

Resolveu sacrificar sua vida por mais uma bizarria, das muitas que a caracterizavam. Esse sacrificio, sendo fóra do commum em homens de espirito, representava para elle a certeza de morrer de forma differente da que esperavam que elle morresse: morreria como aquelles que já não vivem no final da vida...

Se a burguezia e os homens sem espirito — pensava elle, na sua indifferente e serena philosophia — casam para não mais existir, apesar de se conservarem no mundo, repetem factos antigos com esse gesto (para essa classe de gente, o casamento é um simples gesto). Incidem, portanto, na sua costumeira mesmice e repetição de attitudes estúpidas; da mesma fórma que o homem de espirito, comprehendendo isto, procura invariavelmente afastar-se do casamento (principalmente depois de casado), não deixa de reproduzir resoluções anteriores de muitos homens de espirito que o precederam ou lhe são contemporaneos. De fórma que será original, conscienciosamente original, o burguez celibatario e o fidalgo de idéas de contrahir matrimonio...

Além de que, para elle, um gosto não compromette uma reputação.

Soprava a fumaça do charuto para o tecto e ficava distrahido olhando o ambiente, tamborilando com a ponta das unhas o braço da poltrona, donde sahiam sons gordos e surdos.

Alvaro de Araujo olhava o amigo. Habituara-se a ouvir do Moreira essas explanações de sophistica que elle fingia entender ou procurar entender, concluindo, de si para si, que aquillo não passava de attitudes e que uma attitude persiste emquanto não fatiga.

— Que pretendes, então, fazer?

— Caso-me.

Alvaro contemplou-o maliciosamente e foi com um jogo novo de physionomia que perguntou:

— Como burguez ou homem de espirito?

— Como homem, simplesmente. Que importa a fórma? A essencia é tudo. Caso-me, o juizo que se tiver de fazer de mim, não me compete fazel-o. Todo auto-retrato deve possuir uma grande dóse de sympathia para merecer ser apreciado, e habituei-me a não ver em mim proprio o que possa ser util á humanidade... E' certa, pois, a sympathia.

Quando Alvaro sahiu, Moreira ficou folheando, esquecidamente, um grande album de photographias de viagens, especie de quadro synoptico pelo qual ia recompondo toda a historia maravilhosa daquellas aventuras fóra da patria, em terras estranhas que o desconheciam tanto quanto desconhecidas eram por elle, mas que lhe haviam fornecido sensações novas e novas emoções. Eram detalhes de cidades, grandes montanhas brancas cobertas de neve, estradas desertas, cobreando em faldas de serras verdes ou indo a perder de vista por valles extensos, trechos de mar, com terras distantes, e cujas ondas e cujas praias *elle não vira sozinho* na amurada do navio, jardins onde colhêra astuciosamente flores prohibidas, arrancadas só para satisfazerem caprichos. Todo um diario vivo na retina voluvel da memoria. E elle notava, com um riso interior, zombeteiro e amargo, que já se ia esquecendo de pormenores, de nomes, de imagens, — *até imagens*, — acabando por fechar o album, arrepiado ao pensar em que um dia se esqueceria de si proprio...

Depois accendeu outro charuto, de fumo perfumado e branco, sahindo em espiraes cheias. Tornou a abrir o livro e procurou as paginas do centro, onde estava a figura daquella inglezinha loura e louca de dezenove annos britannicos de quasi-menina. Recordava-se de que a conhecêra numa elegante casa de chá, aonde ia todas as tardes, como um bom filho de John Bull, quando, entre dois góles da bebida indigena, bebêra saborosamente a liquida luz daquelles olhos côr de mar, entre reflexos dourados de cabellos côr de sol...

Depois, a surpresa de a encontrar no baile da embaixada brasileira em Londres, onde, após apresentação por elle requisitada, ella mostrou desejos de conhecer de perto o decantado maxixe (não sabia que era dança de salão...), sem saber notar, com sua ingenuidade, que a frieza de seu sangue nortista não poderia *comprehender* o calor voluptuoso da dança tropical.

O COMMENTARIO

O sr. Mattos Peixoto, illustre presidente do Estado do Ceará, durante sua recente estadia nesta capital, foi alvo das mais expressivas manifestações de apreço e sympathia. Figura de accentuado relevo e prestigio no scenario politico de sua terra e na vida publica nacional, o eminente chefe do executivo cearense impunha-se, de facto, ás justas homenagens que lhe foram tributadas, não só pelo seu prestigio official, como pelos seus altos meritos pessoaes.

Aqui e em S. Paulo, onde s. excia. visitou o presidente Julio Prestes, as provas de apreço e consideração que recebeu, em caracter official ou particular, além de bem legitimas foram bastante significativas.

Chefe de Estado, compenetrado das responsabilidades do elevado cargo em que foi investido pela confiança de seus conterraneos, o presidente Mattos Peixoto se tem revelado um homem publico de notavel capacidade, imprimindo á administração cearense uma orientação assim segura, criteriosa e brilhante como efficiente e fecunda nos seus resultados immediatos.

Póde, assim, ser incluido, com justiça, em logar de destaque, entre os homens publicos mais prestigiosos da actualidade politica brasileira.

Lembrava-se ainda de que fôra á sua casa, num recanto da capital londrina, distante alguns minutos, quando pelo *tube;* tendo tido a infelicidade de partir, no aperto, duas das tres unicas *chapas* no genero, que o bom e interessado secretario da embaixada (é sempre o 2º secretario, — que ainda não perdeu a illusão da carreira) lhe emprestára — "para propaganda das coisas do Brasil"...

Ao chegar á casa de Donny, narrára, contrariado, o occorrido, admirando-se muito ao notar que ella, sinceramente, compartilhava de sua contrariedade.

Depois, as costumeiras lições de dança, em que desaprendera ao ensinar, só pelo prazer de se accommodar depressa ao abraço gracioso daquella carne côr de rosa e cheirando a petalas novas.

Até que, um dia, foi que se lembrou do phonographo do *Jasmineiro* do Eça e quasi adoeceu de vergonha, pensando que em breve aquella musica de rythmo enthusiasta e cadencia morna se iria

transformar na phrase medonha: "Quem não admirará os progressos deste seculo?"...

Recordou os passeios aos sabbados no campo, após a partida semanal de tennis, quando ainda no deslumbo admiravel do sport, em que os cabellos louros de Donny pareciam desfiando fios de ouro mais puro da terra para lhe acariciar o rosto macio, beijando-lhe a pupilla azul de céo limpo, prendendo-se-lhe nos dentes certos e muito claros.

Encostou-se na cadeira estofada, meditando em que de tudo se lembrava.

Só não se lembrava de como principiára a amar...

* * *

NO navio, seu pensamento ia de Donny para Donny.

Ora a via na sala sobria da casa do suburbio londrino, correndo para travar o phonographo, porque o disco findára, ora no campo de tennis, desenvolvendo em gritinhos de victoria adivinhada o seu calculado jogo de mulher, onde a surpresa era tudo. Ora no jardim, em vestido

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

claro e grande chapéo na mão, desafiando-o para uma corrida e recusando a acceitação do desafio, em mais de uma travessura que elle não conhecera em nenhuma ingleza, em nenhuma outra mulher, afinal, e que elle não sabia se provinha do Alto ou do reino do demonio.

Promettera-lhe voltar, e voltou. Resolução tomada após meia hora destinada a meditar prós e contras, para a escolha da decisão, mas que elle apenas gastára em recompôr a sua imagem.

Fôra, sem duvida, uma traição... De que se orgulhava, numa desculpa.

"O amor não raciocina", dissera-lhe elle depois, num sorriso de alegre r e s i g n a ç ã o, esquecendo-se, porém, de que, muitas vezes, o raciocinio vence o amor...

Já se passára quasi um anno que o jurára, *eterno*, reparando arrogantemente que se apoderava de qualidades divinas, só porque considerava seu sentimento immortal.

Tolice de enamorado que não se lembrou de que se póde ser *immortal* sem ser eterno — senão para alguns dos que com tal ser convivem, achando que minutos de convivencia lhes parecem seculos...

Já se passava quasi um anno, e nas duas ligeiras cartas que lhe enviára não marcára data de partida, nem, senão de leve, relembrara a promessa, prudentemente receiando, como garantiu a Alvaro, indemnizações...

Aquella viagem, que tantas vezes já elle fizera, agora era absolutamente sem interesse. Apenas enjoou mais — o que, afinal, lhe foi, em parte, distracção.

* * *

QUANDO chegou á Inglaterra, quando atravessou Londres no car, pelas ruas enlameadas e escuras, embaciadas, opacas, ou o quer que fosse, onde o céo britannico é tristemente caracteristico, sentiu um desusado enthusiasmo interior contra o que elle se revoltava ás vezes, praguejando em inglez, para ter o direito de se arrepender, salvando responsabilidades, porque ficava meditando em que, afinal, um philosopho *sereno* ou é isto ou, então, é namorado sentimental e não é nada.

Esteve quasi a tirar á sorte os dois *cas*. Mas depois considerou que, de qualquer maneira, o que permanecerá nelle era o namorado, e não convinha pôr á prova tal certeza: o que faz crer que elle ainda conservava uns restos de serena philosophia...

* * *

CORREU á casa de Donny e ficou surpreso. Não moravam mais lá nem ella, nem os paes.

A porteira não sabia indicar-lhe a nova residencia da menina.

Retirou-se, sinceramente choccado.

Que fazer? O enamorado sentimental nada lhe soube ensinar, augmentando, pelo contrario, seu tormento; e elle, agora, talvez nem se lembrasse dos restos de serena philosophia.

Procurou, remexeu, esquadrinhou tanto quanto um pobre mortal poderia fazel-o numa cidade como Londres, em busca de outro mortal.

Nada conseguiu.

Mas, um dia, quando o desanimo era maior, e já Moreira pensava em voltar ao Brasil, solteiro e casado com a nova dôr, filha da desillusão e do desengano, viu Donny

num jardim, repetindo, em gritinhos travessos, o desafio que lhe fôra feito um dia: e tambem, como elle, recusando a sua acceitação por parte de um inglez grande e duro, de enormes e cadenciados passos e gargalhada guttural.

Moreira c o n c l u i u que tudo o mais deveria ser assim... E evitou falar-lhe.

Voltou á philosophia e despachou, não sem disfarçar, num gesto de cabeça, rapido, a lagrima comprometedora.

Concluiu que devia ser patriotismo de Donny ou outra coisa qualquer, comtanto que não se explicasse — fim e meio de todas as philosophias, talvez mesmo principio.

Quando escreveu ao Alvaro, narrando-lhe o succedido, após haver lhe dito como para o facto olhára com olhos de scientista, da sciencia da vida — terminou concluindo que se sentia feliz, porque Donny, afinal, bem o soubera comprehender...

(Do novo livro *Cortinas de Renda*, no prélo.)

O HOMEM ELEGANTE precisa ter, como indispensavel parte de seu guarda-roupa, dois jogos de Krementz. Um de cor preta para usar ao vestir o "smoking" e outro, de cor branca, para quando envergar trajo de rigor. Satisfazem o gosto mais requintado pela qualidade e belleza e são preferidos em todo o mundo pelo seu acabamento, excellente e artistico.

A' venda nos melhores estabelecimentos

O nome de Krementz estampado no reverso de cada peça serve de eterna garantia.

Krementz

Rep: Companhia Mercantil Pan-Americana — Rua Chile 7, 2º andar — Rio

As Duas Irmãs

HELEN MILLER

O pallido disco do sol ascendia lentamente para o zenith, entre montanhas de nuvens cinzentas. A fria brisa da manhã brincava com a fina cabelleira negra de Margery Meilichamp; em seus labios desenhava-se um rictus de cansaço invencivel, os hombros frageis pareciam exhaustos, mas era firme a expressão dos olhos.

Encostada a um tronco de rhuibarbo, distrahida, traçava com a a ponta do pé pequenino signaes cabalisticos na areia. Sentado perto della, John Hurd com um chicotinho em uma das mãos, açoitava de vez em quando as botas.

— Vamos, Margery... — exclamou. — Oh! por favor, permitta-me...

Os finos labios de Margery contrahiram-se imperceptivelmente. Ella era miuda, pequena e um tanto morena. Toda a sua pessôa transbordava sympathia. O accento de sua voz era de doce amargura.

— Muito obrigada por sua amabilidade, cavalheiro; mas esse assumpto só a mim diz respeito. Não se preoccupe commigo... Continue a olhar a sua "janella"... John Hurd corou. John era um esplendido rapaz, de physionomia attrahente e compleição herculea; um guapo mancebo que enthusiasmaria qualquer rapariga da idade de Margery, porque no seu rosto transparecia toda a lealdade do seu coração.

— Não estou olhando janella nenhuma! — protestou. Se houve demasiada emphase na voz delle, Margery quiz ignoral-o por orgulho.

— Não se aborreça por... tão pouco — disse ella com voz agridoce. — Você tem permissão para olhar a janella. Ella se encontra lá; deve estar polindo as unhas ou arranjando as sobrancelhas.

— Está muito mudada — commentou John Hurd.

Margery bateu com o pé no chão, nervosamente.

— Naturalmente! Está ha sete annos casada! Agora, inopinadamente, cansou-se do marido; diz que não voltará a vêr Dudley Harrick.

— Não sei que attractivos encontrou ella nelle — falou Hurd, olhando um instante a janella.

O delicado punho de Margery crispou-se de colera; mas o tom de voz foi maravilhosamente tranquillo e frio.

— Não penso que Winnie se tenha interessado por Dudley Henrick ou por outra pessôa — disse ella. — O que viu nelle foi o dinheiro e a opportunidade de viver folgadamente na cidade. Já está de volta, agora que Dudley dissipou todo o dinheiro. Ella passa ás mil maravilhas estendendo a sua corôa de martyr... entre tia Dolly e Lily, que morrem de impaciencia para satisfazer os seus menores caprichos. De qualquer maneira, não lhe faltam preciosos vestidos.

— Será possivel? — interrogou Hurd.

Margery levantou a cabeça para contemplar a opaca janella com cortina, observou que os olhos de Hurd se pousavam tambem na mesma janella, e sentiu um estranho aperto no coração. Uma grande angustia opprimia todo o seu sêr. Winnifred era sua propria irmã; Winnie não estava divorciada de Dudley Herrick; estava separada simplesmente, e agora voltára para morar na casa que fôra de seus paes.

— Somos tão pobres como antes? — perguntou Winnie com languidez quando o taxi a deixou com tres grandes malas diante da porta da rua.

— Mais pobres, se é possivel, — respondêra bruscamente Margery. — Mas, por isso, a tia Dolly desfez-se em amabilidades e attenções e agora Winnie achava-se installada no melhor quarto, emquanto tia Dolly, que andava pelos sessenta e se conservava incrivelmente meiga e irresponsavel, fazia um culto da sobrinha.

Adorava a languida e ociosa belleza de Winnie, seu cupido sorriso, os compridos e elegantes dedos de unhas rosadas, o pé pequenino de nova Cinderella, aprisionados em douradas sandalias de sêda.

Margery censurava-se a si mesma amargamente. Era odiosa esta disparidade. Ellas, Margery e Winnifred, eram tudo quanto restava da orgulhosa casa dos Meilichamp...

— Se ao menos ella não fôsse tão voraz! — pensou com tristeza Margery. Tudo que desejava, tudo aquillo que mais lhe agradava, Winnie tomava para si. Com sua instinctiva perspicacia de irmã, Margery sabia que Winnie não concedia importancia alguma ao direito que pudesse assistir a outras pessôas... especialmente a Margery! E agora John Hurd olhava para sua janella como hypnotisado!...

— Por que não nos faz companhia no "lunch"? — perguntou Margery a John — Winnie descerá tambem, se já tiver terminado sua "toilette".

— Sinto muito, mas não é possivel... — excusou-se Hurd, pondo-se de pé e sacudindo a roupa para desempoeirar-se. — Devo ir imprescindivelmente á cidade. Não desejam alguma cousa?

— Muito obrigada; nada absolutamente.

— Bôas tardes.

— Adeus!

Elle se foi sem voltar-se; ao chegar ao macisso de lilazes, não retrocedeu para perguntar se podia regressar mais tarde. Com passo firme, atravessou o jardim, transpoz o muro e desappareceu. A tristeza de Margery cresceu, transformando-se em *angustia*. Com o olhar fixo no chão até que elle desapparecesse e as faces inflammadas de rubor, torcia as mãos afflictas. Não podia explicar a si mesma por que a feria tal sorte. Por que voltaria Winnifred com todos os seus frios artificios para perturbal-a, a ella de tão graves maneiras sempre, de tão sereno procedimento? "Ella tem tudo" — murmurou Margery, crispando os punhos e apertando os dentes.

Toda a vida foi assim; Winnifred despojando-a de tudo quanto ella gostava; tia Dolly forçando-a, obrigando-a a ceder a tudo o que Winnie desejava; deixando-lhe carregar sobre os hombros frageis todo o peso, todos os cuidados e arranjos da casa.

— Margery é tão pratica!... — repetia tia Dolly para desculpar sua propria incompetencia. Era tradição da familia nunca olhar de frente a verdade, a menos que esta fosse agradavel e dignificante. Assim, desde que Margery se mostrou bastante sensata para tratar com banqueiros e fornecedores, foi o élo entre o desastre economico e a inaptidão de tia Dolly, emquanto Winnifred vivia tranquilla e satisfeita sem privar-se de seus caprichos. E nunca ouviram de Margery um protesto, uma queixa sahida dos seus labios.

Mas agora, ferida pelo latego da injuria, do ultraje, dava largas ao seu resentimento; rememorava os mil e um detalhes do passado in-

PASTILLES VALDA
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes (Influenza) Catarrhes, Asthme etc.
ACTION MERVEILLEUSE
ÉTABLISSEMENTS PASTIVAL
77, Boulevard Bourdon
PARIS
APPROVADO PELA ... em 22 de Março de 1913

A TOSSE

QUALQUER QUE SEJA SUA ORIGEM
é sempre instantaneamente alliviada
pelo suo das

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS
Producto incomparavel
CONTRA
os Defluxos, Dôres de Garganta,
Laryngites recentes ou antigas,
Bronchitas agudas ou chronicas,
Grippe, Asthma, Emphysema, etc.

Tende muito cuidado !!!
Peçam, exijam em todas as Pharmacias

ás verdadeiras Pastilhas VALDA

vendidas sómente ***EM LATAS*** com o nome **VALDA**
Encontram-se em toda sas Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1913 SOB O NUMERO 2.2 · FORM: MENTHOL 0,002 EUCALYPTOL ... P. PAST.

A LIBERDADE ALUMIA O MUNDO

A TRICALCINE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 364 em 31-8-12

LHE DÁ A SAUDE

ANEMIA
DEBILIDADE
RACHITISMO
ESCROFULOSE
BRONCHITES
TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA, 21, Rue Chaptal, PARIS.
JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara, RIO-DE-JANEIRO.

justo, até o auge, até o incrivel, na tarde anterior em que Winnie a separára de John Hurd, fazendo-se acompanhar por elle até a cidade, voltando aos tempos do vestido côr de rosa.

Ha dez longos annos que ella, Margery, anhelava um vestido côr de rosa.... E tinha-o conseguido trabalhando muito de madrugada no jardim de Struby, plantando roseiras e pés de violetas, sem que de tal soubesse tia Dolly. Então, — quando o jardim estava prompto e florido, quando comprou a preciosa séda côr de rosa, Winnifred, pondo a séda rosa sobre o braço, exclamou:

— Creio que esta fazenda me convém. Não póde assentar em Margery. Ella está muito tostada de sol.... Compre para ella qualquer cousa mais em harmonia com sua tez, tia Dolly....

Compraram assim para ella uma sarja azul escura, feiissima, que ella odiou de todo o coração, e que nunca quiz usar, guardando-a no fundo de uma mala onde começava a rasgar-se agora. Seguiu-se, então, o casamento de Winnifred, que consumiu o resto da herança do tio, o pouco que restava da dispendiosa permanencia de Winnifred numa aristocratica escola de Paris, permanencia que durou dois annos.

Margery presenciou então o epilogo de um curso escolar na metropole franceza: sumptuosos "negligées", lindos vestidos confeccionados por modistas conhecidas, chapéos, luvas, lenços; todo um carregamento de encantadoras frivolidades parisienses. Limitou-se a olhar e a admirar, e seus labios não tiveram uma phrase de protesto ou de inveja. Winnifred casou com Herrick; os Herrick eram ricos e os Mellichamp orgulhosos.

— Tu não te deves preoccupar com isso — philosophou tia Dolly. — Foste sempre caseira. Ahi tens a bibliotheca.... Nella pódes instruir-te!

— Supponhamos — Margery recordava o audaz desafio — que eu deseje casar-me, como poderei realizar este acto se já não houver dinheiro?

Tia Dolly respondeu com seu sereno e immutavel optimismo:

— Tudo se arranjará, minha querida.

* * *

Agora Winnie estava lá em cima, no amplo quarto de dormir envolto na penumbra, mollemente recostada numa "chaise-longue", emquanto Lily lhe servia o chá e tia Dolly se orgulhava de ter novamente em casa uma verdadeira dama.

— Pobre Margery! são tão simples os seus gostos! — Margery

A DUAS IRMÃS

(Continuação)

conhecia a inevitavel exclamação. — Não lhe interessam em absoluto as cousas delicadas!

— Como o podem ellas saber? — permittia-se ella perguntar a si propria, amargamente, emquanto se despojava de seus vastos sapatos de camponeza. — Como sabem se gosto ou não.... se nunca o provei!

* * *

Os amplos e velados aposentos do andar superior cheiravam a agua da colonia, a essencias e a saes aromaticos para o banho; a pó de arroz e a loção para cabello. No quarto de dormir, sobre o leito grande e fôfo, via-se uma confusão de sêdas e rendas. Tia Dolly, refestelada numa cadeira, presenciava referente a complicada "toillette" de Winnie.

Tia Dolly era miuda, pallida, delicada e muito elegante; era como uma rosa branca comprimida entre as paginas de um livro de poesias. Suas mãos finas, delgadas e inuteis nunca tocaram em cousa alguma que não fôsse sêda. Os pés pequeninos raramente pisavam a terra plebéa. Bordejava pelos sessenta, e nunca, durante sua longa e esteril existencia, acceitou responsabilidade alguma. As mulheres do ramo Mellichamp, pelo contrario, foram donas de suas casas; mas tia Dolly presumia que seria cavalheirescamente protegida por um mundo generoso. Olhava agora Margery, fazendo uma carêta comica.

— E estas mãos, rapariga! Que vergonha! E estas unhas! E' indispensavel que as empregues em tão rudes tarefas?

Margery atirou o grande chapéo de palha sobre a promiscuidade das sêdas.

— As favas — annunciou com certa aspereza — alcançaram esse anno um preço excepcional.

— Margery é tão pratica! — balbuciou tia Dolly. — Minha avó paterna era assim. Uma mulher singular... mas tão pratica! Construiu com outros a ala direita deste edificio e tambem o fosso do lado éste, trabalhando toda a sua vida. Margery se parece muito com minha avó.

Margery ao ir para o banho prestou attenção na antiga construcção da propriedade, nas peças de ferro cobertas de ferrugem, nas portas deterioradas pela acção do tempo. Para refrescar as faces congestionadas, humedeceu o rosto. Nunca, até então, ouvira falar da tendencia pratica de seus antecessores. Talvez o seu utilitarismo viesse de muito longe, procedia do sangue.

Sua bisavó, provavelmente, andára inspeccionando a construcção desse edificio e dos fossos, emquanto o bisavô lia Shakespeare na galeria fresca, saboreando um copo de brandy, sonhando sabe lá em que bellas possibilidades. Provavelmente era isto: Oh! Margery o suspeitava!

Os terrenos do lado tinham sido alienados ha muito tempo para satisfazer velhas dividas contrahidas pelo bisavô. Mas, agora, porque Winnifred estava em casa e usava sabões perfumados e extractos de Paris, tia Dolly acreditava-se novamente rica. Offerecia uma ceia: marcára-a para quarta-feira.

— Deus do céo! — exclamou Margery. — Para que?

— Em honra de Winnie — replicou candidamente tia Dolly. — Nós devemos ter alguma attenção para com ella... porque voltou agora, depois de sete annos.

Margery sentiu-se revoltada. Tão grande tinha sido a lucta durante o verão, tantas as difficuldades para semear a terça parte do campo que podiam cultivar!... E, agora, uma ceia! Significava isto que seriam sacrificados os seus frangos, salvos até agora por muita habilidade da parte della! Struby e Lily, os dois leaes servidores que ainda restavam, deixariam durante alguns dias suas actuaes occupações. Margery estava desesperada.

— Não podemos offerecer uma ceia, — replicou ella.

Winnie levantou a cabeça, endireitando as sombrancelhas artisticas.

— Por que este tom tão aspero, Margery?

SABONETE
Donly
PREÇO POR PREÇO,
É O MELHOR
E AINDA SUPERIOR
A OUTROS MAIS CAROS
Mediante sello de 200 réis, enviaremos amostras gratis
PERFUMARIA LOPES
Rio:
Av. Rio Branco, 184
Rua Uruguayana, 44
Pr. Tiradentes, 34 a 38
São Paulo: Rua Santo André, 20

STOLTZ
MACHINAS DE COSTURA
"GRITZNER"
DE MÃO E DE PÉ, COM TAMPA
Unicos representantes:
HERM. STOLTZ & Co.
Avenida Rio Branco, 66-74 — RIO DE JANEIRO
Tel. N. 6121 — Caixa Postal 200

Os olhos de Margery estavam carregados de tormenta. Sentia-se extremamente cansada, e as contrariedades se amontoavam umas sobre as outras. Emquanto defendiam por um lado, por outro ameaçava-se a ruina definitiva da propriedade. John Hurd sabia-o. Elle tambem combateu contra a inercia da pobreza, mas a situação de Margery se aggravava pelo apathico orgulho que se obstinava em não vêr a verdade. A enganadora belleza das recordações, o véo incerto do passado, velavam contra o frio vento da realidade.

— Estabeleço regularmente os factos — disse Margery com energia. — Mas o caso é que eu levo as affrontas e devo arrostar a situação creada por vocês.

— Tua paixão para governar a casa te conduz demasiado longe.

— Observou Winnifred com suprema altivez. — Pagarei os gastos da ceia.

Tia Dolly soltou um agudo grito de terror.

— Oh! não é possivel! Não podemos permittir isto. Margery! Ella voltou á casa depois de tantos annos... Não [illegible] as [illegible] offerecer a ceia. Assignarei um cheque.

Margery engoliu uma resposta aspera [illegible] cheques quando não se têm fundos em bancos... Margery preferiu um de seus vestidos velhos e desceu as escadas. Lily punha a mesa. A prataria já tinha sido desembrulhada e areada.

— Tia Dolly disse alguma cousa acerca da poncheira de prata?

— Não, não perguntou por ella, disse Margery.

— Está empenhada, devo lembrar [illegible].

— Sim, miss, lembro-me.

Realmente a preciosa poncheira encontrava-se no Banco de Emprestimos. [illegible] que ella estava por intermedio de um antiquario, só o sabiam Margery e Lily.

Lily era natural do logar; tinha uma faculdade de penetração notavel. Alarmou-se ao notar que Margery olhava o jarro de prata.

— Miss Margery, um jarro nos fará falta — observou a creada.

Margery suspirou.

— Lily, tia Dolly vae dar uma ceia.

Lily poz-se logo em guarda.

— Prepararemos frango assado? — interrogou.

— Deve ser isto. Alguma cousa temos que preparar.

— Podemos arranjar um presunto. *Mister* Hurd tem presuntos.

— Não o podemos comprar.

— E a credito?

— Não quero comprar nada a credito. Já estou a matar-me de trabalho para pagar as cousas a credito.

A DUAS IRMÃS

(Continuação)

Lily entristeceu.

— São saborosos os presuntos! Mas teremos que cozinhar alguma cousa!

— Direi agora mesmo o que se póde fazer — falou Margery. — Temos tempo para pensar.

•
• •

O sol de outubro doirava a paizagem, seccos jaziam os prados, adormecidos os minguados rios. [illegible] rareava sob a ramagem [illegible] dos cedros, onde Struby [illegible] occupado reparando [illegible]. Ella sentou-se [illegible] um cedro cortado varios annos antes.

— Restamos alguma cousa que possamos vender, Struby?

— Varios frangos — respondeu o velho.

— Não, não nos podemos desfazer dos frangos agora... Precisamos de algum para a ceia; os restantes [illegible]. Não haverá mais nada?

— O antiquario veiu mais de uma vez; talvez possamos offerecer-lhe alguma cousa.

— Não, já vendemos todo o superfluo. Titia morreria de pezar se vendessemos qualquer cousa da casa. Outra idéa, Struby.

— Se por acaso *mister* Hurd se interessasse pela egua baia...

— Não lhe interessa. Pensa em outra cousa, Struby; temos tempo até amanhã.

John Hurd não podia comprar cousa alguma que fôsse della, a menos que ella, por condescendencia, quizesse vender abaixo do verdadeiro custo. Ella estava apaixonada pelo homem de sua idade e seu companheiro de labores; mas John o ignoraria sempre.

A quarta-feira da ceia chegou Margery sentou-se á mesa vestindo um vestido azul de Winnie que esta abandonára por desagradar-lhe, e calçando sapatos dourados, tambem de Winnie, inuteis para a dona por serem excessivamente grandes.

A mesa estava adornada com todo o esplendor que permittia a precaria situação da familia.

Correctamente vestido, John Hurd tomou logar á direita de Winnifred. Em compensação, Margary occupava um canto da mesa quasi na penumbra. Winnie havia-se apropriado friamente de John. Margery não podia censurar Winnie. Elle era — Margery o reconhecia — a unica pessôa agradavel e sympathica alli presente. Por outro lado, não deixava de ser attrahente a sua desenvoltura, muito em contraste com o quebrantado orgulho da pendente familia de Mellichamp. Elle era joven, bem posto, e tinha dinheiro no banco. Ellas, tia Dolly e Winnie, — Margery observava — parecem muito empenhadas em agradar John.

— Ao menos — pensou Margery — elle se conduz com desembaraço.

A brilhante elegancia de Winnie não surprehendia de modo algum a Hurd, cousa rara num camponez habituado ás modas do logar. Tratava-a simplesmente com cortez affabilidade.

Margery se convencia então de que um homem difficilmente póde sentir illusões pela mulher que é sua companheira de labores. [illegible] um homem póde sentir affeição por quem compartilhe de seus trabalhos, mas não experimentar por alguem um sentimento que chegue á admiração. Tal supunha ella dar-se com John: eram companheiros de luctas, de labores campestres, nada mais.

Margery contemplava, não sem uma certa satisfação, as travessas cheias de legumes, as fruteiras carregadas de frutas cultivadas por ella. Winnie dizia então com voz melodiosa de princeza arruinada:

— Nós dependemos de *mister* Hurd: elle nos ensina como cultivar a terra e, não obstante, não solicitamos seus conselhos. "Nós!" Dias de sol intenso, chuvas torrenciaes, furacões traidores, geadas devastadoras; dias turvos quando uma noite chuvosa podia significar o desastre financeiro do pouco que restava para manter o orgulho da casa; noites de vigilia, horas de desanimo, de trabalho rude... E Winnie se assenhoreava de tamanho esforço, sem o menor escrupulo!

Sem reflectir quasi, Margery abandonou sorrateiramente o seu logar e foi refugiar-se sob as sombrias e velhas arvores da horta.

— Louca!... — pensou com amargura. — Terá elle por acaso olhado para mim com mais interesse do que para um pé de rhuibarbo algum dia? "Oh! sim, sim!..." respondia seu dolente coração.

(Continúa no proximo numero)

ALCEU GRACIA (Capital) — Ahi está um caso raro: um rapaz que tem bocca mandando outro soprar. E soprar bem, com um sôpro sonoro, de quem está habituado a tocar flauta ou clarinette.

O sr. será musico, caro Alceu? Era logico que fosse poeta, como o seu homonymo, o Alceu, poeta grego (sec. VII A. C.).

Mas esses detalhes nada têm com a poesia do seu amigo. Escreve o sr. — ainda soprando pelo poeta de suas relações:

"Caro *Yves* — Bons dias — Sendo esta a primeira vez que lhe escrevo, é natural a minha timidez, principalmente se accrescermos a isto a circumstancia de eu pedir-lhe um favor.

Entretanto, não obstante a sua fina e rara ironia, reconheço na sua pessôa um espirito culto, cavalheiresco e, antes de tudo, educado. E essa foi a principal razão por que me atrevi a tanto.

Mas, entremos no assumpto que aqui me traz.

Um collega meu entregou-me umas poesias de sua lavra (delle, bem entendido) e pediu-me uma opinião sobre as mesmas.

Não tendo eu, por emquanto, competencia para isso, resolvi dirigir o mesmo pedido a um espirito illustrado e escolhi-o.

Yves, se as poesias fôrem fracas, não fique zangado commigo — sim? — pois V. bem sabe que a minha intenção não foi essa.

E agora tem a palavra a sua abalisada opinião (acceita?)

Sem mais, queira desculpar-me os preciosos minutos que lhe roubei e desde já acceite infinitos muito-obrigados de um humilde admirador de seu fulgurante talento. — *Alceu Gracia*."

Ora, li attenciosamente as duas poesias que me enviou, e cheguei á conclusão de que o seu amigo possúe qualidades de poeta. Infelizmente não sabe ainda plasmar os seus versos. Falta-lhe technica e uma certa naturalidade.

Na poesia *O sino mudo*, o seu amigo escreveu:

Existe um sino na capella
(E ella é tão bella
Com uma imagem do Senhor
Que cura dor)
Pois esse sino des que existe...

Pobre Christo! Por que é que depois do drama do Calvario o Divino Rabbi havia de ser *curador*... de orphãos... certamente?

Não, meu caro, já que o sr. é tão bom *soprador*, queira *soprar* ao ouvido do seu poeta que o vento dos maus fados poeticos *sopraram* os versos delle para cesta.

Que elle reze por alma das suas estrophes.

RAFLES (Capital) — Valha-me Nossa Senhora da Paciencia! Aqui está a sua carta commercial — pelo papel e pelo estylo — onde o sr. me julgando algum negociante... literario me faz uma consulta sobre os artigos (?) de sua especialidade...

Lá vae a sua carta:

"Amigo e Senhor. — Extranhar me-á bastante, com certeza, apezar de que já se tenha, sobremodo, acostumado com identicos factos ou com semelhantes audacias.

Antecipei-me, todavia, em cuidadosas precaucões, caso o amigo ronque-me o páo no costado, pelas famosas columnas do "Saibam Todos...", cuja constante leitura, interessa-me assás.

Em absoluto, não desejo dar á presente, um cunho de bajulação; assiste-me a plena consciencia de que, o chaleirismo, a hypocrisia e outras quinquilharias semelhantes não adornam o porte-bibelots escasso de minha desfavorecida intelligencia.

Creio mesmo que em consequencia disto não tenho alcançado, com a plenitude ambicionada, a realização de meus humildes ideaes e de minhas pauperrimas aspirações.

Tenho escripto, por diversas vezes, contos e chronicas, em variados estylos e modalidades — tragicos, semi-tragicos, humoristicos ou semi-quasi-humoristicos, mas, receioso devéras de uma possivel e severa critica que talvez me viesse desilludir por completo e obrigar a que me cingisse extrictamente ao cacete e estafante cargo de auxiliar de escriptorio, joguei-os fóra e hoje devem, com certeza, jazer no ostracismo bolorento de algum caixote de coisas inuteis.

Uma de minhas sinceras ambições consiste em vêr publicados quaesquer dos meus despretenciosos trabalhos. Hesito, no emtanto, na escolha do assumpto e genero.

Merecerei a honra de sua resposta pelo "Saibam Todos..." sobre qual a modalidade de producções que mais se lhe adaptam? Recebida a resposta envidarei os maximos esforços para que algo escreva e depois de sua devida e competentissima apreciação veremos si existe ou não possibilidades de que o trabalho seja collocado em lettras de fórma.

A resposta poderá ser endereçada para o nome, digo, pseudonymo de RAFLES, favor pelo qual antecipo os mais reconhecidos protestos do meu agradecimento."

Gostei do tom altivo em que me fala. Sim, senhor! Como não me quer bajular, escreve assim como um caixeiro que recebe o freguez no balcão, com estas palavras valentes: "Então, seu patife? Não vê que no porta-bibelots (safa! que movel antigo!) da minha desfavorecida intelligencia (*sic*) não ha quinquilharias? E como é que me vem comprar bonecos de engonço e manipanços?"

Segue-se que, em materia de letras, o sr. é um valente negociante de nossa praça. Ora viva!

Mas ouça, illustre escriptor. O sr. se revela um tanto ingenuo quando me pede para dizer o genero literario que mais se adapta ao "Saibam todos..." Que lhe dizer? O sr. é só quem pode resolver o caso. O "Saibam todos"... é uma pagina perigosa. E' assim uma especie de pontilhão, sobre o rio da *cesta*. Quem passa por ella, deve ir com cuidado, porque a menor trepidação é bastante para atirar com o transeunte no rio — que é largo e fundo.

Sabe nadar, o sr.?

LILIA (E. do Rio) — Cartas de mulher... Ellas me fazem pensar nesse mesmo Machado de Assis da sua admiração: "Senhoras não deviam escrever cartas; raras dizem tudo e claro; muitas têm a linguagem escassa ou escura".

V. Ex. é dessas missivistas que têm a linguagem clara e abundante Torrescial... Vejamos a carta que me dirige:

"*Yves*: — A minha carta foi bem recebida por você, não resta duvida e agora venho trazer um grande agradecimento, pela maneira amavel com que o Yves respondeu á esta sua nova consulente.

Muito agradeço a sua resposta. Aliás, não foi surpreza para mim uma resposta tão gentil. Leitora assidua do FON-FON, eu notei sempre, que você respondia relativamente á pergunta que lhe era feita. Então tive a pretensão de pedir uma consulta. Satisfiz o meu desejo. A vaidade me dizia que a resposta não seria má. Pelo menos, d'essa vez a vaidade não se enganou.

Escrevo-lhe uma segunda vez. A primeira foi tão difficil! Por diversas vezes tentei enviar-lhe algumas linhas, mas qual! pensava commigo: Lilia, se o Yves te recebe n'um d'esses dias de "tedium

"Vitae", adeus! irás para a cesta e ficarás sem a tua resposta. E assim n'esta indecisão de escrever e não escrever, levei muitos dias, talvez mais de um mez, terminando, emfim, por importunar a esse pobre Yves, que tanto se queixa da "obrigação de escrever para ganhar o pão de cada dia", fazendo-o correr os olhos por uma massante folha de papel, garatujada por pessôa completamente extranha, como eu o sou, é verdade, mas que sente verdadeira admiração pelo seu espirito fino de homem intelligente, aliás, cousa rara, rarissima, principalmente nos seus grandes inimigos "Almofadas", cujas calças agora tão "largas", formam um verdadeiro contraste com a cabeça sempre tão "estreita".

Na carta que eu lhe escrevi, você achou que a minha thése era difficil, pela sua complexidade de problemas. Eu reconheço isto e acho que você teve razão quando disse: "que ha um grande erro em se explicar certas cousas". Na verdade devemos acceital-as como ellas nos apparecem. Não lhe indaguemos as causas. Sente-se, não se define.

Yves, será que você atura mais uma amolação?

Vou abuzar de sua delicadeza fazendo-lhe uma outra pergunta: Você acredita na felicidade? Será ella realizavel sobre a terra? Ou não passa de uma illusão, como querem os poetas? Terá Machado de Assis razão, quando diz "que o homem, flagellado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invizivel, cosidos todos a ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura, — nada menos que a chimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ella ria, como um escarneo, e sumia-se, como uma illusão".

Si é assim, quem foi que inventou então a palavra — felicidade? e que sentido lhe deu?

Adeus, Yves. Desde já se mostra muito agradecida a sua amiguinha e admiradora, que lhe deseja uma felicidade, uma grande felicidade na sua vida. — *Lilia*".

Falou muito, como se vê. Falou ou escreveu? Escolha o verbo com que mais sympathizar. As palavras são como as pessôas: feias ou bonitas, velhas ou moças, ricas ou pobres, — agradam ou desagradam.

Como V. Ex. me fala na felicidade e cita o maravilhoso humorista de *Yayá Garcia*, devo dizer que essa palavra é bonita para Machado de Assis, que a emprega

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

sempre, e é linda para mim, do mesmo modo.

Só o que differe e a psychologia ou a interpretação que lhe damos.

Para este homem que lhe escreve a felicidade é uma concepção adstricta aos pontos de vista pessoaes. Eu creio que ella existe e que se manifeste em nossa vida, todas as vezes que conseguimos a realização de um sonho ambicionado. Apenas o que se dá é o seguinte: como ninguem acredita nella segue-se que ella chega, fica ao nosso lado, ri-se, conversa comnosco e vae-se embora. Quando mais tarde alguem nos diz: "Olha, aquella mocinha sympathica, risonha, que te fez tanto bem ao espirito, e a Felicidade", nós sorrimos, incredulamente, e respondemos com indifferença para não trair a nossa ingenuidade: "Pois sim"..

E quando, um bello dia, (ou num feio dia?) uma senhora de luto se approxima da gente, causando-nos um profundo mal estar, justamente quando esperavamos o sorriso da Felicidade, é que comprehendemos tudo: fôramos felizes, sem acreditar na ventura.

Muito a proposito: si algum dia passar por aqui, chegar até esta redacção e falar com este Yves que lhe escreve, é favor dizer sinceramente: "Eu sou a Felicidade". Quero ter o prazer de lhe apertar a mão... Mas si o seu nome é Dôr ou Tristeza?

HUGO FLORENCIO (Juiz de Fóra) — Se pedir directamente para a Livraria Francisco Alves, rua do Ouvidor, 166, será attendido no que deseja.

FREIRINHA II (S. Paulo) — Ora essa! V. Ex. é uma criatura até muito sympathica. Não havia razão para que deixasse de responder-lhe delicadamente. Mas diga: por que me elogiou? Assim, fico mal para fazer o estudo da sua letra. Vejo que só me escreveu como esse objectivo. Nem posso crêr que goste de mim, uma vez que não me conhece e só me escreve para merecer um obsequio meu.

A sua letra não revela coisas más. Poderia dizer o que ella me suggére. Mas V. Ex., apesar de gostar do encarregado deste pagina, não levou o seu *gostar* ao ponto de me enviar o seu nome por extenso. Desconfiança? Má fé?

Para a graphologia o nome é indispensavel. O nome authentico, e autographo, etc.

SOMBRA (Capital) — Francamente, por mais que me esforçasse, não consegui entender o que V. Ex. me escreveu. Não foi feliz nas suas metaphoras. São muito complicadas e a minha intelligencia não os pôde decifrar. Gosto das pessôas que dizem as coisas claramente, mesmo que essas coisas não sejam agradaveis.

CHATEAU ROSE (Capital) — Aqui está a sua cartinha perfumada e azul como uma bella mentira de mulher.

Li attenciosamente o que me escreveu. Estou muito grato por tudo quanto pensa do meu livro.

Não publico a sua carta, porque ella não tem interesse para esta secção. De resto, os poetastros me chamariam cabotino e diriam que todos aquelles elogios foram fantasiados por mim. Ah! a miseria humana é infinita!

Guardarei com carinho a sua elegante missiva como uma boa recordação de um espirito de elite.

GILBERTO (Pernambuco) — Illustre conterraneo e collega.

Aqui vae a sua carta na integra, para que se apprehenda o sentido da resposta:

"Meu carissimo amigo Yves. — Ainda uma vez eu venho importuna-lo. Talvez você ainda se recorde duma poesia que eu submetti a sua critica intitulada "Mãe-Preta". Você me recebeu delicadamente, teve uma acolhida bôa, amiga, nobilissima para minha humilde pessôa. Foi o seu grande mal, Yves. Você póde avalia-lo agora. Si você tivesse sido rispido, secco, embora justo, eu talvez não mais voltasse a importuna-lo. Mas você foi delicado, foi affectuoso, e — que diabo! — a gente não esquece assim os amigos. Agora, pela terceira vez, eu venho lhe rogar um minuto de attenção para a poesia inclusa — "Pae-João". — E, aproveitando a opportunidade, junto um trabalho intitulado "Nordestismo", dum amigo nosso, que você julgará dando-me a resposta junta-

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 22-6-1929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

mente com o juizo feito sobre "Pae João". E, por fim, Yves, acabe com essa historia de me tratar por "sr.". Eu o trato por "você" porque você mesmo é quem faz questão disso. Mas não que o faça com naturalidade, porque comprehendo perfeitamente a distancia que me separa de si, mesmo não falando — aliaz superfluamente — em letras, ao menos pela idade — que eu conto 16 cajús, puxando para 17. Por outro lado, os trez ou quatro trabalhos que tenha esparsos pelos jornaes do interior daqui não me dão, de forma alguma, direito a esse tratamento de sua parte. Adeus, Yves. Não mais o quero "amolar".

Por cá se fica o amigo certo e infinitamente grato — *Gilberto*.

P. S. Note bem que "Nordestismo" não é para ser publicado. Você julgal-o-á apenas. Mesmo porque eu não tenho autorisação do poeta que o compoz para lhe pedir publicação. — Mais grato ainda. — *O mesmo*."

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Resposta:

1º. — O tratamento que se dá aos leitores desta pagina já está preestabelecido pelo seu programma. Para nós, a missivista é sempre "V. Ex." Seja velha, ou moça, bonita ou feia, branca ou azul, ella será "V. Ex." quer queira ou não. Os missivistas, sempre mais prosaicos, devem contentar-se com o banalissimo e democratico "senhor". Eis porque não posso fazer excepção.

2º. — Quanto aos versos modernistas, estão realizados nessa linguagem de zulás, guinés e congos com que os portuguezes presentearam esta boa terra de Santa Cruz.

Como psychologia ethnologica, e ainda mais, como arte sou contra, em principio, a essa escola poetica. A poesia é belleza e não questão de ser verdade psychologica.

O dever dos poetas é tornar bellas as coisas feias e não reproduzil-as na sua fealdade arripiante.

O tal regionalismo, ou brasileirismo, ou nativismo ou modernismo ou futurismo ou tudo mais quanto se queira em *ismo* só tem concorrido, até agora, para se dar um triste attestado da nossa cultura mental.

Que belleza pode haver num bo-roe preto, beiçudo, asqueroso, a linguajar as suas saudades da senzala, do eito ou das regiões africanas, de onde o braço lusitano o foi arrancar paar a escravidão melancolica do Brasil colonial?

Imagine-se ella literatura reaccionaria modernista, estudada na França, na Italia, na Argentina, em summa, na Europa e na America, como representação das nossas creações literarias, das nossas idealidades espirituaes, das nossas energias mentaes!

Não, sou contra essa poesia "soi-disant" modernista oppondo a pobreza das suas roupagens, das suas idéas, da sua motivação, da sua finalidade, ás altas creações do espirito classico.

Entre os sonetos immortaes de Heredia e os poemas de Marinetti (excepto alguns) prefiro o artista insigne de *Trophéos*.

Não esqueçamos, além do mais, que no Rio essa literatura de meia lingua, de "pães pões" e verso amarello, foi apenas uma *blague* em que ninguem acreditou e concorreu apenas para que os pregadores tivessem o seu carnaval literario, e no qual cada um apparecia *fantasiado* de poeta. Mas esse entrudo já passou. Agora elle só faz o encanto dos literatos das provincias, ingenuos na sua maioria e que tudo imitam da metropole. E' pena. E' lamentavel. E pena porque nos Estados ha muita gente de talento. E o sr. a despeito dos seus dezeseis annos, é uma bella esperança.

A sua poesia "Pae João" vae ser publicada. Ella está dentro daquelle quadro visado pela minha critica. Mas, apesar de plebéa, pela motivação de que o sr. se serviu, revela a poesia sincera, que é essa nota melancolica da alma brasileira.

Nordestismo é, quando muito, uma poesia humoristica, mas dessas que não fazem rir.

YVES.

O BRUTO

DE FANNY H. LEA

A LBERTO Hinkey, sua esposa e a mãe desta almoçavam juntos numa segunda-feira, em principios da primavera.

Durante seis dias da semana comiam ovos; no setimo, salsichas.

Nos domingos tambem, Ethel e a mãe iam á egreja, emquanto Alberto lavava o auto e entretinha-se em manipular, com prazer, o seu mecanismo.

Alberto era delgado e grisalho, de aspecto fatigado. Ganhava bastante em sua profissão de engenheiro.

Ethel tinha cabello escuro, que envolvia á noite em tirazinhas de trapo para frisal-o, uma cutis bastante bôa e grandes olhos castanhos.

A anciã, a senhora Peabody, mãe de Ethel, era uma pequena e fragil criatura de cabello branco, alvoroçado, com um pequeno rosto enrugado e desbotado, sem outra autoridade natural do que a que poderia ter um duende sob ordens invisiveis.

Entre Alberto e a sogra havia certo affecto curioso, uma especie de tacito accordo. Entre Alberto e a esposa, existia apenas desconfiança, resentimento e antagonismo.

Naquella manhã, não obstante estar a brilhar um sol bellissimo, o ambiente domestico vibrava com uma tormenta.

Apezar do lindo papel azul das paredes da sala de jantar, das frutas artificiaes, collocadas numa fruteira de crystal, e da baixella de prata; apezar dos loucos trinados dos canarios nas gaiolas, o dia começava mal.

Ethel abrira o jornal antes de Alberto descer, e que era sufficiente para promover uma discussão.

Voltou a dobral-o de certo, deixando-o junto ao prato do marido, quando este entrou na sala; mas todo aquelle que gosta de ler as noticias da manhã, detesta que lhe abram o jornal.

— Desejaria que comprasses outro jornal para ti, — disse Alberto, abrindo as folhas, ligeiramente enrugadas, com mão nervosa. — Pagal-o-ia com muito gosto.

— Não sou uma idiota extravagante — respondeu Ethel com calma.

— Não, — conveio a senhora Peabody. — Ethel nunca foi extravagante.

— Mamãe Peabody — disse Alberto, e ao olhar a sogra a expressão do seu rosto se dulcificou um pouco. — Como é que você nunca mexe no jornal?

— Porque nunca o lê — respondeu Ethel.

— Tenho setenta e um annos — falou a anciã, sem melindrar-se com a ironia. — Não ha nada nos jornaes que eu já não tenha ouvido relatar.

Os canarios começaram a cantar escandalosamente.

— Queridos, — disse Ethel com voz acariciadora. — Totó e Pipó, estão contentes? Pipi... pi... pi.

Ethel inclinou a cabeça, contemplando a gaiola, emquanto Alberto levantava a sua do jornal e enrugava ligeiramente o nariz.

— Queres que te arranje um gato, Alberto? — suggeriu a senhora Pebody.

Ninguem lhe respondeu. Ethel remexia o café e mastigava uma torrada. Alberto remexeu tambem o seu e voltou a dedicar-se ao diario.

— Está uma linda manhã, — disse alegremente a senhora Peabody.

— Vejo — observou Alberto, — que a expedição voltou do Tibre com uma nova especie de ovelha.

Ethel partiu o ovo e começou a comel-o. E foi logo dizendo sem preliminares:

— Li que a avó da senhora Taylor morreu.

Alberto empallideceu e lançou uma exclamação.

— Como?

— Como? — repetiu a senhora Peabody — o que estás dizendo? A avó de quem?

— Da empregada de Alberto — respondeu Ethel olhando com frieza o marido.

— Não me digas que não viste isso no jornal. Supponho que ella não irá trabalhar hoje.

— Mas que estás ahi a falar? — perguntou Alberto. — Com um esforço recobrára a calma e a côr voltava-lhe ás faces lentamente.

— Não lês apparentemente nem os casamentos nem as mortes. — disse. — Seguramente "irás" ao enterro...

— Oh!... já deveria ter-me ido. Não posso ficar aqui todo o dia conversando — falou Alberto, e havia certo desespero em sua pressa.

— Cala-te, Ethel — disse aborrecida a mãe. — Envergonho-me ás vezes de ti.

A porta da frente fechou-se com violencia.

A senhora Peabody afastou a cadeira e levantou-se. Foi á janella, e quando viu que o auto de Alberto se havia afastado, voltou-se para a filha.

— Que querias tu dizer relativamente a essa senhorita Taylor? Em que poderá interessar a Alberto?

— Oh! sim! interessa-lhe — respondeu Ethel approximando-se de sua mãe e olhando tambem pela janella.

— Quem te falou de Alberto com essa moça? — insistiu a velha senhora. Não sou tão ignorante que não comprehenda teres ouvido alguma cousa...

Ethel começou a chorar.

— Não é um segredo... Todo o mundo sabe que está louco por ella...

— Por quem?... Alberto?... Que loucura!

— Não é não. Esteve no cinema com ella... segunda-feira, á tarde.

— Em que cinema? — perguntou a anciã com interesse.

— Oh! mamãe! Como vou sabel-o? E que importa isso? E' bastante tel-a acompanhado.

— Quem te contou?

— Clara Mullins, no Club de Bridge, hontem. Disse pensar que eu já soubesse.

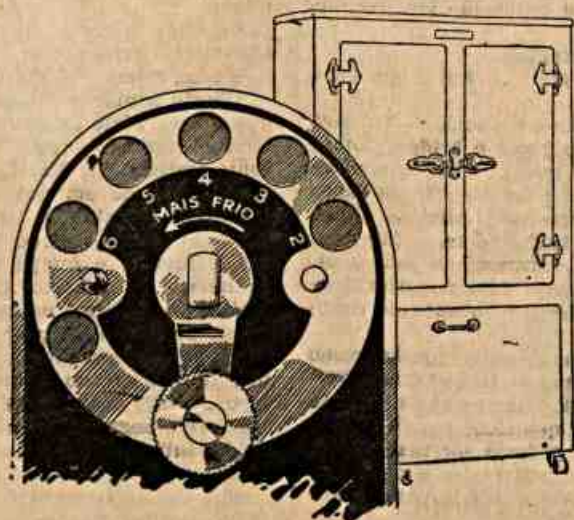
— Quando uma mulher diz a outra alguma cousa que "pensa" dever ella saber, é porque tem certeza de que se trata de algo que a interessada não deseja ouvir.

— Isto não altera o assumpto. — Disse Ethel seccamente. — Sou muito desgraçada! Não pude dormir toda a noite.

Frigidaire apresenta-se

GELADEIRA ELECTRICA AUTOMATICA

com o novo "Accelerador de Frio"

O NOVO APERFEIÇOAMENTO EXCLUSIVO DA FRIGIDAIRE

MAIS DE UM MILHÃO DE FRIGIDAIRE NO MUNDO INTEIRO

O que é o accelerador de frio?
E' o novo aperfeiçoamento exclusivo de FRIGIDAIRE que permitte regular á vontade a producção do gelo conforme as necessidades da occasião.
E como?
Pelo simples manejo, com a ponta dos dedos, de um simples ponteiro.

NO INVERNO. Não temos tanta necessidade de gelo, para que então fabrical-o? Basta conservar na FRIGIDAIRE a temperatura constante de 7°, indispensavel á boa conservação dos alimentos.
Se, porém, apparecer uma necessidade de gelo, basta mover o ponteiro e em pouco tempo estará prompto.

Queiram enviar-me maiores informações sobre a nova FRIGIDAIRE com «Accelerador de Frio».

NOME ....

ENDEREÇO ....

CIDADE ....

ESTADO .... F. F.

NO VERÃO. A necessidade de gelo para refrescos e sorvetes augmenta com o calor. Conservando a mesma temperatura interna, o accelerador permitte essa fabricação na fracção do tempo já necessario. Uma vez terminado, volta-se o ponteiro ao ponto de funccionamento, assim como depois de terminado o cozimento se abaixa a chamma do gaz, para só conservar o calor.

SOC. AN. BRASILEIRA ESTOS

MESTRE E BLATGÉ

RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO DE JANEIRO

O BRUTO (continuação)

— Na verdade não sei como se possa dormir com todos estes nós na cabeça. E' bastante para afugentar um homem. Pareces um espertalhão!

— Mamãe, como pódes dizer taes cousas? Nunca olhei para outro homem. Eu sou do meu lar. Alberto é um bruto!

— Da melhor especie — disse a senhora Peabody, com um suspiro. — Se tivesses conhecido teu pae nos seus bons tempos!

Ethel continuou num tom tragico.

— Penso, ás vezes, em deixal-o... Em ir-me para sempre desta casa.

— Melhor é que fiques — falou a anciã. — Tu para nada mais serves do que para jogar o *bridge*; tomar chá e conversar. Sou tua mãe... Não me olhes assim... Sei do que és capaz e do que não és capaz de fazer... Tiveste muita sorte com Alberto. Paga religiosamente todas as tuas contas, e nada fazes em troca para attrail-o. Se eu estivesse em teu logar, procuraria interessal-o, e olharia com superioridade para ufas tantas cousas. Alberto é incapaz de praticar uma má acção.

— Se eu deixasse passar umas tantas cousas, como dizes, mamãe, tu acharias mal. — Disse Ethel, vermelha como um bago de romã. Não espero nenhuma sympathia de tua parte. Nem que fôsse teu filho!

— Se fôsse meu filho, não poderia ser mais attencioso. E se eu fôsse sua esposa, trataria de entretel-o tanto em casa que não lhe sobraria tempo para nenhuma senhorita Taylor.

ALBERTO, entretanto, voava para a cidade, pensando se Martha Taylor soffreria muito com a morte de sua avózinha. Ao chegar ao escriptorio, encontrou-o vazio.

O joven Steward, empregado de Alberto, informou-o:

— A avó da senhora Taylor morreu no sabbado de noite.

— Já sei, — respondeu Alberto, abrindo as janellas. Uma ou duas vezes antes daquella manhã, notára que ao falar na senhorita Taylor, a voz de Steward tomava uma inflexão muito terna. — Pobre rapariga! Vivia com ella a avó?

— Sim; a velha senhora criou-a desde pequenina. E' muito triste isto! — respondeu apressadamente o joven Steward.

— E' preciso mandar-lhe umas flôres em nome do nosso estabelecimento commercial — disse Alberto.

— Já pensámos nisso. Cada um dá um tanto. Quer o senhor dar tambem alguma cousa?

— Enviar-lhe-ei algumas flôres separadamente — respondeu Alberto, abrindo com dedos tremulos um enveloppe. — Sinto... uma grande estima pela senhorita Taylor.

— Sim, senhor... — falou o joven Steward, agradecido.

Alberto olhou-o friamente.

— E' uma joven pouco commum...

— Certamente, senhor, e está afflictissima com a morte da avó. Apreciará muito sua bondade.

— Oh! tu... o sabes! — pensou Alberto e em voz alta ordenou ao empregado:

— Diga a Finney que venha tomar o dictado das cartas.

E começou cartas interminaveis:

— Relativamente á sua carta de... "Comprazo-me em communicar-lhe..."

Martha Taylor tinha risos que lhe soavam aos ouvidos como risos de menina. Cabellos sedosos e prateados que nunca tinham conhecido ferros de frisar, que nunca se tinham visto envolvidos em horriveis tiras de trapo...

— E' tudo, senhor? — perguntou Finney polidamente.

Só então Alberto viu que estava ha largo tempo silencioso. Respondeu:

— Sim, é tudo. E Finney se foi.

Alberto sentou-se diante de suas secretária, entregue a uma série de pensamentos. Alguem advertira a Ethel, fazendo supposições maliciosas, de sua innocente amizade por Martha. Haviam-lhe falado mesmo naquella tarde em que elle fôra em companhia de Martha a um cine do bairro. Tinha sido um encontro todo casual quando se dirigia ella para o trabalho. Chovia; o tempo influia poderosamente sobre os nervos de Alberto, tirando-lhe todo o desejo de trabalhar. E como na casa commercial não houvesse cousa de urgencia, propoz á empregada passarem a tarde no cinematographo. Sentia pela joven um terno affecto, mais terno talvez do que devêra; mas, desditoso no lar, abandonava-se á doçura de estar a seu lado, sem segunda intenção, em busca de um pouco de juventude e de alegria para sua maturidade que transcorria sem affagos e sem esperanças.

A joven soffria agora, e aquelle pensamento era-lhe insupportavel. Antes de dirigir-se para casa, deteve o auto diante do mercado de flôres e comprou lilazes brancos. Uma grande caixa cheia delles.

A cazinha de Martha era numa rua tranquilla. Havia um ou dois autos diante da porta. Alberto entrou com sua caixa debaixo do braço, e uma mulher vestida de preto, evidentemente alguma vizinha modesta, recebeu-o. Elle lhe disse quem era, esperando com inquietação vêr reflectir-se uma expressão desapprovadora em seu rosto; a mulher, porém, disse:

— Entre, senhor Hinkey. A pobre menina muito se alegrará por vêl-o.

Alberto entrou numa salinha escura. Martha ergueu-se e foi ao seu encontro estendendo-lhe a mão e procurando sorrir com os labios tremulos.

Elle sentiu naquelle instante uma grande ternura por ella.

— Eu sabia que... que o senhor viria... — disse soluçando suavemente.

— Estive todo o dia desejando... consolal-a... — respondeu Alberto... — Penso se haverá algum modo de conseguil-o.

— Consola saber que os demais sentem comnosco... sinto muitissimo — falou Alberto commovido.

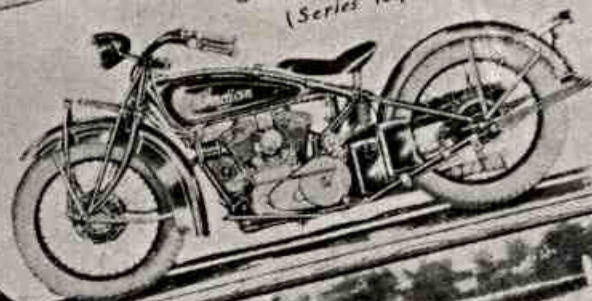
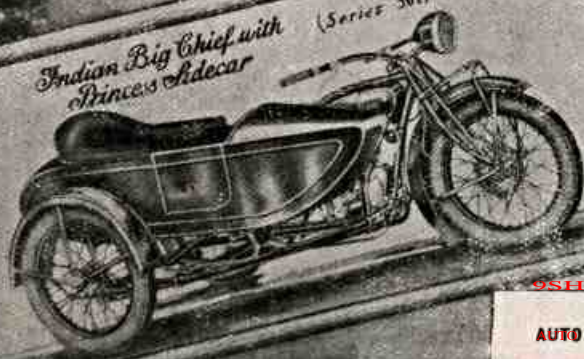
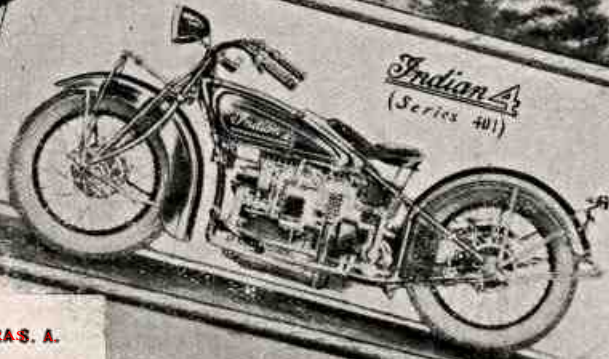
Martha enxugou os olhos.

— Ella a criou, não é verdade? — proseguiu elle.

— Desde que eu tinha dois annos, senhor.

— Teria desejado dizer-lhe que não se inquietasse pela senhora, que não necessitava inquietar-se.

— O senhor é muito bom para mim, senhor Hinkey. Não sabe quanto lhe agradeço! E prestando attenção a um rumor que vinha do "hall". — E' Jayme... Parece-me ouvil-o.

(Continúa no proximo numero)

O DRAMA DOS DOMINGOS

De JULIO FRANZOSO

ERA seu *drama*. Não podia evital-o: o *drama dos domingos*, como elle o chamava conversando a sós comsigo mesmo. Desde cêdo, José Lopes sentia, sobre seus quarenta annos, o cansaço que lhe produzia a chegada desse dia que todos, menos elle, pareciam esperar com alegria, com projectos, com illusões. Pela manhã, resolvia dormir um pouco mais que de costume. Ora! Era domingo. Mas, não. Elle não podia fazel-o, lutava inutilmente por conseguil-o, despertava como todos os demais dias da semana, á mesma hora, com uma exactidão chronometrica, ridicula, que o fazia pensar que todo elle era um enorme relogio e que sua alma era um refugio de complicações mecanicas, onde as sensações vibravam sempre a um identico compasso.

José Lopes nunca chegou tarde a seu escriptorio. Havia muitos annos se dobrára á disciplina do horario, e a acceitava com toleracia de automato.

Assim é que, por costume, não podendo dormir nem um minuto mais da hora habitual, preferia abandonar o leito, e se dedicava ao trabalho de todos os domingos pela manhã. Em chinelos, com umas calças velhas, velhissimas, prehistoricas (umas calças de que talvez se envergonhasse si lhe perguntassem sua idade), sahia do pateo, muito reduzido, da casa de pensão, e ali, de cara para o sol, procurava em seu traje negro as novas manchas que houvessem cahido nelle desde o domingo anterior. Essas manchas abundavam de uma fórma quasi alarmante, fazendo-o pensar que aquelle seu traje podia ser offerecido como catalogo vivo de alguma cinturaria que quizesse tomal-o para inaugurar um novo systema de propaganda tirando manchas a domicilio...

Emfim, José Lopes invertia nessa tarefa um par de horas. Como elle dizia: "ia matando o domingo"... Depois, vestia o terno limpo, com prolixidade, e sahia á rua, sem destino, olhando os *outros viverem*, através de seus grossos oculos de crystaes, como si elle estivesse separado da vida daquella vida que viviam os outros...

Sempre fôra assim. Não podia reformar-se agora, aos quarenta annos. Por isso sahia á rua, comprava um jornal, e caminhava... caminhava, até que, cansado, entrava em um café, sentava-se, desdobrava o jornal e começava sua leitura.

Lia os annuncios, e ria — elle! — da ingenuidade de alguns annunciantes que offereciam a felicidade por uns mil réis gastos em tal ou qual artigo. Depois repassava a secção "Missas e funeraes", para ver si encontrava o nome de algum conhecido. Mais tarde acabava na secção "Na policia e nas ruas", estremecendo deante das narrativas horripilantes dos crimes monstruosos que lhe offereciam os chronistas daquelle jornal, como si houvessem estado observando ali mesmo, *no logar do facto*, o criminoso no

momento em que vibrava na victima a ultima punhalada...

Depois, cansado da leitura, iniciava o regresso, almoçava, ouvindo os projectos que, á sua direita e á sua esquerda, construiam seus companheiros de pensão para passar o domingo. Elle não intervinha em nenhum delles. Era um elemento *triste* em qualquer reunião. Por isso o isolavam... José Lopes conformava-se. Dava-lhes razão. Terminado o almoço, voltava de novo á rua, e era então que começava de verdade o *drama dos domingos.*

Tinha que passar a tarde, tinha que matar impiedosamente aquellas horas que faltavam para a outra hora de jantar, refugiando-se depois no somno para recomeçar, na segunda-feira pela manhã, sua vida de automato, dentro da qual, no emtanto, encontrava algo muito parecido com a felicidade...

As ruas do centro da cidade viram-no passar muitas vezes com os olhos fatigados, pequeninos atraz dos vidros, como que cansados de observar o mesmo espectaculo todos os domingos. Em seus ouvidos vibravam, fortemente estridentes, as campainhas dos cinemas annunciando o inicio das sessões...

Observava o programma. A's vezes um titulo o tentava, e elle occultava por um momento, na penumbra do salão, sua figura magra e triste. Mas depressa cançava. Uns risos faziam-no voltar a cabeça. Era um par de namo- Não gostava de ter namorados rados. (Si não o era, parecia...) atraz, em suas costas e tel-os tambem ali, de frente, na tela...

Levantava-se, tropeçava com os pés de alguem, quasi cahia sobre o espectador mais proximo, em sua pressa por ganhar a porta de sahida, e José Lopes de novo se encontrava na rua, com os olhos ainda escancarados, passeando seu drama, o *drama dos domingos,* confundido com os outros... Continuava andando... Parava deante das vitrinas, sem interesse algum, observava os preços dos artigos, estabelecia em sua mente comparações. De repente, alguem o empurrava, sem querer incommodal-o, naturalmente, mas lembrando-lhe que devia caminhar... E caminhava... Já matára algumas horas, quasi a metade da tarde. Um pequeno esforço mais, e arrancaria de seu calendario a folha de mais um domingo.

O DRAMA DOS DOMINGOS

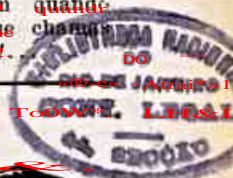
(Conclusão)

Entrava em um café, qualquer que fosse (não tinha preferencia por nenhum) e escolhia uma mesa perto da vitrina, para que assim pudesse ver o rosto das pessoas que passassem, entretanto, pela rua, a caminho de uma casa de diversão, a caminho de um engano, atropelando-se e pedindo desculpas...

Regressava...

Matára já a tarde, desapparecêra sua impaciencia deante daquellas horas totalmente desoccupadas que eram como um parenthese de engano ou de esquecimento ás tarefas habituaes. Regressava contente, quasi. Via á sua frente varios dias para se encontrar de novo deante do *drama* do proximo domingo. Ah! Mas esse proximo domingo iria para aqui ou ali, sahiria ao campo, longe, longe das campainhas dos cinemas, dos empurrões sem *desculpas,* de tudo... Ora! enganava-se a si mesmo, como todos os domingos á noite... Era um enfermo...

Pela manhã de segunda-feira, a campainha do despertador soava longamente. José Lopes começava a semana, mecanicamente, exactamente, como si todo elle fosse um enorme relogio e sua alma um refugio de desillusões e de tristezas, cuja corda humana — o coração — ainda não havia deixado de pulsar...

Pobre José Lopes! Quantos, como tu, se inquietam quando vêem chegar isso a que chamas *o drama dos domingos!*...

O tonel de Diogenes

De Henrique M. Calzada

NO terreno do pensamento, a adhesão incommovivel ás opiniões, a incapacidade do individuo para mudar de parecer, para achar hoje seductora a idéa que amanhã irá repellir, caracteriza os individuos de pouca imaginação. No terreno do sentimento, essa deficiencia se erige em virtude pela maioria das pessoas, e recebe o nome de fidelidade. Ha, inclusive, poetas que se vangloriam de possuil-a, que fazem dessa deficiencia motivo inspirador de seu canto, que vivem apregoando sua falta de imaginação.

•

E' indiscutivel que as chamadas mulheres faceis possuem uma especial attracção, mas não se estabeleceu claramente em que consiste essa attracção: si na facilidade que apresenta sua conquista, ou na facilidade que suppõe o renunciar a ellas.

•

Que uma mulher viva só em uma grande cidade, sobretudo si essa mulher é joven e bella, póde ser perigoso; que seja um homem quem vive só, por menos dotado de qualidades que seja esse homem, é necessariamente fatal.

•

Como o progresso material do mundo siga seu curso, dia chegará em que quem utilize a cabeça para discorrer pareça um sujeito tão extraordinario como o que emprega os pés para fazer primores calligraphicos.

•

De accordo com a longitude do raio de sua capacidade de comprehensão, de sua curiosidade, de seu interesse e de sua sympathia, os espiritos se dividem em provincianos, estaduaes, nacionaes e internacionaes. Ha tambem espiritos supernacionaes, e ainda universaes e cosmicos, mas só em theoria. Em sua vida diaria, a gente só tropeça com espiritos provincianos.

•

São tão numerosos os individuos em cujo talento todo o mundo fala, mas que nunca vimos demonstrar esse talento, que chegamos a pensar si não haverá hypocritas do talento, sujeitos astutos que o dissimulam e occultam como um feio vicio, como certas deformidades physicas.

•

Si alguma cousa significa a consideração de que se cerca os velhos, o chegar a velho constitúe um grande merito, e o é muito maior quando se trata de um literato ou de um artista. Na existencia dos artistas ou dos escriptores longevos, chega finalmente uma hora em que podem elles morrer tranquillos, porque seu necrologio nos jornaes será um longo rosario de elogios.

Nesses elogios vae implicita uma censura para todos os tolos que commetteram a imperdoavel falta de morrer moços.

•

Em cada cem vezes que se emprega o adjectivo "humano", noventa vezes, pelo menos se incorre numa flagrante redundancia. Dizemos "espirito humano", "piedade humana", "angustia humana", "dor humana"...

Que cousa ha sobre a terra que, num sentido ou noutro, não seja humana? Em ultima analyse, que cousa ha que, prescindindo do homem, tenha algum conteúdo, algum valor, algum significado?

•

Afflige pensar na immensa quantidade de livros mortos que nascem entre nós; mas deve confortar-nos o pensamento de que as nações onde hoje floresce com mais esplendor o genio literario lançaram tambem ao mundo, desde Guttenberg até nossos dias, innumeros livros mortos, milhares de toneladas de papel inutilmente impresso, sendo relativamente exigua, dentro dessa formidavel quantidade, a proporção dos livros conseguidos. Nós, provavelmente, teremos tambem que imprimir sem proveito muito papel para nivelar-nos com essas nações que ha dez ou doze seculos, vêm produzindo, juntamente com alguns livros immortaes, uma infinidade de livros mortos. Temos apenas cem annos de producção e ainda decorrerá muito tempo antes que hajamos "igualado differenças". Nesse longinquo tempo, teremos uma grande literatura, uma literatura magnifica. Porque os livros mortos são o esterco necessario para que floresçam os livros esquisitos. Porque, afim de que possa surgir um genio, é necessario encher as cavernas dos seculos com montanhas de livros mortos, do mesmo modo que, na guerra, para tomar uma fortaleza, é necessario, ás vezes, encher suas fossas com cadaveres.

•

Sinto verdadeiro affecto pelos animaes, e comprehendo perfeitamente aquella phrase pessimista de Schopenhauer: "Si não houvesse cães, eu não queria viver". Mas, não deixo de reconhecer que, para que um individuo a'he preferivel a sociedade dos animaes á sociedade dos homens, é preciso que esse individuo seja um pouco animal. E' provavel que Schopenhauer, no fundo, tivesse alguma cousa de cão...

"GENERAL OSORIO"

É O NOVO NAVIO-MOTOR DA

LINHA HAMBURGUEZA AMERICANA

de 23.000 toneladas de deslocamento (14.000 tons. bruto) com uma ultra-moderna installação de Classe intermediaria, que fará a sua viagem inaugural em

7 de Agosto para Lisboa, Vigo e Hamburgo

SEGUNDA VIAGEM EM
16 DE OUTUBRO

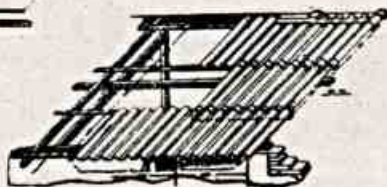
Informações aos Agentes Geraes

Theodor Wille & C.

AVENIDA RIO BRANCO, 79 — **Tel. N. 1582**

F

DE

TELHA «CENTENARIO»

Aprovada pelo Departamento Nacional de Saúde Publica.
Patente n. 14.949

Papelão de todas as qualidades, Caixas de papelão para todas as industrias, Telhas "Centenario", Rendas de papel para os mais finos trabalhos e Pratos de Papelão para todos os misteres.

Industrias Reunidas S. Luiz Limitada

Rua Baroneza de Uruguayana, 32 a 44

TELEP. JARDIM 0312 — RIO DE JANEIRO

PENSÕES

BRAZ GLÉTTE

VINDE! Dae-me a vossa mão e eu vos levarei á minha pensão. Mostrar-vos-ei a sala que ri, o quarto que chora. O salão em que se pagodeia, em que se estraçalha o caracter do amigo. Ao discreto *budoir* onde ellas fingem..., Mais ainda: os casaes detestaveis, as moças insupportaveis!

Lá ha de tudo. Na cozinha: rabanetes, cebolas, batatas, pedaços de vitella a escorrer sangue, café, ovos em principio de deterioração, moscas... muitas moscas! No *hall*: o piano desafinado, a victrola abusiva, o tapete colorido como os outros, a mesinha de centro a esborrachar-se com o peso de um jarrão florido. Nos quartos: camas bem postas, com os grossos cobertores a avolumal-as, guarda-roupas austeros, commodas de gavetas desconjuntadas... O banheiro immundissimo, a bacia a afogar-se num montão de papeis amassados, e a rescender o cheiro criminoso do gaz do aquecedor. A installação electrica desarranjada...

A existencia, nessas casas onde fervilham typos de caracteres oppostos, sómente poderá impressionar, á altura da realidade, aquelles que, como eu, tiverem a coragem de penetrar-lhe no intimo.

Entre risos e flores em que muita vez desperta essa promiscuidade de gente, eis que surgem inesperadamente e a gritar bem alto, trechos de comedias bem tristes; que lhe atrophiam e reseccam a bocca e as petalas.

Fechado em tal ambiente nostalgico, a gente leva longe o pensamento, para trazer, a um ar-se com o que no momento nos afflige, recordações fagueiras de um passado que nos faz rir.

E' o poeta que, com o ardor de seus versos, revive os tempos felizes em que a sua lyra enleiava o lindo corpo da noiva.

A casinha de sapé do sertanejo que, com os cajueiros frondosos, lhe enchia a vida de encantos e simplicidade.

E' a viuva honrada, a criancinha orphã, outro ainda, a suspirar pelo esposo, pela mãe; pela vida!

Pensões!...

Intrigas, revolução, rabanetes, moscas... muitas moscas!

* * *

Mas a minha é tão differente...

As outras não têm a Tinôca!

BRAZ GLÉTTE

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

O que nem todos sabem

Segundo dizem os japonezes, poucas são as plantas que não podem ser utilizadas na alimentação do homem. No Japão, até se cultivam as algas marinhas para o consumo humano, do mesmo modo que entre nós outros se faz com os legumes e os cereaes.

•

"Hauteville-House", a casa em que Victor Hugo morou na Ilha de Guernesey, foi offerecida, como se sabe, pelos descendentes do grande escriptor, á cidade de Paris; ella apresenta a particularidade de haver sido quasi inteiramente mobiliada e adornada pelo poeta, que ali executou, não só desenhos e quadros, sinão tambem moveis, no estylo medieval, que especialmente lhe aprazia.

Na galeria do segundo pavimento notam-se curiosas poltronas, que trazem no dorso, em letras formadas por prégos dourados: "Mater" (o que indicava a poltrona de Madame Hugo); "Pater" (a do dono da casa, um pouco mais elevada, como signal da autoridade paterna); "Filius" (a de um de seus filhos) e "Amatus amat" (o que ama e é amado). Na sala de jantar, vê-se a famosa cadeira dos antepassados, com a divisa: "absentes adsunt" (os ausentes estão presentes). Durante as refeições essas cadeira permanecia vaga no logar de honra, e inspirava, segundo se dizia, certo receio aos convidados impressionaveis.

•

O primeiro processo moderno para a fabricação do papel, foi descoberto na China, ha muitos seculos. Naquelle tempo, os povos do velho continente se dedicavam mais ás armas do que á penna, razão pela qual pouca importancia davam ao papel. Essa industria foi levada ao occidente pelos tártaros e pelos arabes, successivamente.

O sello mais raro no mundo é o de 1 cent, da Guyana Ingleza, de 1865, do qual só se conhece um exemplar. Essa estampilha postal, dada a sua extrema raridade, não tem preço.

Outros sellos, de acquisição menos difficil, alcançaram, recentemente, preços elevadissimos. Os de 1 penny e de 2 pence da Ilha Mauricia, de 1847, valem 215 contos de réis; de cada uma dessas emissões são conhecidos sómente doze exemplares. Os sellos de 4 pence dessa colonia ingleza, de 1848-1858, foram editados com uma letra errada, valendo hoje, por isso, 175 contos de réis. O mesmo valor é attribuido aos sellos de 2 cents da Guyana Ingleza da emissão de 1859.

•

Existe, nos arredores de Tokio, a capital nipponica, um templo exótico dedicado á raposa, que é o mais astuto dos animaes. Esse templo tão original, conhecido ha seculos, é frequentado pelas mulheres jovens que desejam casar. Não sabemos porque...

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 25

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 1929.

MINHA NOITE DE SÃO JOÃO

Por MARTINS CAPISTRANO

JÁ ouço o espocar das primeiras bombas de São João, e vejo, no céo sereno e amavel desta noite de junho, os pontos luminosos de muitos balões que sobem, confundindo-se com as estrellas... De muitos balões tangidos pela algazarra feliz da garotada do meu bairro. Balões de São João — symbolo de papel das illusões de todos os meninos...

Todo o meu bairro está, nesta hora alegre, dominado pelos fogos infantis, que são os pródromos rumorosos dessa outra noite de junho que vem tão perto e que acorda na alma da gente toda uma resurreição de coisas idas. De coisas que ficaram lá longe, num silencioso recanto da nossa existencia.

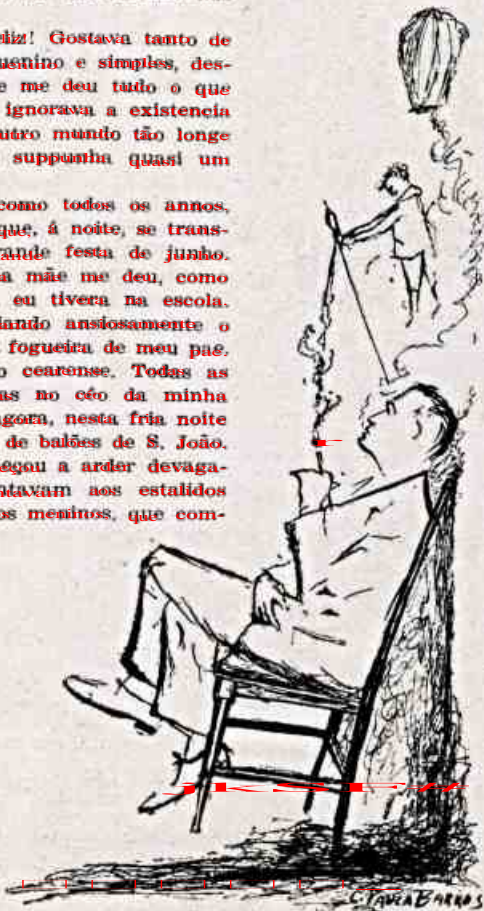
Meu espirito recúa para o passado e vae evocar, desoladamente, dentro da sua grande saudade adormecida, uma noite de São João na minha terra distante, no meu plácido Caminde, onde as noites de junho se incendeiam nas faiscações fugitivas dos pyrilampos...

Eu era ainda tão ingenuo e tão feliz! Gostava tanto de São João! Conhecia, apenas, o mundo pequenino e simples, desambicioso e bom daquella cidadezinha que me deu tudo o que eu tenho, porque me deu a vida. Mas não ignorava a existencia deste outro mundo onde ora vivo. Deste outro mundo tão longe da minha imaginação infantil, que eu o suppunha quasi um mundo encantado.

Na manhã da vespera de São João, como todos os annos, meu pae mandou empilhar a lenha verde, que, á noite, se transformaria na grande fogueira da nossa grande festa de junho. Cêdinho, eu recebi alguns fogos que minha mãe me deu, como premio das bôas notas que, naquelle mez, eu tivera na escola. Passei o dia inquieto, impaciente. Aguardando ansiosamente o cahir da noite, para vêl-a illuminada com a fogueira de meu pae. Fazia um tempo lindo de fim de inverno cearense. Todas as estrellas que eu conhecia estavam accesas no céo da minha terra. Um céo como este que estou vendo agora, nesta fria noite de junho carioca: pontilhado de estrellas e de balões de S. João.

Quando a lenha verde da fogueira começou a arder devagarinho, dando estalidos seccos, que se juntavam aos estalidos das minhas bombas e das bombas dos outros meninos, que commigo festejavam São João, á frente de minha casa, vieram as espigas de milho verde, que as chammas assavam, para gulodice da meninada alli reunida. Eu era o chefe do bando, porque era filho do dono da fogueira... E tomava attitudes de autoridade de prestigio. Depois, lembraram as sortes de São João. Quadrinhas escriptas em papeluchos enrolados, agua clara no fundo de uma bacia, onde a gente procurava ver a propria cara reflectida, para ficar tranquillo até a futura noite de São João, que seria poupado pela morte... O cabello do milho verde assado na fogueira servia para designar a côr do cabello da mulher que seria nossa esposa. Fiz essa experiencia escondido de meu pae... E sempre era loiro o cabello da espiga que eu despalhava. Loiro como o sol da minha terra. A sorte quiz fazer ironia commigo. Quanta saudade eu guardo dessa noite de São João!

— Muitas noites iguaes, com fogueiras e sortes, com milho verde e bombas, eu tive ainda, antes de deixar a minha cidadezinha tão simples e tão bôa. Muitas noites alegres de São João, perto de minha mãe e de meu pae. A ultima, si bem me lembro, foi ha quinze annos. Eu tinha apenas quatorze e já fazia uns versos languidos, apaixonados, ás meninas cujos encantos impressionavam... a minha lyra adolescente. Deante da fogueira tradicional, da grande fogueira de São João, li, commovido, um soneto que fizera durante o dia, e que falava em junho, e num cabello da côr do cabello das espigas que eu despalhára... Um cabello que foi apenas uma illusão na minha vida...

— Já ouço o espocar das primeiras bombas de São João, e vejo, no céo sereno e amavel desta noite de junho, os pontos luminosos de muitos balões que sobem, confundindo-se com as estrellas... Eu quizera ser sempre criança, para poder soltar bombas e para poder tanger balões, como a garotada do meu bairro...

IMPRENSA CARIOCA

O 28°. anniversario do *Correio da Manhã*.

OS nossos prezados confrades do «Correio da Manhã» commemoraram, sabbado ultimo, o 28° anniversario do brilhante e tradicional orgão da imprensa carioca.

Em edição especial circulou o grande diario, que, brevemente, passará por completa remodelação, segundo annunciou, nestes termos, aos seus numerosos leitores:

«Dentro de alguns mezes, o «Correio da Manhã» inaugurará suas novas installações em predio proprio, que está construindo num amplo terreno da avenida Gomes Freire. Vamos, emfim, realizar uma velha aspiração, que permittirá a esta folha attingir o maximo da perfeição e collocar-se entre os orgãos de maior destaque na imprensa mundial. Para isso estão voltadas todas as nossas attenções e acreditamos, sem vaidade, que o «Correio da Manhã», preencherá, no jornalismo brasileiro, um logar até hoje vago.

Confrontada com as principaes cidades do mundo, o Rio de Janeiro é das que se apresentam sem um diario de feição absolutamente moderna. E' o nosso escopo, todo o nosso empenho, todos os recursos de que dispomos e possamos dispôr, serão para dotar a nossa bella e adeantada cidade de um jornal nos moldes dos das maiores metropoles da America e da Europa.»

A noticia é, assim, das mais alviçareiras e, certo, a receberam com a sua melhor sympathia os admiradores do excellente diario de Paulo Bittencourt, a quem FON-FON felicita, fazendo votos pela maior prosperidade do «Correio da Manhã».

O 10°. anniversario de *O Jornal*.

Uma etapa gloriosa, assignalando um cyclo de notaveis conquistas no campo de actividade da imprensa nacional, acabam de vencer os nossos brilhantes confrades do «O Jornal», o grande e magnifico diario carioca, que, neste momento, é um dos mais autorizados orgãos da opinião brasileira.

Se, da sua fundação aos nossos dias, o excellente matutino sempre se impoz ao melhor acatamento publico, é justo assignalar que, de quatro annos e meio para cá, quando a sua actual direcção assumiu as responsabilidades de sua orientação, mais ampla e mais efficiente se tem tornado a sua zona de influencia no meio brasileiro, onde a sua actuação é, hoje, das mais beneficas e fecundas.

O esforço, a intelligencia, as inspirações de alto e legitimo patriotismo que assim vêm conquistando para «O Jornal» a situação de prestigioso relevo que, hoje, desfructa, são, em grande parte, devidos ao seu actual director, dr. Assis Chateaubriand, uma das mais completas affirmações do jornalismo brasileiro contemporaneo.

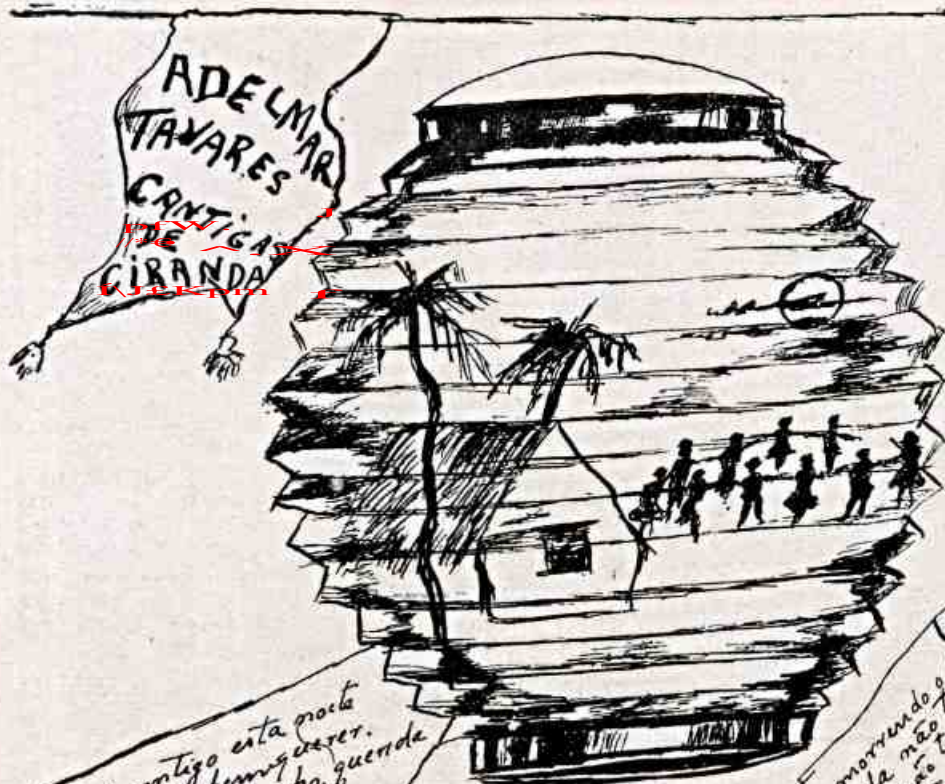
«Self-made-man», servido por um espirito de combatividade que não conhece desfallecimentos, Assis Chateaubriand é, na actualidade, uma das mais authenticas expressões do nosso valor mental e cultural.

A seu lado, cooperando para o maior brilho e desenvolvimento da importante empresa jornalistica que elle dirige, presta-lhe precioso concurso uma pleiade de jornalistas de altos meritos, dentre os quaes destacamos Gabriel Bernardes, Saboia de Medeiros e Austregesillo de Athayde, nomes acatadissimos nos circulos da imprensa nacional.

FON-FON sente-se bem ao cumprimentar, na pessoa de Assis Chateaubriand, os brilhantes confrades do «O Jornal», por cuja crescente prosperidade formula sinceros votos.

O Automovel Club do Brasil inaugurou a sua estação de inverno com o chá-dançante que se realizou na penultima quinta-feira, nos luxuosos salões do palacio da rua do Passeio, e que foi uma nota de grande brilho mundano.

O sr. ministro da Agricultura, dr. Lyra Castro, foi homenageado, no ultimo sabbado, na legação da Polonia, onde o sr. ministro T. Grabowski offereceu a s. ex. um jantar, no qual tomaram parte, tambem, especialmente convidados, os membros da delegação brasileira á Conferencia Parlamentar Internacional de Commercio.

Foi de muito encanto a festa de arte que o Atlantico Club offereceu aos seus associados na noite de sabbado ultimo. Organizou-a o illustre poeta Adelmar Tavares, que soube confeccionar um programma do mais fino gosto artistico. Muitos foram os números de musica e literatura, em que tomaram parte, além de outras pessoas, mlle. Elza Ribeiro, mme. Bocayuva, Bastos Portella e Adelmar Tavares, que foi sempre muito applaudido, no decorrer da festa.

ADELMAR TAVARES
CANTIGAS DE CIRANDA
Sonhei contigo esta noite
E que era teu bem querer.
Só mesmo em sonho, querida
— Isso poderia ser...
Quando o amor é verdadeiro
A gente é delle infeliz
Leva-se a vida soffrendo
Vem a Morte e não se diz...
Já lá vae morrendo o dia
E hoje ainda não te vi
O dia que não te vejo
É dia que não vivi...
Quem tiver amor esconda
Faça por muito esconder
Que as coisas da alma da gente
Ninguem carece saber.
Maria deu-me uma rosa
Dizendo que é meu amor
E eu não posso ver Maria
Que não pense numa flor...
Por toda a vida te lembro
Porque o primeiro é primeiro
— Primeiro amor não se esquece...
Não quero ouvir o teu nome.
Nunca mais te quero ver!
E passo a vida pensando
O modo de te esquecer!
Dizem que a Sorte é inconstante
Porque é mulher... Vae-lhe bem!
— Mas o Destino que é homem
Porque inconstante tambem?!
C. PAULA BARROS

Evanidade...

IMAGENS...

Quando aquella figurinha de boneca, muito esmaltada, terminou os ultimos versos de uma Noite cheia de estrellas, de Adelmar Tavares:

Viver feliz com o teu amor
E ver nada mais...

e desceu, do tablado, no salão esplendente, toda frocada no seu vestido de failleu negro, uma onda de applausos percorreu o ambiente.

Ella estava victoriosa.

Em torno á sua pessoinha de boneca, logo se formou uma roda de sympathia. Apertos de mão. Cumprimentos. Parabéns. E a linda diseuse sorria o seu frio sorriso de paulista.

Fui eu o ultimo a lhe ser apresentado e a lhe apertar os dedos, onde a gota de sangue de um annel rutilava como um arremedo do sol no poente.

— Não sabia que era paulista.

— Pois é por isso que o admiro. Sou paulista e sei que o sr. gosta da minha terra.

E após um silencio:

— Mas porque empallidece e me olha assim, com esse olhar parado, como si eu o estivesse hypnotizando?

Continuei a fital-a. E ella:

— Ih! Como o sr. é fraco! Os seus olhos estão cheios dagua. Vê? Sou forte. Os meus têm um fulgor que até faz chorar.

As minhas palpebras se apertaram num movimento instinctivo. E como se despertasse de um sonho:

— E' que estava vendo na sua figurinha de paulista a imagem de uma outra paulista.

— Quem será essa criatura feliz?

— Não tem nome. Ou antes, já não existe!

— Morreu?

— Quem sabe? Uma criatura que vive sepultada dentro de uma saudade não deve ser senão uma morta.

— Morta para a vida?

— Morta para o amor, que é uma morte mais triste ainda que a outra.

Mlle. sorriu. Corrigiu, em breves retoques, o seu maquillage.

— O sr. está apaixonado, sr. Y...?

— Eu?

— Claro. O sr. mesmo. Para falar nessa linguagem lyrica, o seu coração deve estar transbordando de...

— De que?

— De paixão.

— As grandes saudades vêm dos affectos ephemeros, passageiros... Passageiros como...

— Não cite as rosas de Malherbe.

— Citarei as de Saadi, quer? Ou prefére as de Jerichó?

— Cite as de Therezinha de Jesus.

— Está bem. São rosas mysticas... convém á ladainha do meu amor doloroso.

— Ladainha que o sr. vae recitar?

— Si lhe interessa...

— Pois não. Basta centralizar a figura de uma bella paulista.

Um silencio difficil. Os olhos negros de Mlle. esperam, dançando, irrequietos, um bailado de curiosidade.

Uma tarde, eu me achava em S. Paulo. Era no inverno. Fazia frio, aquelle frio da sua terra que refrigera e desóla.

O Brasil é a terra das mulheres bonitas. Das mulheres, cujos olhos são feitos de flamma e de veludo. Mas S. Paulo é, indiscutivelmente, um dos Estados onde estão as mais lindas brasileiras. Louras ou morenas, ellas encantam pelo rythmo das suas attitudes e pelo frescor das suas graças naturaes. Essa figurinha vaporosa, toda rendas e fitas, é uma linda paulista, que no recente concurso de belleza deteve o titulo de «Miss Bragança». Para a admiração dos que a conhecem, ella é a senhorita Iracema Certain. Mas, de qualquer modo, é uma criaturinha linda, que sabe sorrir e encantar.

Um céo de cobalto, vestido de brumas fluctuantes. A garôa. Oh garôa paulista! Ella, a criatura que...

— Que parece commigo?

— Sim. A criatura que tem esse seu typo de boneca, esse olhar e essa musica na voz...

Estava sentada deante do meu olhar investigador nu ma elegancia irreprehensivel, com aquelle seu ar de princeza russa. Utopista, sonhadora, ella me levava para o seu bello sonho de moça, nas azas da sua idealidade, das suas chimeras, doidas e tontas como mariposas.

Estavamos sós, no jardim de inverno do hotel. Nas suas mãos uma rosa branca soffria os seus caprichos, rolando entre os seus dedos longos e fidalgos. A flôr cahiu entre nós. Inclinando-se, ao mesmo tempo que eu, para apanhal-a, as nossas mãos se encontraram. E os nossos corações se desencontraram no seu rythmo... Bateram desordenados.

A melancolia da tarde, aquellas brumas, a garôa fria, tudo aquillo tornava aquelle momento tão romantico...

— E depois?

— Depois... Quer que lhe diga, mile.? Depois, eu voltei para a metropole. E a minha vida foi correndo, correndo como no verso do poeta hespanhol: correndo por outras plagas, mas reflectindo sempre aquellas mesmas imagens.

— Ou aquella imagem?

— A imagem della, daquelle beijo, — de tudo que nos cercava.

Uma outra bonequinha de salão, como La femme en rose, de Manet, veiu buscar a diseuse paulista para o chá. E a imagem desta ficou se evaporando a meus olhos como si fosse a imagem da outra... a outra que está sepultada dentro da minha saudade...

ESTRELLINHAS — Anatole France escreveu este bello pensamento: "Le charme qui touche le plus les ames est le charme du mystére. Il n'y a pas de beauté sans voiles, et ce que nous préferons c'est encore l'inconnu. L'existence serait intolérable si l'on ne rêvait jamais".

Essas palavras convidam á meditação larga e profunda. De facto, não ha encanto que mais deslumbre a alma do que o do mysterio. Para mim, o véo que as turcas traziam até ha bem pouco tempo, lhes dava um prestigio á belleza que hoje ellas não podem ter. Entre nós, são os collos e as pernas femininas. Assim mesmo uma perna bem calçada, vestida com a seda transparente das meias caras, e o collo velado pela espuma das rendas, despertam maior interesse do que nas praias de banho.

"Il n'y a pas de beauté sans voiles". E assim é. Ha coisas lindas, ha bellezas que só devem ser vistas como os "pasteis" ou as miragens desérticas.

De longe, attraem e fazem sonhar. Parecem nimbadas de um esplendor sempre novo, mysterioso e empolgante. De perto, chocam, ás vezes, a sensibilidade com o flagrante da verdade que, geralmente, é cruel; e matam a illusão que maravilha a alma e fascina, embaladoramente, o olhar.

Sem darmos por isso, preferimos o desconhecido. E tanto é assim que, si imaginamos bonita, arrebatadora a mulher que amamos sem conhecer, e um dia somos colhidos pela decepção de que ella é a negação da criatura imaginada, esta, que vive em nossa fantasia, continua a viver, como dentro de um sonho, a vida marginal de outro sonho.

Ai de nós si não houvesse o doce consolo do sonho!

E' por isso que a mentira é amavel e suave e a verdade é rude, desorientadoramente cruel.

A mentira encerra as seducções do sonho; a verdade, a brutalidade das coisas exactas e indisfarçaveis.

O sol pode ser a vida, porque é a verdade da luz. Mas ninguem poderia passar sem a doce mentira do luar — o reflexo de uma luz que não é sua.

Quando o espirito cansa da realidade, quando ella começa a pesar sobre a consciencia, só ha um refugio, um oásis, para o seu repouso tranquillo: a mentira.

E eis porque adoro as mulheres. Porque sendo a mentira de si mesmas: — mentira pela bocca, mentira pelas attitudes, mentira, pelo artificio com que se adornam e dissimulam — são ellas que nos dão o consolo da melhor e mais saborosa mentira — o amor.

CLARO-ESCURO — Doçuras tristes de uma melancolia sem causa, por que tombaes, assim, so-

Silhuetas que passam...

bre o meu coração, neste torrer do dia? Sombras de uma saudade indefinivel, por que rolaes, sobre a minha alma soturna, agora que a luz do poente é uma agonia da tarde!

Oh, a melancolia do sentir as coisas bellas da vida! Sonhar de olhos abertos! Chorar pelo coração! Morrer e viver pelo espirito, nesse desmaio da tarde, nesse clare-escuro do céo, nessa vertigem branca da natureza!

Esta lampada que arde, arde sem cessar, sobre a minha cabeça, transforma este ambiente de sala n'uma camara mortuaria. Ali está o esquife azul do meu sonho. Em torno, as rosas brancas da minha saudade e os crepes pesados, os revestimentos da camara ardente — ouro e rôxo. Esplendor, o fausto de uma alegria extincta e a melancolia do presente, o chôro calmo e discreto da hora que passa como um cantochão, em surdina. Ouro e rôxo! Uma decoração funebre e pungente como convem a um sonho que encheu de maravilhas duas vidas moças e ardentes.

A minha imaginação accende cirios pallidos em roda da urna azul que ali está.

Agora, que o poente é todo cinza, começa o enterramento. Lá vem a procissão das nossas fantasias: as minhas e as tuas, meu amor. Estás pallida.

Por que não choras? Eu, por mim, não chorarei: o meu coração é de bronze. De mais, passei da idade em que os homens choram por um sonho. Já me habituei a perdel-os...

Ouves? E' a campa funerea do campo-santo:

— *Tem... tem... tem... tem...*

Lá vae o cortejo lento, lento, emquanto o sol morre como um outro sonho triste da tarde. Mas a tarde chora — porque começa a chover. E tu, por que tens os olhos seccos, seccos como duas fontes extinctas?

Desce o pobre morto á sepultura. Emquanto caem as pás de cal sobre o esquife azul, eu recito a prece destes versos melancolicos:

Je vis, mais jamais je
[n'oublie
Les brulants instants du
[passé;
Cette immense mélan-
[colie
Quand donc voudra-t-elle
[cesser!

....

C'est si long ce qui est
[fini!...

dos, admiraveis, na sua belleza triste, naquelle lago de dôr e de magoa.

Contrahi os labios para não trair a minha commoção. E limitei-me a dizer:

— Minha senhora: Não dramatize as coisas. Uma mulher joven, bonita, elegante, intelligente, não tem o direito de dizer que estende a mão a um homem moço para lhe pedir pão. E onde estão os seus dotes da graça!

— Senhor, eu sou ho

— Eu? Egoista?

— Sim. A senhora. A senhora dá a entender que se deve fazer o bem, em troca do mal.

— Não o comprehendo.

— A senhora quer receber o bem, mas não o quer fazer.

— Mas como lhe posso fazer esse bem, si eu lh'o venho supplicar?

— A sra. póde fazer o bem do seu amor.

Ella teve um gesto desalentado. Novamente, os seus olhos se encheram de lagrimas. Cada

As emoções indefiniveis que os sorrisos retratam.

OS HOMENS... AS MULHERES... — De Yves — Olhos humidos, pernas cruzadas, sentado no "hall" do hotel, fumando, deante de mim, o meu amigo Claudio continuou o dialogo:

— "Mas o sr. não tem coração.

— Por que, minha senhora?

— Porque esta mão que se lhe estende é a mão de uma mendiga.

Fitei-lhe os olhos de um castanho profundo. Estavam humidos. Lindos

nesta.

— Mas quando ha fome a honestidade é um luxo.

— Não me insulte. Eu lhe venho pedir pão, isto é, a esmola de um emprego, e o sr. sorri da minha miseria.

— Não sorrio da sua miseria, vingo-me da sua affronta.

— Como assim?

— A senhora me fez sentir que...

— Diga, diga! Que lhe fiz eu sentir?

— Que era egoista!

vez mais linda — linda nessa aureola de soffrimento — radiosa na sua graça "coquette" de figurinha moderna, vestido com requintada elegancia — ella fitou os seus bellos olhos de vinte e dois annos.

— Fazer-lhe o bem do meu amor — repetiu ella, pesando bem o valor das suas palavras. Que quer dizer com isso?

— Não faça "chiqué". Não finja innocencia n'um momento em que se revela bem sagaz, bem

experiente, com a noção clara, nitida, perfeita, do que é a vida e o amor. A senhora pede pão a quem lhe pede amor. A senhora quer matar a

sua fome material, mas esquece a outra, a do amor, muito mais destruidora que a sua.

— Mas, senhor, tenha piedade de mim!

— Senhora, tenha pena do meu amor!

— Só o sr. me poderia ser util neste momento dramatico da vida de uma mulher!

— Só a senhora poderia sanar este desespero que lança tão grande tumulto no coração de um homem."

— Rompemos. Era fatal. — disse Claudio, fumando o seu cigarro de fumo turco. Pediu dois apperitivos ao "garçon". Quando este voltou, perguntei ao meu amigo:

— E depois, Claudio, em que ficou esse episodio?

— Depois?

E riu com um supremo scepticismo:

— Essa mulher dramatica tratou de vingar-se de mim...

E fez uma pausa para interrogar:

— De que modo julgas que ella se vingou de mim?

— Não sei. As mulheres são sempre decepcionadoras, desconcertantes nas suas attitudes.

E a voz de Claudio:

— Vingou-se de mim matando a fome de amor de um meu amigo intimo... para que eu o soubesse.

E bebemos em regosijo do episodio.

SYMPHONIA DAS CORES

R O X O

Agonia do sol. Primeiras sombras. Tarde.
Ultima chamma que arde
No egregio altar do dia.
Roxo... Melancolia...
Vestido de Dona Tristeza,
Quando nos vem visitar,
Nessa hora de quietude e de belleza
Quando, em volta de nós,
Tudo se acaba... e apenas
O silencio tem voz...
Querida côr das verbenas,
Das magoas e das penas
Das almas sentimentaes...
Côr da minha terra muito amada,
Onde eu vivo, abandonada,
E sempre a recordar
Alguem, longe de mim, numa terra encantada,
E que não volta mais!
Côr dos labios gelados
Para sempre calados,
Que o beijo da morte tragica sellou.
Roxo!
Um perfume de violetas,
A evolar-se, de manso, das gavetas
De uma velha secretária,
Que o seu segredo guardou.
Naquella campa ainda fresca, uma fita
Larga, com letras doiradas,
Pendendo de uma corôa,
Marcando uma dôr infinita...

Voz do sino que sôa
Na torre da abbadia,
Enchendo de sonho e poesia
O ultimo beijo do sol!
Na musica das côres, certamente
O roxo representa o ré bemól!
E ha tanta gente que engeita
A linda côr que foi feita
Do pranto doloroso de Maria
Vendo seu filho amado expirar e morrer...
Roxo... Melancolia!
E's a tristeza que havia
Naquelle doce olhar que não posso esquecer!

IDE BLUMENSCHEIN

(Colombina)

NOCTURNO — De Yves — O homem só está verdadeiramente livre quando se encontra em plena solidão. E' no silencio e no isolamento onde elle pode sentir-se á vontade, para agir e pensar. E' só quando é realmente sincero comsigo mesmo.

Por isso é que procuro ás vezes a solidão.

Vou pelos parques desertos, caminho pelas alamedas silenciosas, interno-me pelas mattas e pelas sebes espessas, afim de me sentir em contacto com a natureza, unicamente com ella.

Ainda hontem eu vinha por aquella praia solitaria. De um lado, o embate eterno do mar, das ondas revoltas e crespas; do outro lado, a vida da cidade: os automoveis, o vulto dos palacetes, a "féerie" da illuminação publica, — o sorriso claro das trevas. Entre ellas, vou eu. Vou eu com o meu passo vadio, bengala atravessada sobre os hombros, o chapéo cahido sobre os olhos, o ar distrahido, olhando a noite que passa e ouvindo o mar com ciume das pequenas estrellas, que o namoram do alto, ou que sorriem da sua queixa sem fim.

Essa idéa me desconcerta de todo. Faz meu coração palpitar. E eu que me refugio no silencio, que me isolo, por estas duas horas da madrugada, afim de ficar só, longe dos homens, fruindo um pouco de liberdade, eis que me surprehendo a pensar no teu amor, no teu amor que não mais existe, que passou como todas as coisas bellas que duram pouco.

Triste liberdade essa do homem! Triste evasão essa, do bulicio e da agitação do viver, para uma solidão passageira.

Nem mesmo ahi podemos estar sós. Nem mesmo ahi eu me pude sentir sózinho! De repente, a tua imagem perturbadora surgiu aos meus olhos distrahidos. E, desde então, não houve mais serenidade no meu espirito inquieto.

Vendo-te, na imaginação, numa representação mental, era como si te sentisse, te ouvisse, te aspirasse, te tocasse. Ias commigo, dentro dos olhos e dentro da alma — o que é ainda mais doloroso para quem deseja esquecer.

E seguindo, batendo o meu passo firme, que cantava a sua musica exacta, monocordia, das horas caladas, dos momentos espirituaes, eu soffria as sensações mais violentas e desencontradas, porque tu ias commigo, tu, a quem desejo esquecer.

Vês quanto póde uma mulher ser desastrosa á existencia de um

homem? Nem sequer podemos ter, ás vezes, um minuto de liberdade e solidão! Nem sequer podemos, ás vezes, pensar naquillo que queremos!

O SAPO

"M. de Lassay, homme très doux, mais qui avait une grande connaissance de la société, disait qu'il faudrait avaler un crapaud tous les matins pour ne trouver plus rien de degoutant le reste de la journée quand on devait la passer dans le monde."

Chamfort.

EPIGRAMMA

Bel-esprit fin, mais non
[sans tyrannie,
Pour se venger de n'être
[que cela,
Duclos disait: — Bête
[comme un génie,
Duclos n'eut point cette
[bêtise là...

Le Brun.

«Miss Paraná» (Didi Caillet), na sua passagem por S. Paulo, foi distinguida com expressivas homenagens, naquella capital. Realizou varias visitas officiaes e tomou parte num baile sumptuoso no Club das Perdizes. Ahi estão diversos aspectos dessas solennidades, nas quaes se vêem «Miss Paraná» e seus admiradores.

TREPAÇÕES

DEPOIS das aulas, em vez de seguir para casa, a professora vae para o cinema, "distrahir-se", como diz ás suas amiguinhas.

Ella, porém, não procura distrahir-se com os *films* que se desenrolam na tela, porque descobriu outro divertimento muito mais interessante...

A professora vae ao cinema, todas as tardes, apenas para dois dedos de prosa com certo typo bem tratado, de maneiras simples, e até sympathico, funccionario de uma repartição publica.

E' um vicio que ambos têm ir ao cinema todas as tardes, não sabemos com que fim..., pois garantimos que são incapazes de explicar o enredo dos *films* das sessões a que assistem juntos...

Não atinamos com a razão dos encontros, porque as condições civis dos amiguinhos são differentes, tudo indicando a impossibilidade de uma vida em commum...

MLLE. insiste em telephonar para o escriptor, no desejo de dar-lhe um trote mestre. Primeiro, eram os encontros marcados, em logares onde ella poderia "gozar" o aparvalhamento delle, si o rapaz não estivesse treinado nesse genero de trote. Depois, passou ás declarações epistolares... anonymas ou sob pseudonymo. Agora, a tactica é outra.

Mlle. pediu a uma conhecida do escriptor o convidasse a tomar parte numa festa intima que se realizou em casa della. A amiga convidou-o. Elle foi. E lá a tal senhorita do trote poude conversar com elle, sem que o rapaz soubesse que estava levando um trote. E agora ella lhe pergunta pelo telephone: "Qual era eu, entre aquellas cinco moças que lhe foram apresentadas? Estavam todas de rosa. Lembra-se?"

Ora, mlle. é realmente de uma ingenuidade deploravel. Então isso é trote?

Trote é uma cilada em que o trotеado denota a sua palermice. Mas não é esse o caso do escriptor.

Que ingenuidade!

MADEMOISELLE é um anjo de bondade e, só por bondade, por excessiva bondade, ella cae, ás vezes, em peccado venial. Em peccado mortal, nunca. Até ahi não vae o seu espirito de sacrificio e de abnegação.

Foi justamente isso que não poude ou não quiz comprehender um de seus muitos adoradores, joven e brilhante poeta da nova geração.

Futurista, em materia de tratar as musas, entendeu elle tambem declarar um amor furiosamente futurista á linda mademoiselle, que, por indole e por educação, é uma alma ainda a rescender o bom e suave perfume do espirito de outros tempos... Dos tempos em que o amor ainda era amado.

Mademoiselle, porém, sem perder a calma, sem alterar um traço da sua physionomia de santa, ouviu, complacentemente, a declaração futurista e a proposta, tambem futurista, do seu exaltado admirador.

Quem cala, consente... pensou elle. Tomando-se, então, de coragem, de audacia, puxou, soffrego, a cabecinha da santa, com intuito de... beijal-a.

E recebeu, em cheio, um *beijo* de mão, daquelles que ficam a arder para sempre na cara da gente...

Por estas e por outras é que é sempre bom andar-se, em coisas de amor, pela velha, romantica e cautelosa estrada do passadismo. E' o caminho mais antigo e ainda hoje, tambem, o mais curto e seguro para se conquistar um coração de mulher...

SYBEL de Bittencourt, a galante filhinha do nosso illustre confrade director do «Correio da Manhã», dr. Paulo de Bittencourt, num retrato devido ao pincel de Candido Portinari, o nosso grande pintor contemporaneo.

AQUELLE par de namorados, ou de noivos, rua acima, rua abaixo, passeava, a discutir.

Que diriam os dois, elle, sobretudo, mais exaltado do que ella, a abrir os braços, de vez em quando, em gestos descompassados?

Chamavam já a attenção dos que, pela mesma rua — um lindo trecho de Ipanema — cruzavam com elles.

Tanta exaltação... Aquillo talvez não acabasse bem.

Qual, porém, não foi a surpresa dos que lhes acompanhavam os gestos e os movimentos, ouvindo aqui e alli algumas palavras um tanto rispidas, quando ella, solicita e risonha, achegando-se a elle, disse-lhe quasi ao ouvido:

— Nós brigamos tanto, querido, e cada vez mais nos queremos, não é?

Foi agua na fervura. Elle riu-se, já desarmado, a nuvem desfez-se, e tudo acabou num beijo...

E dizem, depois, que a mulher, quando quer, não é uma habil e inexcedivel domadora da... féra-homem...

O REGRESSO DE GUSTAVO BARROSO

• • •

UM instantaneo do nosso brilhante companheiro Gustavo Barroso e do seu interessante filhinho Carlos.

FON-FON está em festa. FON-FON e quantos aqui trabalham, com o retorno, quarta-feira ultima, de Gustavo Barroso, ao convivio de seus amigos, de seus admiradores e companheiros desta casa.

O illustre escriptor, redactor-chefe desta revista e membro eminente da Academia Brasileira de Letras, volta de sua excursão ao Ceará — sua terra natal — confortado pelas vivas e sinceras manifestações de carinho, apreço e sympathia que alli lhe foram tributadas, bem como á sua distincta familia.

Durante sua permanencia na capital cearense, onde, em missão especial da Academia de Letras, elle representou esse brilhante cenaculo nas festas commemorativas do centenario de José de Alencar, seus conterraneos cercaram-no de attenções, cumularam-no de gentilezas, e prestaram-lhe homenagens tão expressivas, na significação da sympathia e da admiração que traduziam, que muito tocaram e commoveram o coração do nosso querido companheiro.

Não só, porém, a sua terra — o seu Ceará — soube homenageal-o, honrando-o e distinguindo-o com o enthusiasmo da sua admiração e o confortador calor do seu carinho. Tambem o Maranhão o teve, por alguns dias, no seio da sua alta e fina intellectualidade, que prestou a Gustavo Barroso excepcionaes manifestações de apreço.

Regressando, agora, e reassumindo o seu posto no FON-FON, Gustavo Barroso enche de legitimos jubilos o sereno ambiente de affeição e espiritualidade dentro de que a sua individualidade de escol irradia o encanto do seu convivio, da sua amizade, da sua intelligencia e do seu coração.

QUANDO da passagem de Gustavo Barroso pela capital bahiana, em demanda do seu Estado natal, a colonia cearense domiciliada naquella capital prestou-lhe tambem excepcionaes homenagens.

E' da brilhante oração com que o escriptor Hernani Lima glorificou, na capital da Bahia, o nosso querido companheiro, o trecho a seguir, bem opportuno neste momento:

"O vosso nome, aureolado por todos os titulos mais puros e de brilho maior, alçando-se ha muito, com resplendor sideral, no scenario das letras do Brasil, projectado, ainda, em rutilante relevo, além patria, nos grandes meios do velho e novo mundo.

Os vossos livros, em que se proclama quasi o milagre da representação material dos cyclos annuaes da vossa existencia por outras tantas obras publicadas, são uma escalada magnifica de valores, a exalçarem sempre a maior o vosso nome. Da critica á novella e da chronica ao romance, da historia ao folk-lore e do conto antigo á moderna epopéa do sertão, do suelto colorido ao ensaio erudito, por todos os generos ha perlustrado com brilho impar a vossa penna de escol.

Amando sempre o Brasil, e acima de tudo, o Ceará, que todo se retrata na vossa obra, si nem sempre os vossos escriptos se referem a coisas nossas, o espirito de brasilidade das vossas concepções todavia nellas refulge de continuo.. Ninguem com mais razão poderia certo proclamar o vosso claro conceito: "Um artista brasileiro póde escrever, pintar e esculpir motivos estranhos á nossa terra e á nossa gente, sem deixar de ser brasileiro. O cunho do seu nacionalismo está na sua interpretação. As maravilhas esplendentes sahidas das manoplas informes do Aleijadinho são da arte barrôca do sul da Europa; comtudo, nada mais profundamente brasileiro. E Bilac, cantando Phrynéa ou Cleopatra, não as cantou com o dactylo ou o espondeu acaio nem com os rythmos doces do Egypto hellenizado; porém sim com versos refulgentes como o nosso sol, perfumados como as nossas mattas e impregnados de languor como a nossa saudade."

Assim a vossa obra, cheia tambem ella toda do fulgor do nosso sol, do perfume das nossas mattas, do languor da nossa saudade. Percorrer as paginas sinceras e barbaras, suaves e agrestes de *Terra de sol, Praias e varzeas, Mula sem cabeça, Heroes e bandidos, Alma sertaneja, Casa de Maribondos, Tição do inferno*, — é sentir em toda a sua selvagem poesia e em toda a sua doce e esplendida ternura a alma ingenua e feliz do nosso povo, o integral esplendor da nossa terra.

•

E eu não posso relembrar, aqui, as vossas producções primeiras, esses contos cheios de luz de *Praias e varzeas*, onde ruge e elangora o rebellado clamor dos verdes mares, e plange ao vento quebro a litania christã dos plumachos verdes dos carnaubaes infinitos, ou essas manchas fulgentes e animatographicas de *Terra de sol*, sem experimentar a commovida e grata emoção daquelle que volve aos mansos logares da infancia, pois sinto subito despertar-me a memoria dos meus primeiros anseios litterarios e das minhas primeiras velleidades estheticas, sacudidas e animadas ao sabor dos vossos periodos, ardentes como o incendio dos nossos dias estivos, sonoros e claros como as noites de luar da nossa terra! Perdoae o irreprimivel desbordar da minha agradecida admiração pelo vosso nome, o primeiro talvez a se erguer do fundo das minhas reminiscencias — já de curso tão vasto — admiração consciente e constante, que o correr dos tempos mais não fez que acrescer e avivar."

LANTERNAS DE PAPEL

O CAMINHO VELHO DO SERTÃO

A Demosthenes de Carvalho

Caminho, velho conhecido meu!

Quantas vezes, na minha risonha adolescencia, te percorri em busca do sertão que o inverno alegrava, ou fugindo á sugadora canicula das estiagens, em demanda das praias! Quantas vezes!

A fita ondeante de tua argilla clara serpeava, subindo e descendo cômoros e morros, por entre as varzeas, as catingas e as capoeiras. E eu passava a cavallo, num galope curto, saudando com um riso os comboieiros que tangiam as alimárias carregadas, com os chocalhos tocando matinas, ao sol ardente.

Quanto te quiz!

Quanto te adorei!

Conhecia palmo a palmo todas as tuas arneiras, todas as tuas largas lages de pedra enfeitadas de cardeiros, todos os accidentes do teu percurso, e as aguas cantantes dos riachos que te cortavam, e as taboas apodrecidas de tuas pontes rusticas e as grandes arvores que te ensombravam as encruzilhadas, agitadas ao vento como pennachos guerreiros.

Eras lindo ao sol dos dias azúes e oiro do meu Ceará!

Eras lindo!

O vôo dos gallos-de-campina e das lavadeiras cortava-te a cada passo. Nas aguas placidas das lagôas e dos açudes, mirava-se o céo limpido. No horizonte, o perfil das serras denteadas esmaecia na luz intensa. E a canção apressada dos xorós-xorós chilreava nas moitas crespas. Muito alto, remigiava um gavião e o grito audaz dos bemtevis desafiava-lhe a rapacidade feroz.

Aljofrado de suor, eu parava a montaria ao pé do alpendre duma venda e pedia um gôle de caxaça e um caneco de agua. E tornava a partir, ligeiro, respirando o perfume dos pega-roupas, das favellas e das juremas cobertas de flôres.

Velho caminho, conhecido meu!

Entardecia e o sangue do sol se derramava na transparencia das aguas paradas. Nas varjótas, por entre os troncos hirtos das carnahubeiras, ao som das harpas eolias de suas palmas, passava o agitado vôo das graunas que recolhiam aos ninhos. O gemido das juritys povoava a solidão. E a morte do dia aureolava de luminosidades coloridas as serranias que fechavam o poente com uma alta muralha escura.

Uma tristeza pesava no ar. Todos os rumores pareciam apagados. Como que o dia se retirava da terra na pontinha dos pés. E um vulto de cabôcla perdendo-se na sombra das mutambeiras com o pote de agua ou a trouxa de roupa á cabeça acordava-me na alma os sentimentos poeticos. Eu tinha dezoito annos e tudo o que me rodeava tinha tambem dezoito annos...

Cahia a noite. O luar espalhava o seu mysterio pelo caminho todo. As veredas que se apagavam entre os arvoredos e os cactus pareciam de prata, e de prata polida era cada tronco resequido que o machado esquecêra entre os marmeleiros e o matapasto.

A magia da lua transformara em jóias a folhagem dos torens. Refulgiam as palmas dos catolézeiros. Quando a orchestra dos sapos foi-não-foi se calava, o gargalhar da mãe-da-lua vinha da ponta da serra da Taquara e o guaiado das raposas se erguia no ar. Os oitões brancos das casas sorriam carinhosamente, banhados de luz. E, á minha frente, os caborés e os bacuráus voavam, tornavam a voar...

E eu tinha vontade de te beijar, caminho velho, velho conhecido meu!

De outras vezes — nem me quero lembrar — caminhei sobre tua face que o sol incandescia, entre os braços negros, supplicantes, das catingas mortas, olhando os casões abandonados, topando, no meio do profundo silencio, os gados famintos e vendo com os olhos rasos de agua as miserias da sêcca!...

Velho caminho, como soffri comtigo!...

Vinte annos, meu velho caminho, passei sem te vêr e já no limiar da velhice os fados puzeram-me a cavallo, como outróra, entre as moitas das tuas dilatadas molduras. E eu te achei o mesmo com as mesmas arvores e com as mesmas sinuosidades, com os mesmos carnahubáes e os mesmos oiteiros, com os mesmos nomes: Jaçanahú, Urucutaba, Craussanga, Salgadinho, Maniçoba, Feijão, Umburanas, Agua Bôa, e quasi com a mesma gente: o Mané Braz e o Xico Mattos, o Zé da Rocha e o Zé IAxandre.

Vendo-te, sentindo-te, respirando de novo a tua alma agreste e pura, remocei de vinte annos e passei por ti com o mesmo encanto e com o mesmo deslumbramento de minha mocidade.

Caminho velho do sertão, velho conhecido! Não, velho amigo e confidente meu.

Claudio França

O desapparecimento do grande industrial e philanthropo Zeferino Rabello de Oliveira produziu uma impressão dolorosa, que repercutiu em todas as camadas sociaes. Quem o visse atravessar as ruas do Rio, com o seu passo lento, a sua apparencia modesta, a sua bonhomia costumeira, não podia calcular que ali fosse uma vontade em acção, duma potencial formidavel. Preso, pelo seu capital e pela sua alta competencia administrativa, á industria nacional, nas differentes modalidades, o seu lemma obedecia a um criterio progressivo, em que o dia de amanhã era sempre melhor que o dia de hontem. Não é, porém, o homem de negocios cujo desapparecimento o Brasil mais deplora, nem o que aqui está hoje, por uma excepção honrosa, a merecer, com justiça, as nossas homenagens. Superior a esse, era, em Zeferino de Oliveira, o homem de coração. As instituições brasileiras de beneficencia, que elle protegia, lamentam a perda de um grande amigo que, sendo portuguez de nascimento, amou sincera e devotadamente a terra em que labutou até as ultimas horas da sua existencia. Atravessou a vida fazendo o bem, acalentando esperanças, protegendo iniciativas, estendendo a mão a quantos, bem intencionados, queriam entrar na competição tremenda da vida de negocios, sendo, com o seu auxilio e o seu exemplo, o maior encorajador de iniciativas do nosso paiz. A vida artistica, intellectual, beneficente das duas patrias — a do seu berço e a do seu coração — devem-lhe muito e pranteiam, com sinceridade a sua morte.

POR occasião das excepcionaes manifestações de apreço prestadas, em Bello Horizonte, ao presidente Antonio Carlos, tambem foram tributadas as mais captivantes homenagens á digna esposa de s. excia., a exma. sra. d. Julieta Ribeiro de Andrada. O flagrante acima, que focaliza uma dessas homenagens, representa uma distincta embaixada de senhoras e senhoritas da alta sociedade de Poços de Caldas, que foram á capital mineira levar á senhora Antonio Carlos a expressão da sua admiração e sympathia.

O QUINHÃO DO CACHORRO

Numa barbearia.

O barbeiro fazia a barba de um freguez de modo deshumano.

O sangue escorria de innumeros talhos.

Perto, um cão esqueletico fitava a victima do impiedoso frégoli.

— Sáe, cachorro! — diz o barbeiro, enxotando o animal.

— Deixe o animalzinho em paz., — retruca o freguez. Não vê que elle está esperando que você tire um naco de minha cara para matar-lhe a fome?!

O Tijuca Tennis Club promoveu, sabbado, um baile para commemorar o anniversario de sua fundação. Essa festa realizou-se nos salões da Associação dos Empregados no Commercio.

MYOSOTIS

FOI ha seculos, ha muitos seculos, em certa manhã transparente e fresca, manhã de azul, de luz e de gorgeios.

Pallida, a lua desmaiava no occidente, emquanto o oriente reverberava corado e loiro aos primeiros risos do sol nascente. Nuvens brancas, ligeiras, sobrepostas, tintas de purpura, desfeitas em rosa, rebrilhantes de ouro recolhiam esses risos de fulgor e vida. Mas eil-os já a se espojarem nas campinas, remirando-se faceiros, scintillantes, nas gotas do sereno que a noite esquecêra pelo valle. Depois, a claridade triumphante e pura inundou a terra toda, e raios mornos e envolventes acariciaram os seios pequeninos e cheirosos das flores mal despertas, bebendo nelles, voluptuosamente, as lagrimas do orvalho como um noivo carinhoso e meigo enxugaria com ardentes beijos o pranto em perolas sobre a face amada...

Naquella manhã de luz — como as aves gorgeiavam, lindamente! — a Fada Sonho visitou a terra. Ella vagava, clara e loura, envolta em gazes, clara e loura como a manhã de luz... e falava ás florinhas pelo campo, e as florinhas respondiam com ondas de perfume. E ella brincava com o fulgor do sol que se occultava em seus cabellos fulvos.

Seus dedos longos, pallidos, dolentes, em gestos macios e suaves, gestos de quem reza e de quem acaricia, passavam e repassavam pelas continhas azues do collar que lhe cahia sobre o peito alvo. As continhas reluziam com o brilho doce do luar nas aguas; as continhas viviam, palpitavam uma após outra sob aquelles dedos de pluma, vagarosos... As palpebras batiam somnolentas, velando as pupillas de saphira. Os longos cilios escuros, recurvados, fremiam, deitavam pelas faces pallidas uma leve sombra aveludada e vaga... Os dedos finos passavam e repassavam... as continhas faiscavam limpidas, e o collar deslisava como o sonhar da vida...

Em torno, as visões bailavam com meneios lentos e gentis, com passos coleando rythmados; a brisa sussurrava harpejos e harmonias, — a brisa falava em rosas, murmurante e meiga. O céo azul era pando de illusões, e o sol tecia uma trama imponderavel, um filó de ouro para tranças d'ouro. E as florinhas se agitavam graceis, numa orgia de olores espargidos.

Os dedos passavam e repassavam. Bruscamente se rompeu o fio magico. As continhas azues se puzeram a fugir, a fugir crystallinas, saltitantes, num marulhar de gottas d'agua sobre rochas. Foram-se todas, todas num instante, emquanto a pobre fadazinha entorpecida, tonta, as contemplava com seus grandes olhos nublados, de saphira.

Foram-se todas, e se partiam ao rolar por terra, mostrando os coraçõezinhos d'ouro que encerravam um aroma, precioso e magico. Mas eis que as pequeninas urnas tambem se abriam, e o perfume, contido ha seculos, ondulava, livre, intenso, embalsamando a terra inteira. Perfume dulcissimo e ideal que penetrava, impregnava, transformava, mystico incenso que fazia dormir e fazia crear, que desabrochava risos e orvalhava prantos... Os homens o respiravam, os homens sonharam... E desde então houve poetas e houve idealistas. Desde então, brilharam artes, povoou-se a noite de lendas e visões, e pupillas vagas e fixas boiaram pelo mundo a fóra, creando illusões, amando o fictício, desejando o vácuo.

A fadazinha olhou em torno. Pela campina vasta, mil turquezas em gotas florescidas scintillavam. As contas haviam desabrochado em pequeninos calices azulados, com um trigueiro, leve raio de sol no meio, a rir...

Myosotis... Florinhas celestiaes de centro d'ouro, florinhas sem aroma porque seu aroma, — sua alma embriagadora e traiçoeira — lhes fugiu do seio partido naquella manhã de luz, e os homens a sorveram em longos haustos, os homens se embriagaram com ella...

A fadazinha olhou em torno e se poz a chorar...

Via partido o seu cordão, dispersa pela terra as contas maravilhosas que o formavam, perdida pelas mentes a magica essencia que fazia dormir e fazia sonhar.

A fada Sonho chorou e quiz refazer o seu collar...

Desperta e agil, colhia as continhas espalhadas e as enfiava no fio triste e ermo; e a cada uma que ella arrancava e rehavia fugia de um peito um sonho meigo e vão — alma azul da florinha fenecida.

A fada Sonho quiz refazer o seu collar...

Mas, pobrezinha!, de tão louca e distrahida, ella nem via que, pela outra ponta da corrente arrebentada, as continhas, deslisando, tombavam novamente, e novamente por terra se partiam...

E até hoje, ella, errante e inconsolavel, as busca e as torna a perder, e por mais que morram flores ás centenas, por mais que fujam illusões inquietas, brotam sempre mais myosotis nas campinas, e os sonhos ennevoam sempre olhos scismadores.

GLYCINIAS

Sonhei, esta noite, que tu voltavas para o meu amor. Vinhas linda e loira, com as duas saphiras de teus olhos faiscando na tarde azul de junho. Porque era á tarde que me resurgias. Ostentavas um vestido azul como os teus olhos. E sorrias. E davas-me a bocca vermelha de desejo e.... de rouge para um beijo da côr da tarde... Um beijo que eu não cheguei a sorver, porque despertei a um ruido de automovel em disparada.

Que lindo sonho, meu amor! Que linda illusão!

Não sei onde estás agora, nesta silenciosa madrugada. Sei, apenas, que estás longe de mim. Tão longe, que nem meu pensamento te póde alcançar...

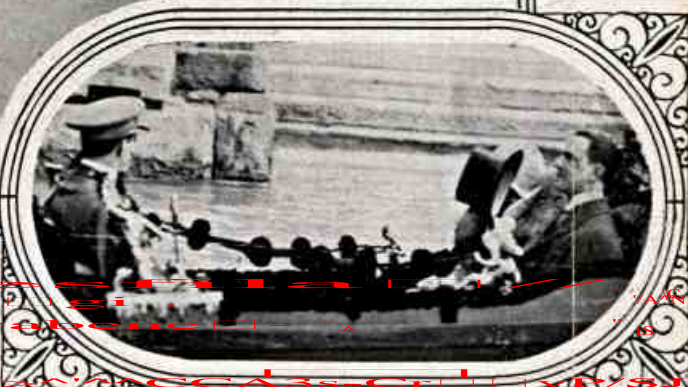
Mas sonhei que voltavas para o meu amor.

Tambem eu vivo sempre a sonhar o impossivel...

* * *

DURANTE a «soirée» que precedeu o seu enlace matrimonial, mlle. Arrivabene trazia esse outro vestido de Jean Patou, em «georgette blanc».

MLLE. Madina Arrivabene, que se casou recentemente, em Veneza, com o conde Luigi Visconti de Modrone, compareceu ao acto civil do seu enlace com esta «toilette» de Jean Patou. E' um vestido verde, guarnecido de «lingerie». Chapéo de «bengaline», tambem verde.

MARCHA NUPCIAL

Os velhos canaes de Veneza, que a fantasia dos poetas encheu de contos e de lendas, e em cujas aguas se têm espelhado o sol e o luar de séculos e séculos, hão de ser sempre um bello motivo de poesia e de encanto. Porque, vistos através da sua tradição, desde os Doges, até hoje, esses rios lentos, que desfilam entre palacios de mármore e campanarios historicos, representam um passado cheio de evocações embaladoras. Ellas falam pela bocca dos barqueiros e das gondolas recurvas, dessa bella Veneza, os quaes, á noite, á luz das estrellas faiscantes, ou á sombra dos solares avoengos, das casas senhoriaes, reflectida na agua tranquilla, como fantasmas de sonhos, os sonhos eternos das pedras, — cantam a poesia romantica e as canções dos lindos amores de outr'ora. E ainda agora esses longos canaes revivem o seu momento de poesia e de amor, porque nelles desfila a marcha nupcial de Mlle. Madina Arrivabene, filha da condessa Arrivabene Papadopoli e do conde Arrivabene Valenti Gonzaga, com o conde Luigi Visconti de Modrone. Foi um cerimonial aristocratico, a que compareceu a nobreza italiana, inclusive S. A. o principe herdeiro da Italia e os paes dos felizes nubentes...

REVERBEROS

Tive a deliciosa ventura de encontrar-me com um dos meus mais encantadores conhecimentos, ao assistir á bellissima festa com que a Liga das Senhoras Catholicas inaugurou, em S. Paulo, a Escola de Economia Domestica.

— Bravos! Por aqui?

No sorriso com que me respondeu, percebi o que ella queria dizer:

— Ora! Como se você não soubesse...

E eu realmente sabia. Não costumo perder tempo inutilmente em festas taes, por mais agradaveis que ellas me sejam á vista, desde que não me toquem o coração. E o meu coração, nestes ultimos tempos, entendeu de se impressionar apenas com aquella cabelleira l o u r a, com aquelles olhos verdes e com aquelles labios de veludo.

— Pois saiba, menina, que estou satisfeitissimo.

— Mas só por me vêr aqui? Oh! E' demasiadamente gentil!

Já me acostumei a não ligar grande i m p o r t a n c i a áquelle desdem: descobri atraz delle um sentimento muito diverso a meu respeito. E é isso que eu quero.

No momento mesmo em que lhe ia responder com uma gentileza mais, tive de beijar a mão de outra criatura egualmente encantadora: precisamente, a mãe da primeira.

— Não sabe? Therezinha se obstina em não entrar para esta escola.

— Que pena! E ella que é tão bonita!

Therezinha esticou-me encantadoramente os beiços cheios do seu adoravel desdem, para retrucar-me:

— E'? E que tem uma coisa com outra?

— Apenas isto: porque deveriam ser excellentes os quitutes preparados por mãos tão mimosas.

Ella me respondeu com qualquer coisa sem nexo. E depois, para ferir-me:

— Ainda que assim fosse, não seria você que os iria comer...

Desta vez achei melhor não lhe dizer nada. Mas olhando para a outra encantadora criatura, vi-lhe os olhos, fixos nos meus, cheios duma t e r n u r a verdadeiramente maternal. E affirmei:

— Quem sabe...

E arrostando com a inveja de meia duzia de esquisitos rapazes, sahi pela escola afóra, trazendo o meu encantador conhecimento pelos braços e convencendo-o das vantagens que ha em se saber preparar um bom quitute...

MLLE. Madina Arrivabene vestida de noiva por um modelo de Jean Patou, de Paris. «Toilette» de crêpe georgette branco, véu de tulle, guarnecido de flores «nacrées».

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Quando entrei o lindo e aristocratico salão de recepção de d. Boneca, já ahi se encontravam varias pessôas, um pequeno mundo distincto, fino, elegante.

Aqui e ali grupos conversavam animadamente sobre actualidades, coisas de arte, de literatura, cinemas, e outras que não vêm ao caso referir.

Não faltavam os *potins* e, de vez em vez, uma *charge* de ironia, delicada, subtil, esfusiante, fazia rir a elegante "companhia" de alacres Bonecas e Polichinellos um tanto ou quanto *blasés*, na sua maioria.

Beijei a mão á encantadora dona da casa, que se achava, no momento, cercada de uma côrte de admiradores. Ella recebeu-me alegre e expansivamente, a dizer-me:

— Estava á sua espera, meu amigo. Ficaria muito triste se não o visse hoje.

— Triste, se não me visse, minha querida amiga? Desvanece-me com isso, com essa delicada e generosa prova da benevola e captivante consideração com que me distingue. Veja, porém, que a malicia, sempre alerta, póde interpretar mal essas palavras de mera gentileza, com que me acolhe, agora, e, envaidecido, cheio de mim e de você, mesma poderei ser arrastado a sonhar com coisas do...

— Do Arco da Velha, interrompeu a vozinha, em falsete, de um cortejador de Boneca.

— Não. Não é precisamente isso. Do... outro mundo — é que eu queria dizer.

Boneca sorriu, satisfeita com o meu galanteio, dizendo-me:

— E' tão gentil que estou quasi a lhe dar o direito de pensar nessas coisas do outro mundo...

— Só de pensar?...

— Por emquanto, só... Acha pouco?

— Não. Estou satisfeito. E plenamente satisfeito. Feliz quem ainda póde alimentar uma illusão e abençoada seja sempre a mãozinha prodiga e munificente que vive a espalhar em derredor de si essa suave e consoladora sementeira do coração...

Boneca indicou-me uma cadeira a seu lado. Sentei-me e perguntei-lhe:

— Por que, emfim, querida amiga, ficaria triste se hoje tivesse faltado á sua reunião?

Porque estavamos a discutir um assumpto que muito lhe interessa, e a mim tambem, e desejava conhecer a sua opinião...

— Os assumptos que mais me interessam são os referentes ao coração. Se é a opinião do coração de um homem, a que vai pedir, estou prompto a lhe falar sinceramente, de *grand coeur*...

— Sim. Falavamos sobre o casamento, e sobre a debatida questão do divorcio, agora em fóco. E' contra ou a favor do divorcio?

— Inteira e incondicionalmente favoravel, desde que os juizes encarregados de julgar os casos de divorcio saibam julgar, antes dos actos, os corações dos divorciandos.

— Porque? Não comprehendo...

— Porque penso como Bourget, minha amiga, quando escreveu em *L'eau Profonde*: *ce ne sont pas les actes qu'il faut juger, dans la vie; ce sont les coeurs.*

— Mas os corações difficilmente poderão ser julgados...

— E' certo. E, por isso mesmo, é que toda a legislação humana feita para regular os "casos" de coração é falha, deficiente, incoherente e não raro absurda, como o nosso desquite, que se limita a separar corpos quando os corações ha muito já não se entendem, já não podem pulsar na cadencia do mesmo rythmo com que, um dia, os deslumbrou e illudiu uma feitiça miragem de felicidade.

— Mas, o divorcio...

— Com restricções, bem julgado, é uma medida acertada e capaz de remediar muitos males, de suavizar muita amargura, muito soffrimento, muita decepção. O melhor, porem, seria cada um ter a coragem de suas attitudes e buscar refazer son *nid*, como os passarinhos, no primeiro galho da sombra amiga e carinhosa de uma arvore salvadora, levado, tão só, pelas razões superiores de seu coração.

— O amor livre? Que horror! — bradou uma solteirona sem esperança.

— Engana-se, senhorita. Não desejo o amor livre.

Mlle. Isaura Peixoto, galante figura da nossa sociedade

Apenas me limito a fazer sentir que, em casos especiaes, sempre que um grande e sincero amor se affirme e domine dois corações, com divorcio ou sem divorcio, ninguem deverá sacrificar a sua vida e a sua felicidade em holocausto á hypocrisia do convencionalismo social, devendo ter a coragem dos seus gestos e das suas attitudes sempre que, num caso excepcional, o amôr fala mais alto do que tudo isso.

Essa coragem só por si dignifica e sublima o amôr...

— Tem razão, meu amigo — disse Boneca. O coração tem razões que a razão não comprehende, sentenciou Pascal...

— Sim, minha boa amiga. Razões que fogem ás leis humanas porque só Deus sabe apreciala-as e julgal-as.

Calei-me. E meu coração estava perto de ti, meu amor, junto do teu, com elle confundido na mesma profunda e intensa razão de amor. E eu sentia que Deus é que os unia e os confundia assim, abençoando-os, porque elles eram sinceros e era puro o sentimento que os impellia um para o outro, puro e eterno como as coisas que o divino tocou, limpando-as de toda macula e imprimindo-lhes a força da indestructibilidade.

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu sempre querido amigo — Antes de começar a lhe escrever esta carta, abri a janella verde de meu coração para um momento de sonho e de enlevo com o meu Principe Encantado. E você veiu, meu amôr, e, pela escada de luz de meus olhos cheios de fascinação, volvidos para o seu "sol" como um helianthio tonto de caricia, é que o meu Principe e meu Senhor fez a suave escalada de meu coração em festa, palpitante de alegria, feliz e venturoso por lhe render menagem e lhe dar agazalho.

Sinto-me tão bem assim... sentindo-o dentro de mim, enganando a distancia que nos separa e a saudade que me domina com esse innocente e ingenuo *truc* de illusionismo intimo!

E falo-lhe, e tagarello com você, meu Principe, a fazer-me a impressão de que sua voz quente e macia me diz umas coisas muito dôces, muito ternas, muito consoladoras. Um calôr de beijos aquece meus labios, alenta todo o meu sêr. Sua mão caricіosa pousa, agora, sobre a minha cabeça, que eu descanso sobre o seu peito amigo, confiante e feliz como uma criança. Seus labios procuram os meus. Cerro os olhos docemente para receber o seu beijo, o beijo de meu noivo querido, daquelle que me revelou o meu "céo" na terra e para quem desabrocham e se desfolham todas as rosas de meu coração.

E', assim, cheia de você, depois desse "exercicio" de evocação, meu querido amigo, com que o attraio, todos os dias, para junto de mim, que a sua peccadora Santa Therezinha dá inicio a esta carta para lhe agradecer, antes de tudo, o ultimo *Pombo-Correio* que lhe enviou e que tanto a encheu de alegria e de... orgulho.

Olhando a vida de frente...

Orgulho, sim, porque eu tenho o orgulho do seu amôr, desse amôr que me santificou no céo e na terra... por bondade e milagre de seu coração.

Perdôe-me se a sua "santa" está sahindo peor (ou melhor?) do que a encommenda. Sou, porém, assim, e não sei disfarçar ou encobrir meus sentimentos, maxime agora que creio... firmemente no seu amôr, apezar de uns receios que me assaltam de vez em vez.

Longe de mim, num meio em que a "tentação" não se descuida e vive a tecer a sua rêde de seducção, é bem justificavel a minha apprehensão, não acha?

Ciumes, isso? E' possivel, se ciume é tambem esse excesso de zelo com que se defende o seu amôr...

Escute... Não; não lhe direi isso, agora. Você proprio já disse que a mulher nunca se deve revelar plenamente, desnudando a alma e o coração... E eu sinto que devo guardar em mim um pouco de mysterio para você ter sempre o que rebuscar no meu intimo. E' um meio de têl-o sempre preso a mim, pondo em pratica, aliás, as lições e os ensinamentos do... mestre.

Para não se zangar, receba, agora, uma braçada de rosas de Santa Therezinha e um beijo da sua — *Maria do Céo.*

SORRINDO...

— A fé, a esperança, e caridade?

— Sim, meu amigo, porque todos nós, *pour marcher sur le sol de la vie*, precisamos escudar-nos na fé, ungir-nos na esperança, confortar-nos na caridade...

Theologicamente, sim, admitto e creio mesmo que se deva ter uma fé, alimentar uma esperança e praticar a caridade... para uma recompensa celestial no *au delà*, na outra vida. E' sementeira de bem que se não colhe na terra.

— Por que? Por que tanto scepticismo, quando na terra mesma a fé e a esperança operam milagres de enthusiasmo e de felicidade?

— Porque penso com Chesterton, que assim definiu as tres virtudes theologaes: "La Foi, c'est la force de croire á ce qui n'est pas croyable. L'Espérance, c'est la force d'espérer quand'il n'y a plus d'espoir. La Charité, c'est la force d'aimer celui qu'on ne peut pas aimer."

E eu cheguei a crêr no... amôr das mulheres, a ter esperança na felicidade dada por ellas, e a amar a quem eu não podia nem devia amar...

SEARA ALHEIA

LA BÉNÉDICTION DES ABEILLES

THOMAS BRAUN.

Bénissez, Dieu des fleurs, la besogne fervente
de celles qui se font vos três humbles servantes.
Donnez-leur de trouver les corolles sucrées

où la récolte sainte et rare est [assurée,
le rhododendron et les dahlias, les [fleurs
dont chaque nuit disperse et ra- [nime l'odeur,
les plates-bandes, les cormeilles, [les parterres
où les raménera leur vol involon- [taire.
Obtenez que leur miel extrait du [suc des plantes
soit pur, soit transparent comme [de l'eau courante
et que la cire fraiche au creux des [alvéoles
où trempe la senteur exquise des [corolles
demeure grise, lourde, égale, ferme [et vierge
pour la baguette longue et fragile [des cierges
dont la flamme brillant, des Rois [jusqu'à Noel,
éclairera, Seigneur, ô jamais vos [autels!

ESTRELLAS CADENTES

O coração, o pequenino e grande coração das crianças brasileiras acaba de ser solicitado para uma obra de bondade e de carinho, de mutuo amparo e de protecção, em bem de outros corações infantis, que precisam de auxilio e de conforto.

São as crianças pobres da Hollanda e da Inglaterra que, por intermedio de uma associação de caridade, convergem, agora, para os nossos pequeninos patricios — ellas, que têm alma capaz de cantar e não cantam porque soffrem; ellas, que têm coração capaz de todos os enthusiasmos e ardores da sua idade e são tristes porque são infelizes; ellas, que tanto desejariam brincar e não brincam porque não têm brinquedos; ellas, que sentem a ansia de rir e de folgar, e nem riem e nem folgam, como deveriam rir e folgar, porque a *ciranda, cirandinha* da sua alegria é tão triste e differente da de tantas outras crianças!

Abram-se, pois, em seu favor, os corações das crianças brasileiras que não conhecem a desventura, que não conhecem quanto é dolorosa a vida das crianças pobres e desamparadas!

Eis o appello que nos foi enviado, e dirigido aos bons sentimentos dos nossos pequeninos e generosos patricios:

"Em continuação ás celebrações que se fazem em todo o mundo pela paz, pela harmonia universal e pela felicidade das crianças pobres e enfermas, no dia da "Bôa Vontade", a Ordem Internacional Theosophica de Serviço, da Secção Brasileira, appella para o coração sempre docil e generoso da criança do Brasil, para que se faça representar, num gesto de fraternidade, enviando um modesto brinquedo, uma lembrança, por insignificante que seja, ás crianças pobres e doentes da Hollanda e Inglaterra, visto que a representante da "Ordem" no Brasil, miss Nada L. Glover, embarca para a Europa no dia 30 deste mez.

Nesses dois paizes, ella suggere esse mesmo appello a favor da criança brasileira e espera uma

Olhando a vida de lado...

feliz acolhida. Todas as bôas crianças que quizerem enviar a sua dadiva, poderão dirigil-a, com o respectivo nome, á conceituada casa Paraiso das Crianças, á rua Sete de Setembro, 134, que, por obsequio, a fará chegar á "Ordem", para o devido fim.

E' uma linda opportunidade para as crianças do Brasil ficarem conhecidas das crianças desses dois paizes pelo laço fraternal da bondade.

O Brasil, que enviou, recentemente, a Galveston, a representante da sua belleza nacional, deve enviar, agora, á Europa, as manifestações de affecto do coração da *criança brasileira."*

Subscrevem esse appello a escriptora sra. Rachel Prado, directora do Departamento de Protecção á Criança, e sra. Olga B. Diari, chefe da Ordem da Tavola Redonda no Rio de Janeiro.

PETIT-BLEU

Meu amor, teus lindos olhos estão tristes como se, dentro delles, se agitasse uma grande inquietação.

Meu amor, por que estás triste? Uma palavra minha, talvez, mais rispida, senão injusta, feriu-te, magoou-te?

Meu amor, se isso foi, perdôa-me. Mas não fiques assim, com essa carinha de santa commovida, ou de criança prestes a chorar, porque eu sinto que em teus olhos baila uma inquietação de lagrimas que veem do intimo de teu coração.

Escuta. Não é por mal, não, que me torno, ás vezes, rispido, grosseiro, estupido mesmo comtigo. Na exaltação do meu amor, na loucura do meu egoismo — porque não ha amor sem egoismo e o amor é mesmo um egoismo a dois — excedo-me e digo-te, *só dos labios para fóra,* aquillo que não sinto ou que sinto de maneira bem differente.

Depois... Depois soffro dobradamente, no meu arrependimento. Soffro... porque soffro e porque te fiz soffrer...

Meu amor, vamos, olha para mim, com as tuas lindas pupillas illuminadas de alegria. Desabrocha, num sorriso, a rosa vermelha de teus labios e, assim, olhos nos olhos, — os teus, tão negros, a se metterem pelo azul dos meus — dá-me a beijar, feliz como uma criança, tua bocca sorridente. Assim...

Agora, escuta: não brigarei mais comtigo. Não serei mais rispido. Confio, mais do que nunca, em ti, no teu amor.

Mas, se o fizer ainda, acredita, é por amor, só por amor...

Porque o amôr, minha querida, ha de ser sempre assim: ora suave, ora meigo, ora rude e até mesmo brutal. Elle e a fome são as duas grandes e formidaveis forças instinctivas que condicionam e dirigem a vida.

E tudo que é profundamente instinctivo tem algo de animalidade, de brutalidade.

Perdôa-me. Mas, *c'est la vie...*

::: PAINEL DE AZULEJOS :::

OS SINOS

Tangem, bimbalham, repicam, carrilhonam os sinos na dôce manhã clara.

Como a Rousseau, apesar do seu estylo trahir o lacaio, como o diz Sainte Beuve, o som dos sinos sempre me emociona. A voz sonora, surda ou crystallina do bronze enche-me de recordações suaves: a minha distante cidade natal aquietada sob o triste falar dos sinos, ás ave-marias; o campanario branco e esguio das aldeias do interior, que eu frequentava na meninice, chamando a badaladas os fieis á oração, ou espalhando por sobre os carnahubaes e as varzeas já mergulhadas na meia luz do crepusculo o melancolico soar das Trindades.

Sino, coração da aldeia;
coração, sino da gente!
Um a soar quando bate,
outro a bater quando sente!...

Não é uma saudade profunda e forte e dolorosa que os sinos despertam na minha alma; porém uma saudade leve e inebriante como um perfume, lenta, murmura e transparente como um pequeno regato que deflúe entre seixos rolados — resto dum grande rio que por alli passou...

Tangem, bimbalham, repicam, carrilhonam os sinos na dôce manhã clara.

NOTAS MUSICAES

PROFESSOR Francisco Chiaffitelli, que na proxima quarta-feira, 26 do corrente, nos vae proporcionar mais uma das suas empolgantes noites de arte, com o recital de violino que realizará no salão do Instituto de Musica. O illustre violinista terá o concurso do pianista J. de Souza Lima e interpretará trechos de Tartini, H. Oswald, Szimanowski, Moussorgsky, Gershwin, Blair Fairchild, Paganini e Falla.

CARTOMANTES

Desde que o mundo é mundo a humanidade se preoccupa em desvendar o futuro. Por todos os meios ella procura lêr o porvir, afim de consolar-se ou de precavér-se. E mal sabe que somma de felicidade representa a sua candida ignorancia do que está para acontecer.

Estudando as conjuncções dos astros, o movimento das areias, o vôo ou as entranhas das aves, o nadar dos peixes, o collejar das serpentes, a transparencia das aguas e dos crystaes, as linhas da fronte e da mão, as combinações do tarot ou do baralho, legiões de magos e de charlatães têm pesado sobre os hombros do homem ávido de descobrir os segredos do amanhã.

Ainda nos nossos dias de aviões e de radio-electricidade os mesmos cultores dessas velhas sciencias dos seculos, porém sempre vivazes, apezar de tudo, proliferam como cogumelos. Basta se abrir um dos nossos grandes jornaes de hoje e procurar os annuncios das cartomantes para se verificar a exactidão do que affirmamos. Entretanto, parece que o homem jamais se libertará da sentença do poeta:

Nescia mens hominum fati sortis-
[que futurae!

Com effeito, como o homem ignora o seu proprio destino e a sorte que o espera amanhã. E, como o tal amanhã é a grande coisa, segundo o diz Victor Hugo, os espertalhões vão se aproveitando das ansias humanas e a cartomancia barata alastra-se pela cidade como um vicio ou uma epidemia.

A MEDIOCRIDADE

"Si a gente pudesse, na mediocridade, não ser glorioso, nem invejoso, nem timido, nem adulador, nem preoccupado pelas necessidades e cuidados de sua situação, quando as maneiras desdenhosas de todos quantos nos rodeiam concorrem para nos abaixar; si a gente pudesse, nessas condições, elevar-se, sentir-se, resistir á multidão!... Mas quem póde sustentar o seu espirito e seu coração acima de sua posição? Quem se póde salvar das miserias que acompanham a mediocridade?"

VAUVENARGUES

A VELHICE E A MORTE

Envelhecer é peor do que morrer. A morte liberta. A velhice algema. A morte é o repouso. A velhice, na sentença admiravel dos latinos, é a enfermidade. E os homens, insensatos e pueris, como o disse o poeta grego Mimnermo, choram por causa da morte muito mais do que por causa da murcha flôr da juventude.

E' verdade. A velhice é mil vezes mais dura, mais terrivel, mais áspera, mais insupportavel do que a morte. Bendigamos esta que é a unica porta de sahida daquella e lamentemos sempre que a mocidade seja tão rapida...

D. JAYME

O dr. Mario Serafim da Silva, distincto engenheiro da Central, é um espirito moço que se tem distinguido na sua profissão, demonstrando a sua competencia technica e a sua capacidade de trabalho. O dr. Mario da Silva, que se acha actualmente em Diamantina, foi homenageado pelos seus amigos, naquella cidade, por motivo do seu anniversario natalicio.

Novas homenagens ao presidente do Ceará

Ao illustre chefe do governo cearense, Presidente Mattos Peixoto, foram prestadas nesta capital, official ou particularmente, as mais significativas homenagens, e que tão bem expressam o alto apreço e consideração em que é tido sua excellencia.

Figura das mais prestigiosas e brilhantes, deste momento da vida publica nacional, o doutor Mattos Peixoto não é uma individualidade commum, sem traços differenciaes que lhe accentuem a physionomia, em proeminente relevo: s. excia. inclue-se na plana das individualidades que se julgam e medem pelo padrão superior do valor proprio, como expressão de intelligencia e de cultura.

Sua acção, á frente da administração cearense, reflecte bem a physionomia intellectual e moral do homem publico a quem

S. ex. visita as usinas e os estaleiros da Companhia Pereira Carneiro :: ::

não sobresaltam ou desfallecem o animo e a confiança as pesadas responsabilidades inherentes ao exercicio de suas altas funcções, de que s. excia. se vem desobrigando galhardamente, para honra e prestigio do nome do seu Estado e merito do seu. Através de sua actividade, efficiente e brilhante, como jurista, como parlamentar, como administrador, a individualidade do presidente Mattos Peixoto se vem, assim, projectando, ampla e influentemente, no scenario da vida publica nacional, de que s. excia. é, hoje, um dos vultos mais caracteristicamente representativos.

Vindo ao Rio, em missão de elevados interesses do Ceará, s. excia. regressou, quinta-feira ultima, plenamente satisfeito, pois conseguiu realizar o seu «desideratum»: obter auxilios do governo federal para a conclusão do

Ao alto: S. excia. o sr. presidente do Ceará, dr. Mattos Peixoto, ao lado do conde Pereira Carneiro, na lancha que os conduziu á ilha do Cajú.

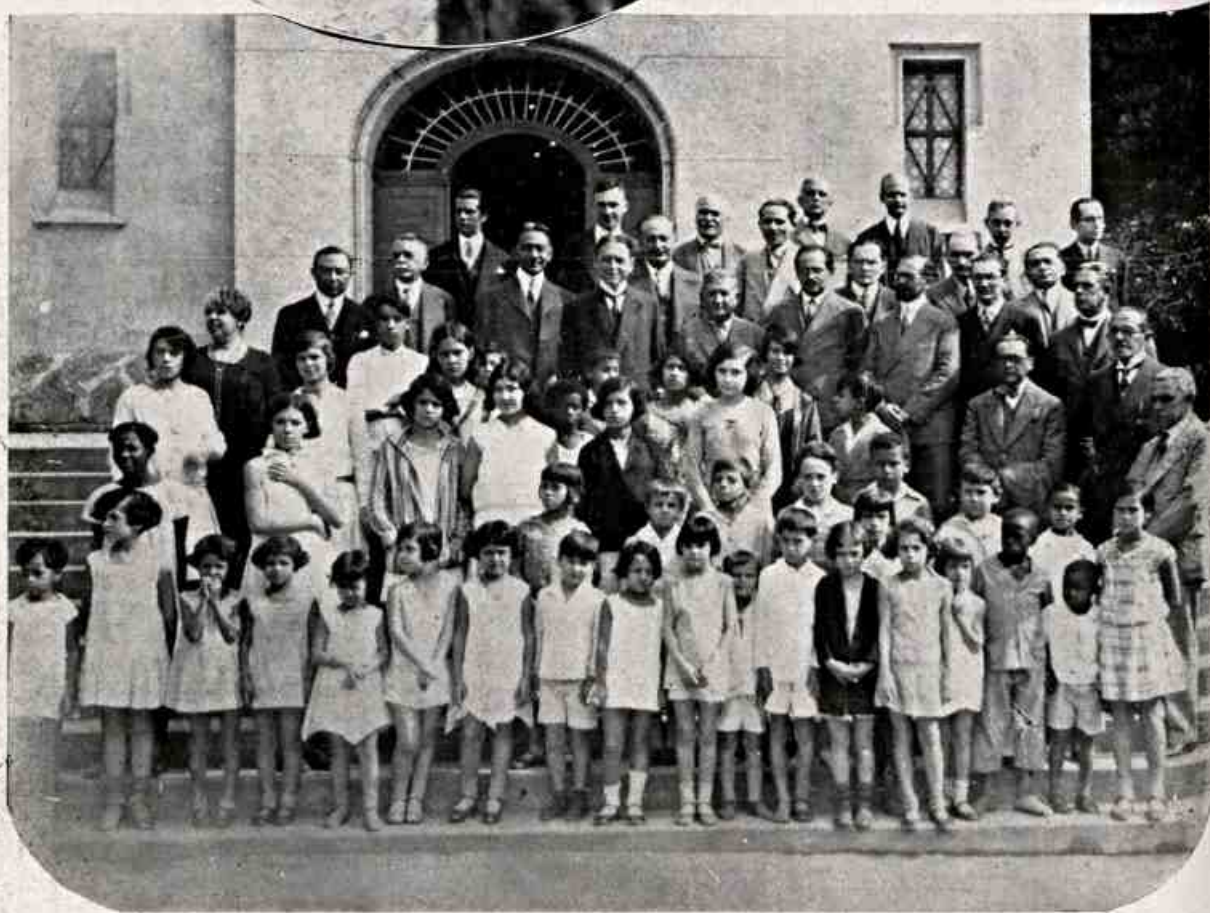
Em baixo: Grupo tomado no cáes Pharoux, por occasião do embarque da comitiva do presidente Mattos Peixoto, para a visita ás usinas e aos estaleiros da Companhia Pereira Carneiro, na ilha do Cajú.

açude «Orós», naquelle Estado, e decidido apoio do sr. presidente da Republica para que sejam effectivadas as obras do porto de Fortaleza.

O que representam de estimulo e de progresso para a expansão economica do Ceará os dois importantes emprehendimentos não é preciso encarecer. Só a construcção do «Orós» resolverá, talvez, metade do mais palpitante problema da vida cearense, reflectindo-se intensamente na sua actividade agricola, pastoril, commercial, em todos os departamentos, emfim, do seu desenvolvimento economico, do fomento de sua producção, de que o porto de Fortaleza, tão precario actualmente, será o grande e movimentado escoadouro.

Esses traços da intelligente, patriotica e bem inspirada actuação do Presidente Mattos Peixoto no desempenhar-se das ele-

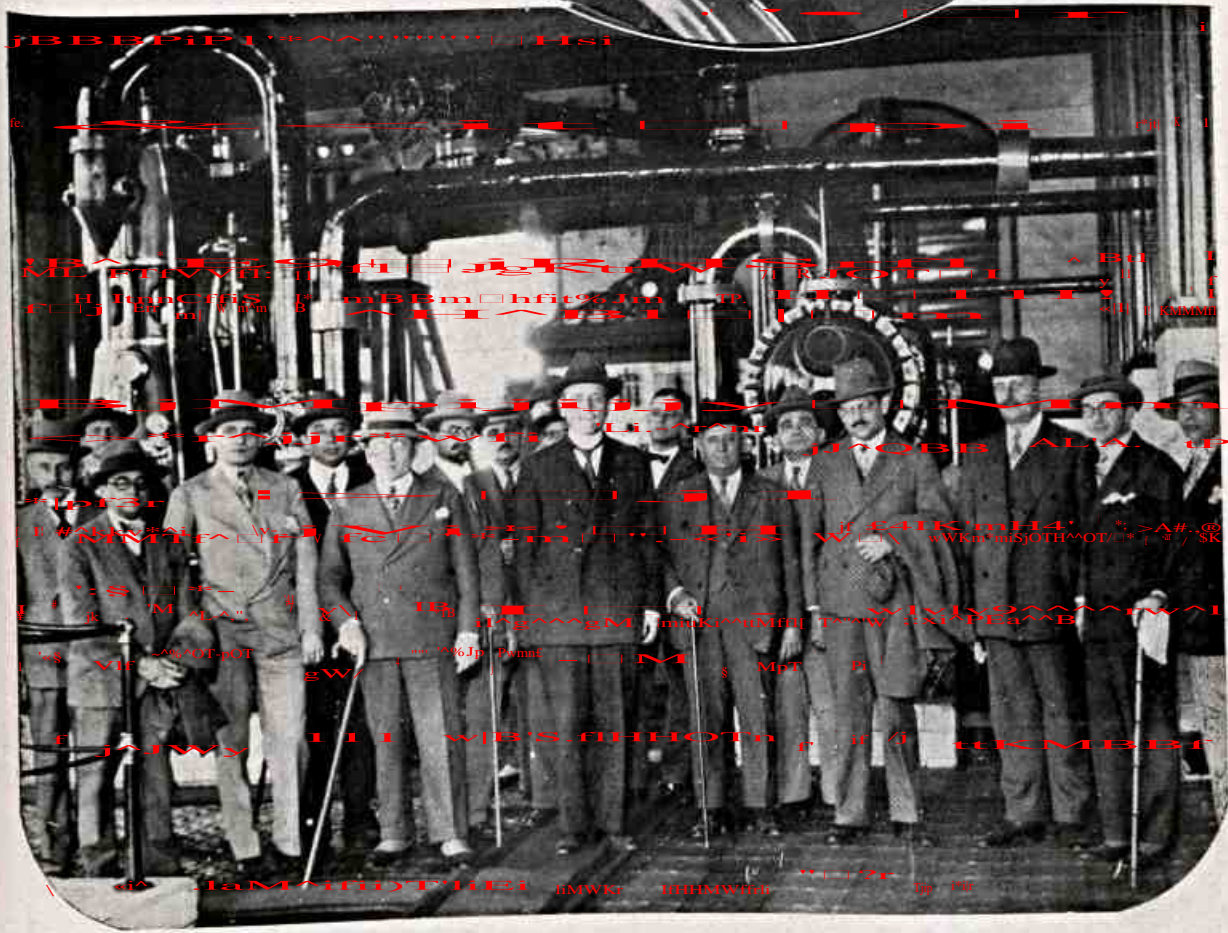
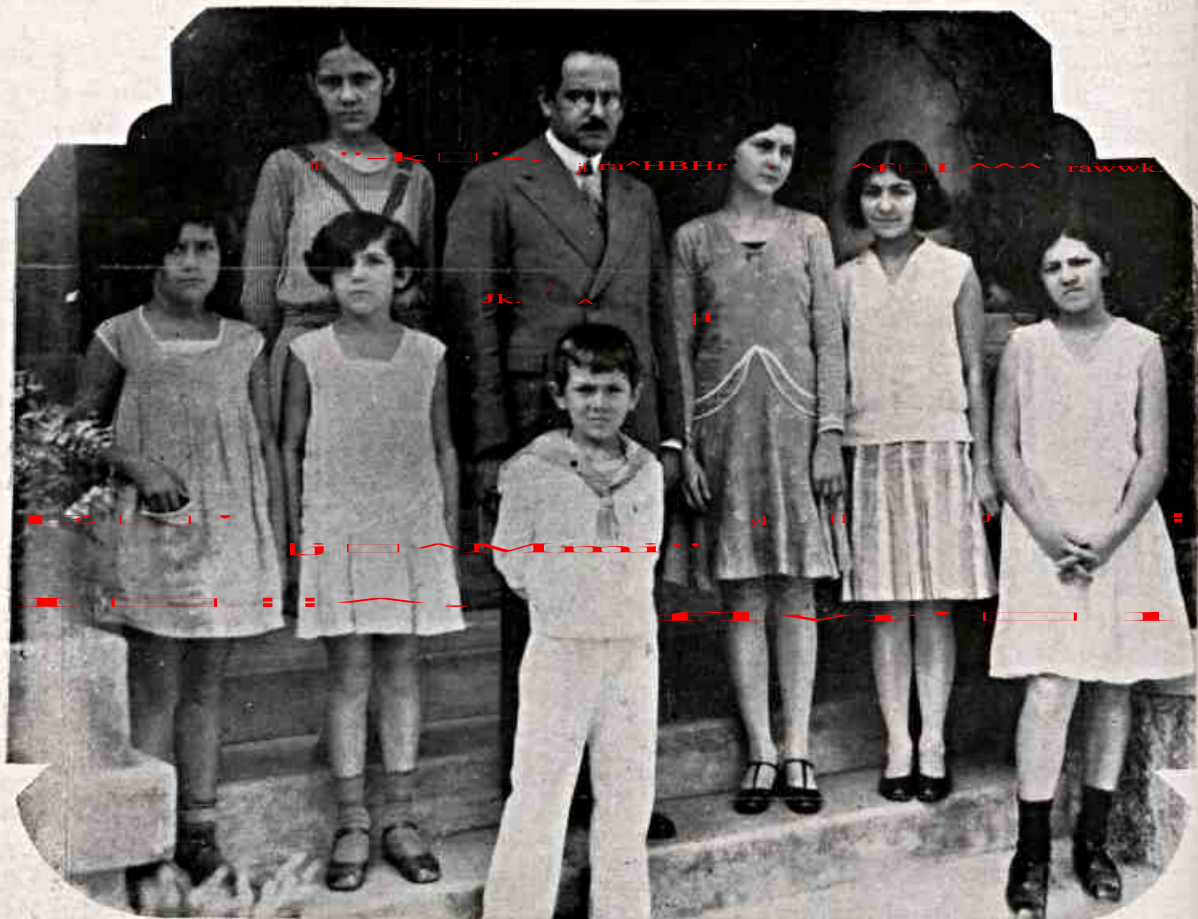
* * *

Um flagrante do almoço offerecido pelo conde e condessa Pereira Carneiro ao presidente do Estado do Ceará, dr. Mattos Peixoto, e distincta comitiva, no bello palacete de Nictheroy.

Os illustres visitantes na escadaria da capella da «Villa Pereira Carneiro», em Nictheroy, entre alumnos da escola daquella villa.

vadas funcções que a confiança de seus contemporaneos, em boa hora, lhe delegou, bem como o seu prestigio pessoal, affirmado pela sua intelligencia, pela sua vasta cultura, pelo seu cavalheirismo, lhe têm valido as justas e legitimas homenagens com que s. excia. foi distinguido nesta capital.

Entre essas, assignalamos, com prazer, a que lhe prestou o sr. conde Pereira Carneiro, proporcionando a s. excia. sexta-feira penultima, uma visita aos seus magnificos estaleiros de construcção naval e ás suas importantes usinas de beneficiamento de sal, da ilha do Cajú, na qual tomaram parte, além do presidente cearense, o presidente eleito de Goyaz, sr. Alfredo de Moraes, representantes cearenses e goyanos no Congresso Nacional, e varios outros vultos de destaque no nosso meio politico, industrial e social.

* * *

O presidente Mattos Peixoto com o presidente eleito de Goyaz, dr. Alfredo de Moraes, o conde Pereira Carneiro e o senador federal Ramos Caiado, no automovel em que percorreram a «Villa Pereira Carneiro».

Grupo colhido por occasião da visita ás usinas de beneficiamento de sal, na ilha do Cajú.

O presidente Mattos Peixoto cercado de crianças cearenses, alumnas da escola da «Villa Pereira Carneiro», em Nictheroy.

Da demorada e meticulosa visita feita, assim ás usinas de beneficiamento de sal, como aos estaleiros de construcção naval do sr. conde Pereira Carneiro, trouxe sua excia. a melhor impressão, admirando a magnifica organização industrial que tanto honra e recommenda o trabalho nacional.

Durante o almoço que os condes Pereira Carneiro offereceram ao presidente cearense e distincta comitiva, saudou-o, ao «champagne», o sr. almirante Antonio Nogueira, que fez brilhante elogio do povo cearense e do seu actual dirigente.

O dr. Mattos Peixoto, commovido, respondeu, agradecendo e exaltando a obra de intelligencia, de esforço, de progresso e de patriotismo alli realizada, onde encontrava tambem uma «obra do coração», pois lá estava a «Villa Operaria Pereira Carneiro», com a sua escola e com seu templo, formando a intelligencia e o coração dos obreiros do Brasil futuro e que são os filhos dos operarios de hoje.

Nestas paginas focalizamos varios aspectos da visita do chefe do executivo cearense ao importante nucleo industrial da ilha do Cajú.

O presidente Mattos Peixoto foi recebido, domingo ultimo, no Centro Cearense, onde os seus conterraneos lhe prestaram significativas homenagens.

A senhorita Sylvia Hebster Pereira e o dr. Plinio Paes Barreto Cardoso e um flagrante do enlace nupcial desse novo casal da nossa sociedade.

POÊME D'AMOUR

"Che vuol da me costei che piange!"

Et dans le rêve du jeune italien sont venus les mots d'un vers...

Il voyait blonde et jolie l'image d'une petite française qu'il connaissait...

De ses yeux bruns et doux comme un baiser de fiancés sous la lune tombaient les larmes de sa plus grande douleur!

Pauvre petite! Comme elle pleure, si jeune, si jolie et peut-être riche, la jeune-fille qu'il voyait souvent aux bals, en promenades, mais pure comme les lys qui poussent dans le bois, loin, très loin de cette misérable vie de societé! ...

Il pensait, maintenant, dans son rêve — comme elle était enchanteresse á sa beauté physique et plus encore á la sainteté de son ame la petite qu'il voyait souvent aux bals, en promenades...

— C'est le matin! ...

Il est reveillé, alors...

Mais l'image du rêve ne s'est pas encore effacé de sa vue!...

Et le jeune italien ouvre la fenêtre de sa chambre, il se peut qui la nature le fera revenir á la realité! ...

Um aspecto do casamento da senhorita Ida Caldas de Carvalho com o sr. Gastão da Silveira Serpa.

Mais non!... Si la nature est la mise-en-scéne de l'a m o u r ! ... — A u dehors, au jardin, dans une réunion de lys, tel qu'un bouquet de jeunes-filles au salon, apparait encore la vision qui depuis la nuit le poursuit...

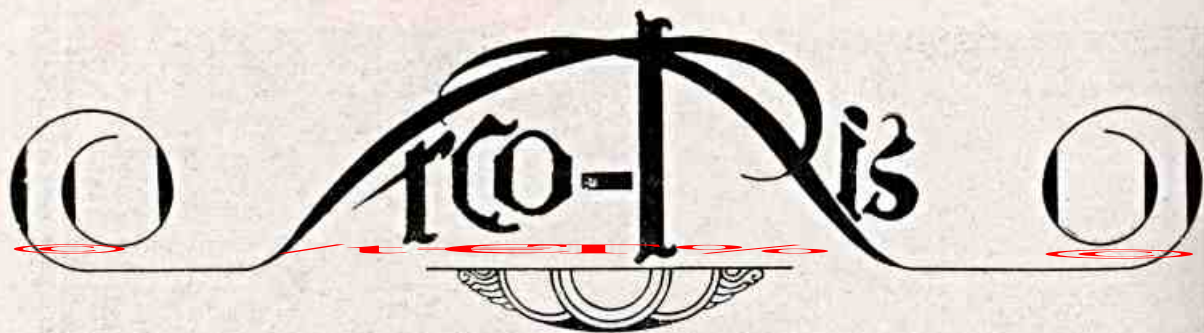
Elle pleure encore, toute blonde et toute jolie!

Il appele desesperé au ciel:

"Che vuol da me costei che piange?"... comme dans les vers de Stecchetti! ...

Et comme au miracle des saints, l'image de la petite, tombant aux genoux, élevant les bras au ciel, lui répond:

— Je veux seul ton amour! ...

Dille de Barbosa Rodrigues.

OH! QUE LINDA RAINHA

... "emquanto o Ceará erguia uma estatua a Alencar, a juventude da terra da luz corôava Iracema na figura de Stellinha Bezerra".

Suzana de Alencar Guimarães

Em uma casinha pobre,
de porta e janella
(onde eu li, li mesmo assim)
sem vanglorias de ser nobre
ou de ser bella,
mas, em verdade,
muito bella e muito nobre,
mesmo occulta em seu jardim,
modesto, de tinhorões,
posto ao fundo da casinha,
os Estudantes,
sinceros, rejubilantes
da propria sinceridade,
foram buscar a Rainha
das suas aspirações.

Que lindo gesto! que linda
escolha, a da Mocidade!
Oh! ainda ha "moços"! ainda,
capazes de idealidade,
sem ambições!

Uma rainha
que reina só por ser bella,
que só tem uma casinha,
casa de porta e janella
(e é capaz de não ser della!);
que só tem uma casinha
e um jardim de tinhorões,
mas que, em toda essa pobreza,
é mais bella de nobreza
e mais nobre de belleza,
essa Rainha,
valha, afinal, a verdade,
merece reinar, devéras,
sobre os vossos corações,
sobre as vossas primaveras,
ó gloriosa Mocidade,
ó Estudantes cearenses,
vós que em nada sois eguaes
aos que reclamam
panem, panem et circenses,
pois genuinos estudantes
como vós, amam, só amam
a Belleza e a Liberdade
a Graça e a Simplicidade,
Virtude e sinceridade,
pois, corações de estudantes,
sempre, agora, como d'antes,
só se nutrem de descantes,
de sonhos e de ideaes!

Nunca uma alma velha e pêrra,
só almas jovens, vibrantes,
jovens e livres — ahi está! —
serão dignas de Stellinha,
chegariam até lá
a essa modesta casinha
onde Stellinha Bezerra
foi coroada Rainha
dos Estudantes
do Ceará.

O general Felippe Antonio Xavier de Barros, recentemente promovido a esse posto, foi, por esse motivo, carinhosamente homenageado, domingo ultimo, pelos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço no Club Militar.

A décima conferencia do Curso de Medicina Preventiva e Hygiene Social da Directoria de Instrucção Publica foi proferida pelo inspector dentario dr. Adaucto de Assis, que a realizou no salão do Lyceu de Artes e Officios, perante numeroso auditorio de membros do magistério municipal, autoridades e pessoas gradas.

Um flagrante da cerimonia inaugural dos cursos da Escola de Commercio «Amaro Cavalcanti», que a Prefeitura Municipal acaba de installar no grande edificio da praia de Botafogo 290, e que é um estabelecimento de relevante utilidade para a nossa capital.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

ESTES ultimos dias teem sido os dias mais... babosos da minha vida, desde que comecei a dobrar o cabo tormentoso da minha madureza.

Depois que fiz as pazes com Melindre, tudo me corre num verdadeiro mar de rosas. Bem dizem os entendidos na arte de amar que, uma vez por outra, é preciso arranjar-se uma "briguazinha", um arrufo, para concertar a gaita do amor quando ella vem desafinar do.

A minha afinou, agora, pela de Melindrosa, de tal modo que é um gosto vêr e pareciar. Temblada uma pela outra, as duas entôam tão harmonicas e rythmadas que, muita vez, me faço a idéa de que Melindrosa, a minha querida Melindre, foi tirada das minhas costellas e nellas reajustou-se, agora, completando-as.

*

JACOB, a quem eu contei essa historia de reajustamento de costellas, dizendo-lhe ter encontrado, de facto, a que Deus me tirou quando eu vim do outro para este mundo, arregalou uns olhos de espanto (ou de inveja).

ANTONIO e José Roberto são dois amiguinhos, que residem em Guaratinguetá e fizeram juntos a primeira communhão. Antonio é filho do deputado Rodrigues Alves Sobrinho e José, do professor Anizio Novaes.

e, sem disfarçar a sua preoccupação, perguntou-me:

— Que historia é essa, Esaú? Dir-se-ia que andas com a cabeça á matroca, no mundo da lua?...

— Jacob, é inutil explicar-te qualquer cousa. Tu és um sceptico, não acreditas no amor, nem nos seus milagres. Em verdade, porém, te digo: encontrei a minha costella, a costella que me faltava e que me dava a impressão de que algo precisava ajustar-se ao meu corpo, para completar a sua perfeita e plena integridade. E era do lado esquerdo, no lado do coração, que eu sentia que havia um buraco, uma brecha, uma frinchadura qualquer a tapar, a remendar ou a... reajustar...

*

E fui discorrendo por ahi afóra nesse diapasão um tanto rasgado e desconcertante, a notar, porém, que os olhos negros de Jacob cada vez mais reflectiam o pasmo que delles se apossara...

— Escuta, Esaú, tu "chupaste", hoje?

— Eu chupar, o quê?...

— Qualquer coisa que ponha a cabeça da gente fóra de seu logar. Um "chopp", um "cocktail", um...

— Um... pirolito?...

— Qual pirolito, qual nada!... Uma bocca de mulher...

— Ah, sim, comprehendo. Não. Que tolice, a tua! Beijei, sim, beijei muito uma certa bocca, uma boquinha do outro mundo, Jacob!...

— E' isso mesmo. Logo se vê... Peor do que dez "cocktails" um em cima do outro... Um veneno, Esaú, contra o qual se deveria arranjar uma "lei secca"... para defesa do homem e da sua integridade mental...

*

FIQUEI, depois, a pensar na apparentemente absurda bobagem de Jacob. Realmente sinto que não ando lá muito seguro do meu "eu". Deconheço-me. Sou outro homem, de certos dias para cá. De pesadão e lerdo, que era, estou agil e ardego como um puro sangue arabe, treinado "á propos"...

*

ESTA historia de costella reajustada parece que não dará certo. Será que Melindrosa poreja "cocktail" pelos labios? "Cocktail" ou cocaina? Ou eu é que ando com a mioleira a se derreter?

A galante menina Maria Alves Torman, no dia de sua primeira communhão. E' filha do casal Amancio Torman, residente no Rio Grande do Sul.

LIGANDO os factos uns aos outros lembro-me, agora, que Melindre ficou assim commigo, bôazinha, meiga, carinhosa, ronronante como uma gatinha, depois de um beijo meio doido, um daquelles beijos de banco de jardim, ao "lusco-fusco", de que falou, um dia destes, "Petite-Source".

E eu tambem fiquei assim, impressionado com essa historia de reajustamento costellar, depois do mesmo, emquanto murmurava aos ouvidos de Melindre uns versos quentes, de Verlaine, que terminavam assim:

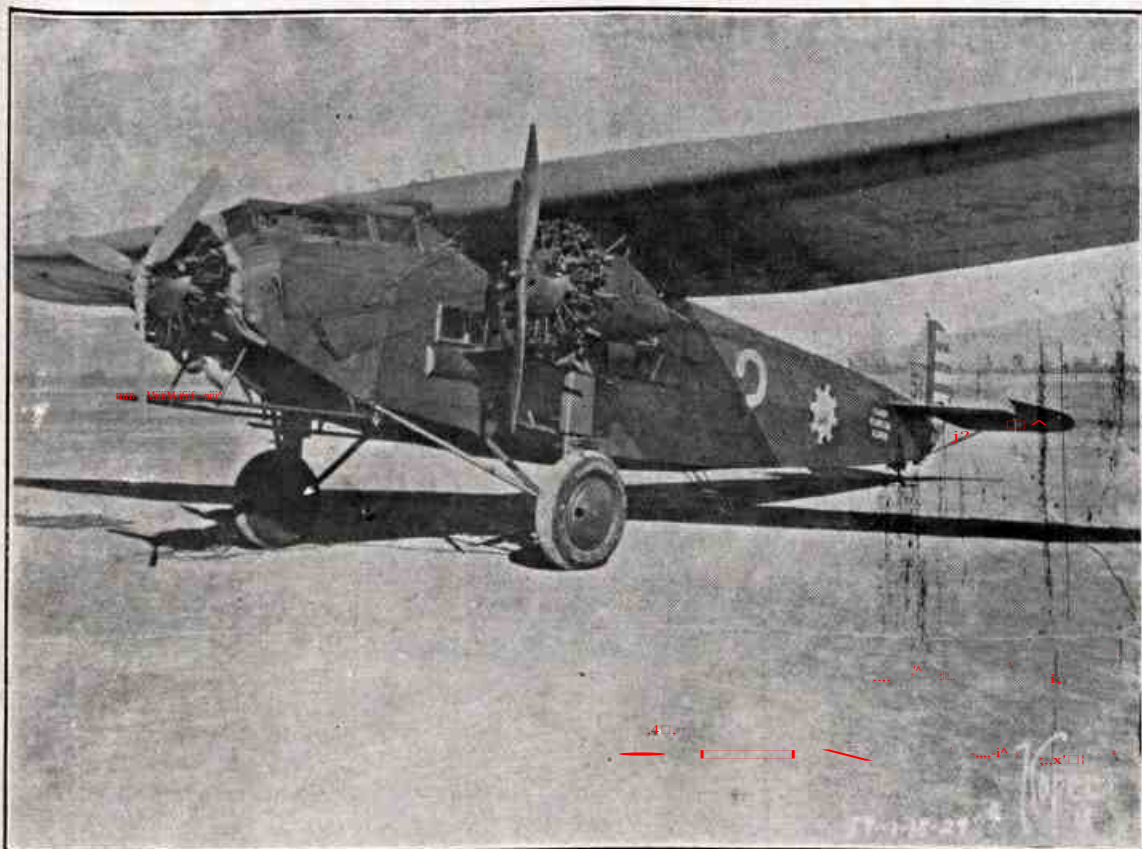
Soyons scandaleux sans plus nous
[gêner

Depois... depois ficámos a olhar um para o outro, de mãos dadas, emquanto

Un remords de péché mortel
Serrait notre cœur solitaire

— Esaú, meu irmão, Melindrosa é um pirolito envenenado... Cuidado! — parece que estou a ouvir Jacob repetir-me.

ESAU' & JACOB.

Novo Record de Permanencia no Ar

O record mundial de duração de vôo, para apparelhos mais leves e tambem mais pesados que o ar, batido recentemente pelo famoso "Question Mark" da Aviação Militar dos Estados Unidos, só foi realizado devido á escolha cuidadosa que se fez de todas as partes accessorias do apparelho, tendo-se em vista a importancia da prova.

O "Toplano" estava equipado com pneus Goodyear, frabricados pela Goodyear Tire and Rubber C°., de Akron, Ohio, U. S. A.

Esses pneumaticos provaram cabalmente a sua superior qualidade, não só nas experiencias como na occasião da partida.

Na verdade, a qualidade dos pneus se fez necessaria devido ao imprevisto, que surgiu durante a grande prova, obrigando o apparelho a uma aterrissage rapida e forçada. O grande apparelho é dotado de tres motores, do typo mais moderno. Durante a prova, entretanto, uma panne inutilizou um delles e outro começou a falhar. Em taes circumstancias se fez premente o regresso ao aerodromo, operação realizada com o auxilio do unico motor em movimento, e terminada perfeitamente, graças a explendida qualidade dos pneus que equipavam o apparelho.

A LEI SECCA

De Gabriel de Lautrec

OS leitores devem saber que os Estados Unidos fórmam uma grande republica federal, isto é, cada um dos tados goza de grande independencia e tem suas leis proprias e seus regulamentos particulares para um montão de cousas. Tal é o significado da palavra federal. Não sei por que, mas não estamos aqui para falar de ornithologia. Em resumo, podemos dizer por exemplo, que ha Estados em que se permitte o alcool, e outros ha que o prohibem rigorosamente. Si se vive perto da fronteira e o estado vizinho é mais civilizado, salva-se a difficuldade apenas com um passo.

Bem. Aconteceu que um viajante chegou, sem sabel-o, a uma cidade de um desses Estados me nos civilizados. Não sei ao certo qual foi elle, mas creio que foi de Minnesota. Não. Um momento. Agora me lembro: foi em Kentucy. Muito bem. O viajante entrou em um bar, como fazem muitos outros viajantes, deixou a equipagem em um recanto, sentou-se, sempre para fazer como os demais, e pdeiu um copo de "whisky" Mas o dono do bar olhou-o severamente, e, meneando a cabeça, lhe disse:

— Não, amigo. Sinto-o muito: mas aqui não se vende "whisky." E' prohibido. Nem uma gotta de "whisky!"

— Como? — exclamou o outro, surprehendido. — E' desesperador! Vou morrer de sêde...

Achava-se elle precisamente numa cidade situada no centro do Estado, e para chegar á fronteira mais proxima e penetrar em uma região mais civilizada, tinha que percorrer, pelo menos, cento e cincoenta milhas a cavallo e duzentas e cincoenta a pé. Era, como se vê, uma situação espantosa.

E nosso homem se poz a lamentar, a protestar a maldizer a legislação de Ohio (agora me recordo que era Ohio), e a procurar subornar seu carcereiro incorruptivel Mas este continuava movendo negativamente a cabeça.

No emtanto, por fim, disse:

— Veja. Não ha sinão um meio. Aqui, o alcool está prohibido como bebida, mas póde ser utilizado como remedio. Por exemplo: si o senhor fôr mordido por uma serpente e levar um attestado de mordedura, poderá obter o "whisky" que quizer, mas, só como remedio.

O pobre viajante torceu as mãos com gesto de desapontamento.

— E como? como? — exclamou — Sou forasteiro. Aqui não conheço ninguem, nem um homem, nem uma serpente.

— Dir-lhe-ei o que deve fazer. Vá pela rua maior, que passa ali em frente. Ao chegar á terceira esquina, dobre á esquerda. Verá uma praça. A um lado da praça ha uma pharmacia. O pharmaceutico possúe uma serpente. Entre e diga-lhe que quer ser mordido. Elle lhe cobrará um dollar. Uma vez mordido, o pharmaceutico lhe entregará um attestado official. Com esse attestado, o senhor poderá obter em qualquer parte o "whisky" que quizer.

Muito bem. O homem agradeceu com toda a effusão, ao negociante, e sahiu, feliz como um rei desthronado. O outro ficou satisfeito pela bôa acção que acabava de praticar e cujos beneficios elle mesmo recolheria. Mas, não haviam decorrido ainda dez minutos, quando viu, com surpresa, regressar seu freguez.

— Sahiu-se bem? Como foi rapido! Vê-se bem que não perdeu tempo. Dê-me o attestado!

— O attestado? — disse o viajante. — Lindo attestado! — Vou como o senhor me indicou, chego ou, melhor, procuro chegar á praça. Diviso a pharmacia...

— E então?...

— Ora! Então é que havia, pelo menos, doze mil pessoas á espera que a serpente pudesse mordel-as!...

M. C.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas.
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

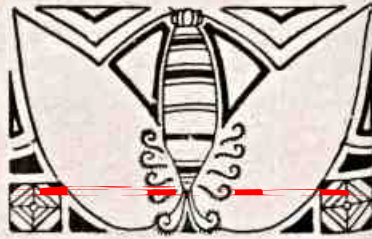
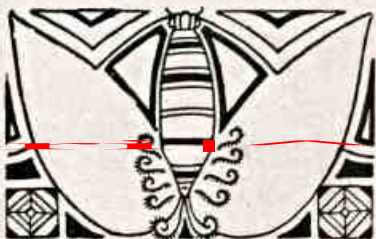
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

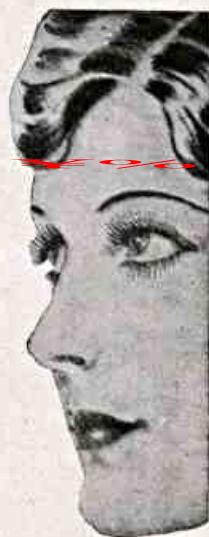
Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

Que differença!

COM O USO DO

Cilion

MOURA BRASIL

Podeis obter esta transformação

CILION escurece as Pestanas, dá brilho ás palpebras, desenvolve os CILIOS, combate os Terçóes e todas as inflammações

Pedir nas boas Perfumarias, Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO — Pharmacia Moura Brasil - Rua Uruguayana, 37

A Maior Fabrica de Bilhares do Mundo

A Companhia Brunswick montou uma grande fabrica de bilhares no Rio de Janeiro, e está produzindo em grande quantidade, com madeiras nacionaes, os mesmos typos de famosos bilhares BRUNSWICK, tão conhecidos em todo o Mundo.

O modelo ao lado é o typo SPORT, o qual custa completo com todos os pertences (bolas de marfim, 12 tacos, taqueira, marcador, etc., etc.) apenas 2:500$, podendo o embarque ser feito para qualquer parte do Brasil. Tamanho interno, 95x190 cms.

Podemos tambem vender em modicas mensalidades. Só não possue um destes famosos bilhares BRUNSWICK quem não quer.

Ha mais de trinta annos que todos os Campeonatos de importancia são realizados em bilhares BRUNSWICK. Tudo que leva a marca BRUNSWICK é bom. Remetta os seus pedidos directamente ao escriptorio central no Rio de Janeiro, ou ás filiaes de São Paulo e Porto Alegre.

Peçam o Catalogo Illustrado "F"

BILHARES BRUNSWICK

COMPANHIA BRUNSWICK DO BRASIL S/A

ESCRIPTORIO E FABRICA

SOTERO DOS REIS, 13

TELEPHONE VILLA 2239

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

PRAÇA TIRADENTES, 46 — CENT. 5419

RIO DE JANEIRO

Filiaes e fabricas em CHICAGO — NEW YORK — PHILADELPHIA — BOSTON — SAN FRANCISCO — PARIS — BRUXELLAS — BUENOS AIRES — MONTEVIDEO — ROSARIO — HONOLULU — MANILA — LONDRES — HAVANA — MEXICO — MONTREAL.

O PODER DA ILLUSÃO

De PIERRE VALDAGNE

OCTAVIO Dulanneau falou-me assim:

— Êxito, êxito? O que se chama êxito, não tive nenhum na minha vida. Tambem não posso dizer que haja fracassado de todo. Sou o prototypo do *termo médio*. Mas tenho alguma philosophia. Penso, medito e cheguei á conclusão de que não devo queixar-me da sorte.

Quando em torno de mim vejo muitas pessoas que tiveram peor sorte que eu, comparo-me a ellas e não ás que foram mais felizes.

"E' preciso olhar para baixo" — diz a sabedoria popular. Mas, de qualquer modo, não nego que algumas vezes me exaspero.

Meus desejos mallogram sempre por um ponto. Só se realizam em parte. Falta sempre alguma cousa, e como esse phenomeno se reproduz constantemente acaba tornando-se-me incommodo.

Talvez pense você: "Considére-se por muito feliz em ter esses fragmentos de sorte. Peor seria não conseguir nada e que as cousas lhe fossem de mal a peor." Evidentemente! Eu mesmo acabo de reconhecel-o. Mas, si isto mudasse, embora só fôsse uma vez, ficaria encantado.

Durante muito tempo estive desejando uma casinha de campo á beira de um bosque e entre prados regados por uma porção de arroios. Homem reflexivo e previsor, procurava, todos os annos, economizar alguma quantia para adquirir, mais tarde, a casinha de meus sonhos.

Pois bem. Um dia, recebi carta de um tabellião annunciando-me que um primo bem longinquo me instituira herdeiro de um sitio seu, situado na Bretanha, muito proximo do mar.

Experimentei pouca alegria. Não senti prazer porque o que desejava era uma casinha, emquanto que o sitio que me legava meu primo era uma construcção enorme, muito severa, engastada no cimo de grandes rocas, açoitada pelos ventos e isolada entre arvores e arbustos.

Deve comprehender que, tendo herdado um sitio, eu não ia comprar outro. Refugiei-me, pois, naquelle ninho de aguias e lá fui passar todas as minhas férias. Adoptei meu partido e abafei minhas ansias de arroios e bosques. Não digo que sou um desgraçado, mas affirmo que minha felicidade é incompleta. Não é como eu desejaria. "Mallogrou-se por um ponto." Si meu longinquo parente me houvesse legado uma propriedade em Turena, por exemplo, seria completamente feliz. Quer outro exemplo? Eu fiz uma fortuna modesta (naturalmente, tratando-se de mim, não podia esr uma grande fortuna...) Fiz — disse — uma modesta fortuna no negocio de mercearia. Devo dar-me por satisfeito, e o estou. Não posso dizer que o não estou. Mas, o estaria sem reservas de todo, si houvesse feito minha pequena fortuna, não em mercearia, mas em literatura...

Confesso-o: eu tinha essa ambição, sentia-me com faculdades para isso, gostava de escrever, escrevi. Apenas... o que eu escrevia não era máo. Todos os editores diziam-me que não era máo. Mas todos tambem se achavam de acordo em dizer-me que não estava de todo bom. Não de todo bom! Regular. Apenas. Denotava talento, um talento indiscutivel, mas faltava-lhe alguma cousa.

Verá ahi em minha bibliotheca tres volumes que trazem meu nome. Quer isto dizer que uns editores os acceitaram. Acceitaram-nos, mas eu tive que pagar a impressão.

Mas, como eu não sou um imbecil, a alegria que tive ao vêr-me impresso não foi completa. Não podia ter illusões e por isso, quando contemplo meus livros, como quando vejo meu sitio da Bretanha, experimento certa amargura. E, no entanto, meu Deus! eu não pensaria nisso. Resignar-me-ia, appellando para essa consoladora phrase, de que falámos ha pouco, si não tivesse constantemente, deante de meus olhos, o exemplo de meu amigo Justino Flagrant, a quem tudo sempre sáe bem, sem omissões, nem reservas, nem deficiencias.

Justino Flagrant parecerá, não obstante, a qualquer um, menos feliz que eu. Elle não trabalhou na mercearia, mas nas novidades. Eu tenho mais dinheiro, mas elle está mais satisfeito. Não sei como se arranja, mas tudo o que deseja, por mais irrealizavel que pareça, o consegue. Um dia, me disse:

— Rapaz, já não és só.... Comprei uma casa na Bretanha, precisamente ao lado da tua. Deves conhecél-a: é a do tio Goennec.

— Conheço-a.

— Não é muito grande, mas me agrada. Agrada sobretudo a minha mulher que sonha em passar ali o verão. Tem um jardimzinho, onde os meninos poderão brincar á vontade. Acabo de encommendar uma lápide de marmore com o nome que dei a essa casa: "Villa Azul." E' muito bonito, não achas? — Foi idéa de minha mulher.

Eu conhecia a casa do tio Goennec, velho pescador, muito astuto. E' distante da minha cerca de um quarto de hora. E' uma construcção sinistra de pedras do paiz de um só andar, velha, esburacada, negra e de aspecto nada attrahente. Mas isso é igual. Não é verdade? O certo é que a casa agradava a Flagrant. O resto não me importa.

Quando chegou o verão e eu fui para a Bretanha, o amigo Flagrant já estava ali. Fui visital-o e vêr seu sitio. Preoccupava-me alguma cousa, e perguntei-lhe:

— Mas, continúas chamando a isto, "Villa Azul"?

— Claro! E por que não?

— Porque, si não estou soffrendo da vista, isto não é uma casa azul. Vejo-a, pelo contrario, negra como o carvão e muito suja pelas chuvas e o vento do mar.

Então Flagrant segurou-me pelo braço e levou-me a um recanto onde me mostrou tres grandes barris cheios de tinta azul e um jogo de pinceis, de todos os tamanhos.

— Tudo é querer neste mundo — disse-me Flagrant.

Eu abri a bocca sem saber que responder. Mas Flagrant ajuntou:

— E' claro que me dirás que isto é muito facil. Mas é preciso dar com isso. E' o que sempre se deve fazer na vida. Raramente as cousas se apresentam como a gente deseja. E' necessario, pois, crear, pensar, procurar, e acaba encontrando-se. Eu queria uma casa azul. A minha não o era. Vi, então, que para que minha casa fôsse azul, bastava-me pintal-a dessa côr. Procedi sempre assim na minha vida e sempre, por isso, logrei o que queria.

Emquanto Flagrant falava, mil objecções me occorriam. Mas eu tenho o raciocinio bastante lento e não havia dado ainda com a formula que resumisse meus pensamentos, quando Flagrant ajuntou, com tom victorioso:

— Escuta! Outro exemplo... Sempre gostei das loiras. Minha esposa é morena. Isso me aborrecia. Pois bem. Quando eramos noivos, em toda parte e em todas as nossas intimidades, eu a chamava: "Minha divina loira! Loira de minha alma!" E assim por deante. Ella mostrava-se muito surprehendida que eu a tomasse por loira. Era eu, no emtanto, quem tinha razão... porque ella acabou sendo loira...

Não me diga você que Flagrant troçou de mim. Seu systema parece-me admiravel.

M. C.

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS 8, RIO DE JANEIRO.

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS.

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Bagé	30	Junho
Raul Soares	15	Julho
Ruy Barbosa	30	Julho
Cant. Guimarães	15	Agosto
Alte. Alexandrino	30	Agosto
Cuyabá	15	Setemb.
Bagé	30	Setemb.
Raul Soares	15	Outub.
Ruy Barbosa	30	Outub.
Cant. Guimarães	15	Novemb.
Alte. Alexandrino	30	Novemb.
Cuyabá	15	Dezemb.
Bagé	30	Dezemb.

NORTE

LINHA RIO-BELEM

Pará	14	Junho
Manáos	21	Junho
Cte. Ripper	28	Junho
João Alfredo	5	Julho
Pedro I	[illegible]	Julho
Pará	[illegible]	Julho
Manáos	[illegible]	Julho
Cte. Ripper	2	Agosto
João Alfredo	[illegible]	Agosto
Pedro I	[illegible]	Agosto
Alte. Jaceguay	23	Agosto
Pará	[illegible]	Agosto

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Alte. Jaceguay	20	Junho
Duque de Caxias	25	Junho
Baependy	10	Julho
Campos Salles	25	Julho
Affonso Penna	10	Agosto
Campos Salles	25	Agosto

LINHA RIO - RECIFE

Cte. Vasconcellos	30	Junho
Cte. Vasconcellos	30	Julho
Cte. Vasconcellos	30	Agosto

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Cte. Alcidio	20	Junho
Cte. Capella	27	Junho
Cte. Alvim	4	Julho
Cte. Alcidio	11	Julho
Cte. Capella	18	Julho
Cte. Alvim	25	Julho
Cte. Alcidio	1	Agosto
Cte. Capella	8	Agosto
Cte. Alvim	15	Agosto
Cte. Alcidio	22	Agosto
Cte. Capella	29	Agosto

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Campos Salles	26	Junho
Rodrigues Alves	11	Julho
Alte. Jaceguay	26	Julho
Duque de Caxias	11	Agosto
Baependy	26	Agosto

LINHA RIO - LAGUNA

Asp. Nascimento	15	Junho
Asp. Nascimento	30	Junho
Asp. Nascimento	15	Julho
Asp. Nascimento	30	Julho
Asp. Nascimento	15	Agosto
Asp. Nascimento	30	Agosto

Varinha de Condão

Por CINDERELLA

Fig. 1

VESTIDOS DE VELUDO — Com relação á novidade em tecidos, a nota elegante do ultimo inverno parisiense foi dada, sem duvida, pelo veludo. Temos, delle, tido um éco não menos importante, pois mal principiavam entre nós os primeiros dias frescos de abril, logo as principaes casas de modas do Rio exhibiam lindos vestidos e elegantes "ensembles" de veludo.

Não ha duvida de que sempre teve essa fazenda importante papel nos trajes de inverno; porém o que caracterizou sua grande voga, este anno, foi a abundancia e a belleza dos veludos de fantasia e seu novel emprego para vestidos de baile.

A variedade dos padrões e das qualidades de veludo que surgiram foi immensa, desde o veludo inglez, até o bello veludo de Lyon, de pellos rectos, e os magnificos veludos transparentes de extrema leveza. Quanto aos desenhos delles, encontram-se, granitados alguns, outros espelhantes como vistos através da agua; muitos são crivados de arabescos, minusculos ou irregularmente pontilhados de salpicos ou florzinhas; ha os escocezes e os tecidos de gaze e de seda marchetadas de veludo offerecem innumeros typos e padrões.

Eis, em nossa pagina de hoje dois bellos vestidos de veludo. O da fig. 1 é para visita ou chá, ou qualquer espectaculo á tarde; é de veludo negro com a saia formada por dois babados e em forma terminados com pontas nas costas, e o corpo de

Fig. 2

setim branco enfeitado com pastilhas de veludo negro de tamanhos irregulares. As mangas são de veludo até o cotovelo, e uma écharpe desse mesmo tecido orna e termina a blusa. A parte que em nossa gravura é de setim, tambem pode ser de veludo estampado, ficando, dessa forma, muito elegante o vestido.

O modelo da fig. 2 é para "soirées". Tem o corpo de veludo estampado e a saia de tulle num tom condizente com a côr que domine no desenho da blusa.

COZINHAS BONITAS

— Quem, antigamente, falaria em cozinhas bonitas? Hoje, entretanto, não só se fala nisso, como se realiza esse ideal. As cozinhas modernas são verdadeiras salas, encantadoramente limpas e arejadas, e em geral tão desgraciosamente postos atraz das portas ou nos cantos dos aposentos.

A moderna e imprescindivel regra do aproveitamento rigoroso dos espaços perdidos, levou á invenção de armarios forrados eternamente de azulejos, convenientemente impermeabilizados, collocados em baixo das pias de cozinha. Servem para guardar louças e panellas, porém não são muito aconselhaveis para guarda-comidas, pois sempre é de receiar que nelles se infiltre alguma humidade.

A fig. 4 mostra o lado de um "closed" para despensa ou guarda-comidas, com veneziana na metade inferior da porta, afim de ser um pouco arejado, conforme é indispensavel para esses fins. Junto a

Fig. 5

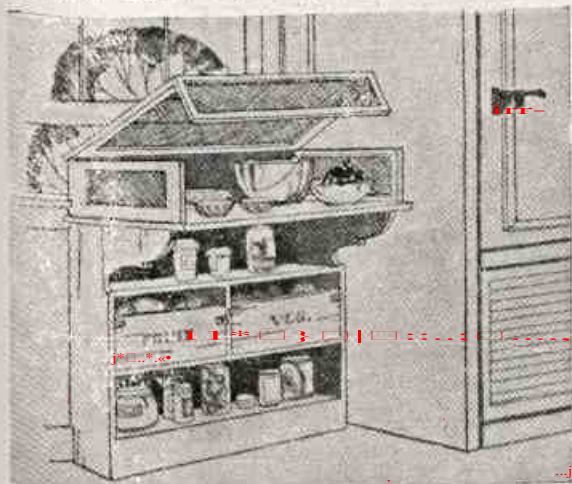
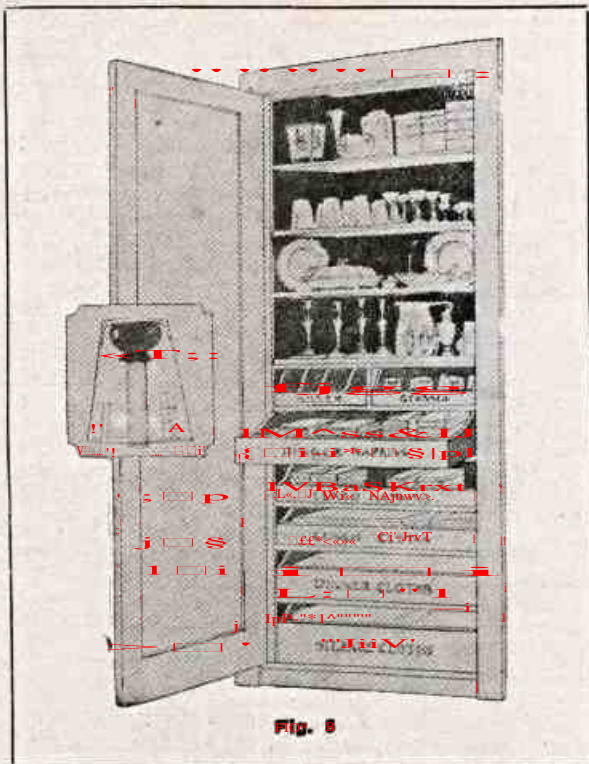



Fig. 4

rinhadas, como essa que mostra a fig. 3. Os americanos, mestres em arranjos caseiros, têm, para as aformosear, mil idéas praticas e novas. E' já conhecido entre nós o "closed" (armario embutido), e muitas casas brasileiras, entre as mais recentemente construidas, o possuem. A's vezes o "closed", amplo bastante, substitue a despensa; outras, exclue o guarda-comidas. Num bello album de construcções vimos um interessante "closed", raso e estreito, para nelle serem guardados vassouras, espanadores, pás e escovas, todos esses miudos auxiliares da limpeza domestica, tão difficeis de ser arrumaelle vê-se um interessante movel, pratico e singelo de executar em qualquer madeira, que serve para guardar molhos e conservas, assucar, etc. Tem duas gavetas que não fecham inteiramente, pois é preciso que sejam ventiladas as fructas e os vegetaes que nellas se guardam entre uma refeição e outra. Na ultima prateleira, protegida das moscas por um tampo de tela de arame, serão postas as vazilhas com manteiga, banha, massa de tomate, etc., bem ao alcance da mão da cozinheira.

Na fig. 5 vê-se o interior de um "closed" destinado a armario da louça de uso diario, com compartimentos para os talheres (silver) e os copos (glasses), e gavetas para as toalhas (cloths).

Um objecto que consideramos indispensavel em uma cozinha bem arranjada, e que, entretanto poucas vezes nella se vê, é um relogio, modesto que seja. Como pode a cozinheira, sem elle, ser pontual com o almoço e o jantar, e marcar os minutos que devem, o bolo ou a empada, permanecer no forno, afim de ficarem doirados e cheirosos?

Quem tiver umas noções de psychologia não duvidará de que cozinhas assim encantadoras e faceiras, além de completarem a elegancia da casa, muito facilitam a tarefa das donas de casa. Na verdade, qual a cozinheira que, só ao ver ambiente tão lindo e confortavel, se não sentirá immediatamente impellida á ordem, ao asseio, á perfeita realização de suas obrigações? Nada leva tanto a servir bem, como o servir com gosto.

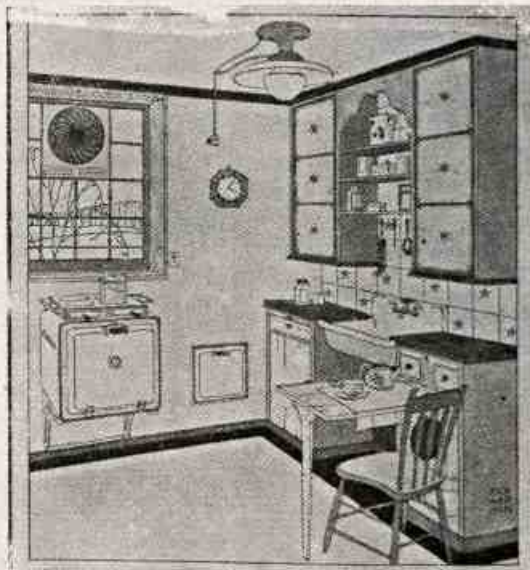



Fig. 6

A CARTEIRA PERDIDA

De XANROF

A scena se desenvolve em um café central. Varios freguezes tomam tranquillamente seu café, seu "cognac" ou seu meio litro. João, o *garçon*, vae de um para outro lado, atarefado e com cara de preoccupação.

— De modo que o senhor a perdeu? — pergunta um consumidor.

— Sim, senhor — responde João, afflicto. — Imagine o senhor que desgraça para mim!

— Tinha muito dinheiro dentro?

— Quinhentos mil réis em notas de vinte e cincoenta.

— Diabo! Nestes tempos é uma quantidade apreciavel. Mas, está o senhor bem certo de a ter perdido? Não a terá deixado em outro traje?

— Oh, não, senhor! Procurei muito bem por toda parte.

— E não sabe onde poderá ella ter-lhe cahido?

— Parece-me que foi no correio. Eu entrei alli para registar uma carta...

Nesse momento, um senhor respeitavel, de longa barba branca e aspecto patriarchal, intervinha na conversação.

— Que perdeu você, rapaz?

— Minha carteira, senhor.

— Que casualidade! Eu encontrei uma. Quando perdeu a sua?

— Hontem á tarde.

— Como era a carteira?

— De couro negro, com quatro compartimentos.

— E tinha muito dinheiro?

— Quinhentos mil réis em notas de vinte e cincoenta.

O senhor respeitavel tira do bolso uma carteira negra e accrescenta:

— Então não é esta. Só tinha uma nota dentro.

— Ah, a minha não vae apparecer assim. Qualquer semvergonha terá ficado com ella.

— Talvez não — disse o senhor respeitavel, em tom de propaganda moralista. — E' verdade que ha aqui muitos ladrões, mas tambem ha gente honrada. A pessoa que tiver encontrado sua carteira lh'a virá trazer. De certo havia dentro algum cartão com seu endereço...

— Não, senhor. Dentro não havia nenhum cartão.

— Ou, pelo menos, algum papel que indicasse quem era o dono da carteira...

— Tambem não. Só havia o dinheiro e alguns passes de bonde.

— Ah! Nesse caso — recommendou o senhor respeitavel — você não terá outro remedio senão dirigir-se á delegacia.

— E' isso o que vou fazer.

— Por que não vae hoje?

— Impossivel, senhor. Ha muito trabalho, e o outro *garçon* está doente. Irei amanhã, mas não tenho fé...

— Não se desespere. Já lhe disse que ainda ha gente honesta. Diariamente se publicam actos de honestidade relacionados precisamente com dinheiro, joias ou documentos extraviados. Tenha esperança.

O senhor respeitavel, depois de pagar a despesa e dar quinhentos réis de gorgeta, se afasta displicentemente. João fica a olhal-o, e diz:

— Que bom senhor! Não é verdade? Tão respeitavel...

— E' um perfeito cavalheiro.

* * *

NO dia seguinte. São dez horas da manhã. João se apresenta na delegacia e pede para falar com o commissario.

— Vim até aqui, seu commissario — diz elle — para saber se, por acaso, foi entregue a esta delegacia uma carteira que perdi ante-hontem...

O commissario, bruscamente:

— Que carteira?

— Uma de couro negro, com quinhentos mil réis em notas de vinte e cincoenta...

— Espere um momento.

Aperta o timpano e apparece um soldado.

— Trouxeram alguma carteira aqui, nestes dois ultimos dias?

O soldado vae averiguar, e volta.

— Sim, senhor. Ante-hontem, ás seis horas da tarde, uma senhora trouxe uma carteira de couro negro, que continha quinhentos mil réis...

João exultou, ansioso.

— Mas, segundo o registo — continuou o soldado — já foi entregue ao seu legitimo dono, que se apresentou para reclamal-a, dando todos os detalhes necessarios.

— Que?... Como?... A quem?... — balbuciou João aniquilado, quasi presa de uma syncope.

— Hontem, á tardinha, se apresentou um senhor, que deu todos os detalhes, até o dos passes de omnibus que havia na carteira. De maneira que lh'a entregámos.

— Um senhor!... Que senhor?... — pergunta João tremulo.

— Um senhor muito respeitavel, com uma longa barba branca.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Jacintho anda perfumado;
Tem o rosto avelludado,
Cutis clara como o sol!
Tambem pudera... o "dianho"
Todo o dia toma banho
Com sabonete EUCALOL

Esmeralda Gamma.

Rua do Carmo 35 — 2º. andar — Rio.

EM QUE CONSISTE OS ENCANTOS DA MULHER?
Somente em ser mulher, no seu sorriso, no seu rosto bello...
Não, é preciso aliar as suas formas perfeitas, as suas carnes proporcionaes, a sua graça, e a sua agilidade Como corrigir neste ponto a natureza caprichosa? Por meio do Exercitador e Reductor Electrico
Tower na commodidade do seu proprio boudoir, durante quinze minutos de exercicio pela manhã.
Complete
Rejuvenation

A Rainha da Floresta

DE ARMANDO SILVESTRI

O major Wembley, tendo que ir a Calcuttá por negocios particulares, enviára a seu *bungalow*, situado á margem do Rabi, seu bom amigo o capitão Jack Kubray.

Este, depois de duas horas de galope entre as plantações que se estendiam entre a pequena estação e o *bungalow*, installou-se na pittoresca vivenda com todo o seu arsenal de caçador encarniçado.

Acolheram-no noticias muito desfavoraveis para seu enthusiasmo cinegetico. Acreditava ir viver entre tigres, leões, leopardos, crocodilos e serpentes, e, em logar disto, disseram-lhe na aldêa vizinha que raramente se viam pelas cercanias tão temiveis animaes.

Um pouco mal humorado, aborrecido com o calor e com as idas e vindas dos creados, Jack Kubray apanhou a espingarda e foi-se para as margens do rio. Mas foi em vão que percorreu os arredores até ao anoitecer; excepção feita de algumas aves que se punham constantemente fóra do alvo, não encontrou nenhum animal digno de menção.

De volta ao *bungalow*, cansado já daquella "villegiatura" e depois de ter fumado agradavelmente na varanda, retirou-se para o quarto de dormir, mas que á luz da vela tomava fórmas fantasticas!

Tirou o revolver, que não abandonava nunca, e disparou contra a cama, vendo surgir segundos depois como aos conjuros de uma varinha magica, uma serpente que fôra buscar refugio entre os lençóes.

Auxiliado pelos criados, logrou matal-a, e depois revistou minuciosamente todos os recantos do quarto. Mas quando no leito, não fez mais do que voltar-se de um lado para outro, sem poder dormir.

Levantou-se pela madrugada, de pessimo humor, e foi tomar o fresco matutino na varanda. Tinha os olhos fixos na floresta que se estendia desde as margens do rio, mysteriosa e selvagem, com seus meandros, loureiros, lianas e abundante vegetação.

— A natureza selvagem — pensou Kubray, — offereceu aqui uma asylo soberbo para toda especie de féras, e não se vê nem uma... Sou na verdade, infe-

MODO DE LIVRAR-SE D'UMA MA EPIDERME

(Do "Woman's Realm")

É uma asneira tentar-se cobrir a côr melancolica do rosto, quando se póde fazel-a desapparecer ou reformal-a.

O "rouge" ou outras substancias semelhantes applicadas numa pelle morena, só servem para fazer mais visivel o defeito. O melhor meio é applicar cera pura mercolized (em inglez) pure mercolized wax — do mesmo modo que se usa o cold cream — applicando-se á noite e lavando-se o rosto pela manhã com agua quente e sabão, depois com um pouco de agua fria.

O resultado de poucas applicações é simplesmente maravilhoso, a parte amortecida é absorvida pela cêra, paulatinamente, e sem dôr, em partes imperceptiveis, surgindo a pelle formosa e branca, que antes se achava enclausurada em baixo. Nenhuma mulher terá uma cutis pallida, arrocheada, com sardas, etc., si adquire numa pharmacia um pouco de bôa pure mercolized wax applicando-a como ficou aconselhado.

UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA O PELLO

São muitas as damas que sabem como proceder para conseguir uma temporaria desapparição dos pellos que as enfeia. Mas, em compensação, poucas são as que conhecem o remedio que produz resultados definitivos. Este remedio é o porlac puro, pulverizado, substancia que é facil achar em todas as pharmacias. O porlac é applicado directamente ás partes affectadas pelos pellos. Esse tratamento não só provoca a sua instantanea desapparição, como tambem impede o seu reapparecimento, dado que em um tempo relativamente curto, produz a morte e a quéda das raizes pilosas.

A RAINHA DA FLORESTA

(Conclusão)

* * *

liz! Deixo Baharwalpur e só me arrisco a ser estu-
qual não foi a sua surpresa ao vêr mover-se a colcha,
pidamente envenenado por uma serpente.

Emquanto os dedos apertavam nervosamente o cachimbo e batia ao chão com o pé, viu abrirem-se de repente os mattagaes da floresta, apparecendo diversos indús, um dos quaes mancando.

Ao vêl-o na varanda, os homens deram gritos de alegria, agitaram os braços e a poucos passos do capitão inclinaram-se com o maior respeito e com a mesma effusão de costume.

Jack Kubray não sabia o que pensar de tudo aquillo, quando o mais velho dos recem-chegados, num inglez fantastico e cheio de metaphoras, fez uma maravilhosa relação que electrizou o caçador.

Segundo dizia o velho, um tigre femea encontrava-se naquellas regiões, e muito esfomeada, tinha-se mettido pela floresta e atacado o joven Hamaha que, por felicidade, lográra escapar com um arranhão, apenas, no pé.

Comprehende-se que aquillo enthusiasmasse o capitão e o fizesse acceitar com prazer o convite para ir dar caça á féra.

Tendo partido os indús, ficou sozinho com o Hamanha, robusto rapaz que demonstrára grande coragem no seu encontro com o animal.

Emquanto os criados limpavam as armas, Kubray interrogou-lhe sobre alguns pontos.

Mas Jack não punha muita attenção nas respostas do indú, saboreando de antemão a emoção da caçada, a primeira desse genero que ia assistir.

O brusco silencio de Hamaha chamou-lhe a attenção, e, deixando a floresta por onde vagava em espirito, olhou-o e não pôde conter um grito de estupor: o indú estava cinzento, e tinha os olhos horrivelmente dilatados, fixo na selva.

Jack Kubray ia perguntar o que estava occorrendo acolá, quando o viu dar um salto e fugir, gritando:

— Salva-te, "sahib"!... A "bagh"!

O capitão ia levantar-se, inquieto, mas cahiu de novo na cadeira de vime, atacado com violencia num hombro.

Voltou-se, mas sentiu na mão esquerda uma roçadura e em seguida uns dentes que se lhe cravavam com força.

Era a bocca de um esplendido tigre femea de Bengala! Com uma presença de animo verdadeiramente admiravel, o capitão, em logar de retirar o braço antes de augmentar-se a pressão dos dentes da féra, introduziu-o na bocca, até tocar-lhe a garganta e suffocal-a.

Sacou o revolver e apoiou-o contra a cabeça do animal, mas o tiro não partiu, esquecêra-se de carregal-o depois do ataque á serpente.

Ao certificar-se do esquecimento, Jack sentiu que o sangue se lhe gelava nas veias; o tigre, suffocado, começava a agitar as patas dianteiras, procurando atacar com as garras o inimigo.

Kubray tomou, então, o revolver pelo cano e assestou um forte golpe com a culatra na cabeça da féra. Esta tombou para trás e livrou as fauces do tampão vivo que lhe impedia de respirar.

Os dois se fixaram por uns segundos; o capitão, surprehendido da brusca retirada da féra, esta aspirando com ansia o ar que a floresta enchia de aromas.

Mas esta immobilidade durou muito pouco, e o tigre preparou-se para o ataque.

Jack Kubray viu-se perdido; a fuga era impossivel porque, para alcançar uma porta ou uma janella do *bungalow*, tinha que correr a descoberto e com um salto a féra o alcançaria. Uma unica esperança lhe restava; a intervenção dos indigenas do *bungalow*; o silencio, porém, que reinava indicava-lhe que não poderia contar com o auxilio de ninguem e só recorrer ás proprias forças.

Esperou, já que era a unica cousa a fazer, apertando com a mão direita o revolver e apoiando a mão ferida, que sangrava abundantemente, no espaldar da cadeira.

Os olhos de Kubray e os da féra não se apartavam uns dos outros, terriveis, ameaçadores.

O animal, resolvido já, saltou, mas a capitão habilmente arrojou-lhe de prompto a cadeira, afastando-se com rapidez.

A féra cahiu com todo o seu peso sobre o fragil movel que se fez em pedaços, deixando em torno do pescoço do animal um estranho collar de palhas arrebentadas.

Rugindo com furor, o tigre sacudia a cabeça e Jack aproveitava a occasião para escapar-se, quando se ouviram gritos e varios tiros.

Eram os "boys" que acudiam em seu soccorro. Pessimos atiradores, porém, não conseguiram vencer a féra. Esta, ainda mais irritada, fez frente aos novos aggressores, entre os quaes se contava Hamaha, que, com uma lança, feriu o tigre no lombo.

O capitão, armado com uma excellente carabina, quiz atacar o animal, mas como este désse uns saltos terriveis, as balas iam alojar-se em toda parte, menos onde era necessario.

Kubray, furioso ao vêr que errava os tiros, carregou de novo a arma e disparou furiosamente sobre o tigre, que, ferido num dos flancos, tombou ao solo, retorcendo-se todo, para quedar inerte algum tempo depois.

O capitão, orgulhoso da victoria, ia arrojar-se sobre a presa para examinal-a, quando o deteve energicamente Hamaha.

— Que fazes, "sahib"? Cuidado!

Effectivamente, a féra ergueu-se ainda, procurando saltar para cima dos dois homens. Suas forças, porém, trairam-n'a, e cahiu a poucos passos do caçador, exhalando um ronco surdo de agonia.

•

Nos Cinemas

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM —

AMOR ETERNO

DA UNITED

Cinema CAPITOLIO — Film eminentemente dramatico, que recorda a imaginação poetica e forte do grande Gabriel d'Annunzio. A violencia do amor dos corações simples, que estala sem as repressões do convencionalismo social. O enredo é vibrante, emotivo e humano. Tiveram a idéa excellente de o desenvolver n'um ambiente das montanhas de neve eterna, porque a acção se passa nos Alpes. A paixão violenta que toma as tres principaes almas do drama é uma avalanche que se despenha violenta e traz a morte. A direcção e a technica d'este film são boas. A interpretação, boa tambem, embora para John Barrymore e Camilla Horn não tenha tido exigencias de maior. Nona Rico foi uma interprete de grande verdade.

Cotação — BOM

BORBOLETAS NEGRAS

DA QUALITY

Cinema GLORIA — Film de grande emoção, em que se salienta a direcção competentissima de W. Harne, com luxo e verdade de ensenação. E' um film que commove e que encanta pelo sentimo que vive no seu argumento e pela vida que se agita na sua realização. O film é profundamente humano. Ahi é que está o merito principal d'essa pellicula. O convencionalismo não entra ahi para cousa alguma, ou em pouca cousa entra. O publico sente-lhe a verdade, e commove-se. Como já affirmámos, a direcção de Harne é boa; boa é a technica, como boa é a interpretação. Ali tivesmos o feliz ensejo de rever Lila Lee, que outr'ora, nos *écrans* do Rio, sob a bandeira da Paramount, tantos triumphos conquistou. Jobyna Ralston e, principalmente, Robert Frazer, apresentam bons trabalhos.

Cotação — BOM

da Avenida

SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NOS DOMINIOS DE SATAN

DA FIRST-NATIONAL

Cinema PALACIO — Agora estão na moda, segundo parece, estes film mysteriosos. *O Gato e o Canario*, *A ultima ameaça*, são do mesmo genero d'esta pellicula da First. Deve haver, por força, quem admire a especialidade. A nós dános a impressão d'uma carencia absoluta de argumentos. Trata-se, como é logico, de formidaveis phantasias, onde a imaginação anda á redea solta. N'uma cidade moderna, civilizada, com luz electrica e policia, aquellas cousas não são possiveis. No genero, sem pensarmos em qualquer outra consideração de caracter intellectual, o film é bom. A direcção e a technica, impressivas e fortes, são n'esta especialidade de films as qualidades primordiaes. A First n'esta pellicula marcou. A interpretação não exige grande qualidades artisticas, mas evidentemente Thelma Todd e Creigton Hale agradaram.

Cotação — BOM

DR. SCHAEFER, MEDICO DE SENHORAS

DA UFA

Cinema RIALTO — O caracter de elevação intellectual, que quasi sempre destaca o film germanico, é que mais nos atrae, porque estamos absolutamente farto de futilidades. A paixão, a vertigem da vida, é hoje incompativel com esquisitas creancices, em que a intelligencia, a cultura, o talento em nada intervem. Este film do Programma Urania, sem ser um film de grande relevo intellectual, não deixa de ser uma pellicula de delicada, attrahente e commovedora sentimentalidade. O amor, como em todos os films, é o nervo do enredo, mas ligado a um certo numero de considerações scientificas, d'uma absoluta opportunidade. Isto não impede que haja um certo numero de situações verdadeiramente alegres, que divertem o publico, emquanto as muitas bellas, que são innumeras, o emocionam. A interpretação é d'um rigor admiravel, mormente por parte d'esse excellente actor que é Ivan Petrowitsch.

Cotação — BOM

ESPIRITO ALHEIO

VANTAGENS DO TRAFEGO

O marinheiro. — Olá, Oswaldo! Como vaes? Não te lembras que nos conhecemos em Hong-Kong?

O chinez (alarmado). — Nô, nô, nô, sinô... Solte-me... Deve estar confundido...

O marinheiro. — Então, desculpe! Mas juro que tenho um amigo muito parecido com você!

— Toma esse omnibus, mamãe, senta-te e espera-me no proximo congestionamento, emquanto vou fazer algumas compras...

— Sabes que me vou casar?

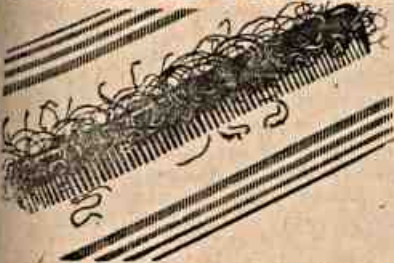
— Pois eu pensava que não gostavas dos homens, uma vez que tanto falas delles...

— Sim; mas, afinal, encontrei um que me pediu a mão.

VAIDADE

Ella. — Não acha que poderia vestir-se melhor esta tarde? Vou receber a visita de umas amiguinhas...

O jardineiro. — Oh, muito obrigado, patrôa! Eu já tenho noiva!

FICA O SEU PENTE CHEIO DE CABELLOS QUANDO SE PENTEIA?

Quando os seus cabellos caem "aos punhados" é signal certo de que as suas raizes não são sufficientemente alimentadas ou de que se acham obstruidas pela caspa. Visto ser impossivel que cada dia nasçam tantos cabellos quantos os que se perdem, é muito logico concluir-se que se está ameaçado pela calvicie a não ser que se providenceie immediatamente. O methodo mais certo e o mais rapido para evitar a caspa e a quéda dos cabellos é o emprego da Lavona — Tonico dos Cabellos. Os ingredientes que ella contem vivificam o couro cabelludo, fazem desapparecer a caspa, fortificam as raizes e fazem parar a quéda do cabello. A Lavona — Tonico dos Cabellos — faz realçar a belleza natural de cabello tornando-o macio e sedoso.

AMPOLAS - DRAGEAS - GRANULADOS DE SABOR AGRADAVEL

"RHÔNE-POULENC" PARIS

FILIAL NO BRASIL COMP. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA CAIXA P. 2916 S. PAULO

LIÇÕES DE

Violino,

Bandolim

e Solfejo

Prof. EUGENIO ORFEO

TELEP. B. M. 2338

TENHA COMPAIXÃO DO SEU ESTOMAGO

Lembre-se que o seu estomago deve cumprir as suas funcções digestivas quasi sem repouso. Mal está digerida uma refeição que se começa de novo a comer, e se V. S. absorve alimentos demasiado irritantes ou indigestos, o estomago torna-se incapaz de assegurar a digestão, e tem logar immediatamente um excesso de acidez. Sente V. S. logo depois ardencias ou calmbras muito penosas, as membranas mucosas delicadas do estomago tornam-se inflammadas e a dôr peora a cada refeição. Este mal-estar pode quasi sempre ser evitado se, desde a primeira dôr, V. S. toma Magnesia Bisurada. Este anti-acido neutralisa o excesso de acidez e a digestão opera-se então normalmente e sem atrazo. A Magnesia Bisurada, que se acha á venda por toda a parte, faz desapparecer a acidez, os arrotos acidos, os vomitos, a dilatação, a oppressão estomacal, e todos os incommodos d'uma má digestão.

A

SELECTA

no genero

é actualmente a melhor e a mais noticiosa revista cinematographica

Custa em todo Brasil 1$000

GRATIS

"Como adornar uma mesa com papel crépe Dennison"

ESTE é o titulo de um interessante e util folheto de 8 paginas, o qual teremos prazer em enviar-vos, gratuitamente. Diz como se pode decorar para todas as classes de reuniões e como fazer adornos attractivos e coloridos com papel crépe Dennison.

Este papel crépe encontra-se á venda em toda a parte. Basta escrever-nos a pedir o folheto N.° FT, "Como Adornar uma Mesa com Papel Crépe Dennison."

Dennison Manufacturing Co.

Caixa Postal 2105, Rio de Janeiro

Dennison's

CONTO DE SÃO JOÃO

(PAGINA REAL)

NÃO existe na Parahyba quem não tenha conhecido, se não pessoalmente, de nome ao menos, morando no bifurcamento das Trincheiras e dos Dois-Caminhos, numa pequena casa coberta de palhas de catolé e paredes entaipadas de barro vermelho, o negro João Antonio e a mulata Totonia Ginga, sua *bicha*. Eram uns verdadeiros diabos essas duas criaturas, quando alcoolizadas!

Quando *bons*, João Antonio passava os dias nas mattas de propriedade do capitão João Camello, fazendo lenha para vender na cidade, emquanto Totonia, sentada no portal na rua, pernas cruzadas e em mangas de camisa, cachimbando, fazia renda, tendo sempre um "*ditosinho*" debochado para os matutos que, á tarde, regressavam aos seus modestos lares.

Do trabalho dos dois, bem podia haver em casa algum dinheiro que os puzesse ao abrigo de qualquer necessidade, se não fôsse a cachaça que elles tomavam diariamente e em maior *dose* aos domingos e dias de festas... Uma vez embriagados, tornavam-se insupportaveis, faziam uma algazarra infernal cheia de ameaças tenebrosas, porque a mulata jurava de cortar, na primeira opportunidade, o *cavaignac* do negro, ao que elle, entre dentes, resmungava: "Si tal succeder, ou te mato ou te deixo para toda vida".

*

O mez de Junho tinha principiado bem, isto é, chuvoso. Com as primeiras chuvaradas cahidas em Abril e Maio, fortes e abundantes transbordaram os açudes da Graça e Camboim e o riacho de Pedro Baptista, á margem dos quaes o milharal se apresentava viçoso e bem embonecado. Dahi não haver mais duvida do farto São João que se ia ter com muito milho verde para cangica e para se comer assado ao pé das fogueiras.

João Antonio, o mais fervoroso festeiro do Santo cujo nome lhe haviam dado na pia baptismal, trabalhava com enthusiasmo para apresentar, como nos annos anteriores, a sua fogueira *mestra*, como elle dizia aos conhecidos, e dar, como nenhum outro, maior numero de descargas com a sua velha e bem azeitada roqueira. Para fazer *inveja* a *sinhá* Bilú, e acabar com a invasão da meninada da vizinhança ao seu quintal, o preto, sem dó nem piedade, tres mezes antes, puzéra abaixo uma frondosa pitombeira, que, embora velhissima, carregava que era mesmo um gosto e uma tentação! Para apresentar maior fogueira do que a sua vizinha e se ver livre dos assaltos da meninada, o selvagem crioulo privou-se de uma arvore que lhe dava sombra, lenha e frutos em abundancia!

O dia 23 amanhecêra radiante de sol e gorgeio de passaros, não obstante as fortes pancadas dagua cahidas durante a madrugada. Em frente ás casas, ricas e pobres, ostentavam-se bellissimos mastros caprichosamente enfeitados, ao lado dos quaes se viam fogueiras enormes. João Antonio, aos gritos de "Viva São João!", acompanhados de descargas formidaveis, içou no alto de uma vara de bambú, detestavelmente desenhada, uma bandeira de madapolão com a effigie do glorioso e festejado santo de todo Nordeste.

* * *

Ao clarão vivo das fogueiras, aos estampidos violentos de centenares de roqueiros e bacamartes partidos de todos os recantos da cidade em festa, aos gritos nervosos dos meninos a soltar *traques* e *nijões*, ou em correrias desabaladas e medrosas ao ouvir o ronco de algum *busca-pé* cabriolando doidamente pelos ares, a noite cahira plena de alegrias e cheia de estrellas no céo immaculadamente azul da Parahyba.

As meninas, emquanto se *baptisavam* as crianças e se tiravam sortes, ao redor dos mastros, cantavam:

"Capellinha de melão,
E' de São João;
E' de cravos, é de rosas,
E' de mangericão".

*

Uma imprudencia do negro, que não estava *bom*, foi o bastante para irritar a mulata, que, tambem ébria, logo o cobriu de insultos, voltando a ameaçal-o de cortar-lhe naquella noite o *cavaignac*. Numa esteira de carnaúba estendida sobre um girão de varas de caboatam erguido a um canto da sala, mais embriagado do que cansado, deitou-se o negro. Estava consummada a terrivel ameaça de todos os dias da beberrona contra o companheiro de longos annos! João Antonio, nú da cintura para cima, com uma baba pegajosa e fedorenta a mangaba azêda a escorrer-lhe pelos cantos da bocca desdentada sujando-lhe o peito largo e cabelludo, dormia como se fôsse um porco. Vendo-o assim, sem alento de vida, Totonia, lançando mão de uma *quicé* afiadissima, achegou-se do negro, e, rapida, de um golpe, cortou-lhe o *cavaignac*, atirando-o ás brazas da fogueira que o crioulo, com immenso e fatigante trabalho, fizéra para queimar em honra ao seu predilecto e festejado santo. Commettido o crime, a mulata fugiu em seguida para a casa de uns conhecidos moradores nos Macacos, temendo uma vingança da parte do seu *homem*, que ella bem sabia capaz de uma violencia terrivel!

No dia 25, muito cêdo, quando das festas só existiam saudosas recordações, João Antonio, ao levantar-se, notou, com espanto, que a mulata o havia deformado por completo, como o ameaçava. Sem mais aquelle seu majestoso ornamento, o negro percorreu todo o casebre gritando pela companheira, vociferando impropérios, como que allucinado... Não a encontrando, para matal-a com certeza, arrumou o que era seu, fez uma pequena trouxa, que enfiou no cabo do machado, e, com elle ao hombro, sahiu calado, olhos fitos na estrada de Goyana, com o cerebro aguardentado a germinar vingança, deixando presa das chammas a casinha onde vivêra dias felizes, incendiada pelas suas proprias mãos!

A mulata, tendo enlouquecido, pouco sobreviveu á sua malvadez, mas o negro nunca mais voltou á sua Parahyba querida...

JÁDER DE CARVALHO.

(Dos "Contos Parahybanos")

Meu Primeiro Cliente

(Por HUGO CONWAY)

— Está ahi o senhor Brownlow — disse o empregado do escriptorio, abrindo a porta do meu gabinete.

— Fal-o entrar — respondi, occultando sob um caderno grande a novella que lia.

Tinha deante de mim o meu primeiro cliente! Apezar das fileiras de documentos bem ordenados nas estantes, com seus rotulos e seus sellos, apezar da confusão de folhas espalhadas sobre a mesa e de mil outras pequenas artimanhas com que me propunha dar ao gabinete o aspecto e o ambiente de um logar onde se tratam multiplos e importantes assumptos, até então não transpuzera o umbral da minha porta nem a sombra sequer de um unico cliente.

E' certo, comtudo, que datava de muito poucos dias a installação de um escriptorio por minha conta: dez dias, se bem me recordo.

Começava já a desesperar, não descobrindo eu proprio de onde me poderiam apparecer clientes. Em tempos afastados ainda, num porvir vago e confuso, entrevia a possibilidade de redigir um contracto de matrimonio; o dono da casa onde eu morava entrou a discutir vivamente com seus vizinhos acerca do direito de servir-se de certa bomba dagua, e perguntara-me quanto custaria uma demanda a respeito. Exceptuando-se estas duas probabilidades, nada tinha eu em vista quando meu primeiro cliente fez a sua entrada no meu escriptorio.

Era um homem idoso, de aspecto franzino, de olhos azul celeste cheios de bondade e de doçura, e escassos cabellos de um louro pallido; uma natureza timida, evidentemente, irresoluta, reservada, sem nenhuma força de caracter. Esse homem tinha nascido não para mandar, mas para ser dominado pela mulher, pelo filho, pela filha, por qualquer pessoa que vivesse a seu lado; era um pouco curvado, como se estivesse acostumado a ceder á tempestade em vez de resistir-lhe; falava respeitosamente, com certa hesitação, porém, e num tom de voz lamentoso. Vestes em bom estado, mas fóra da moda.

Assim se me apresentou aos olhos o meu primeiro cliente. Pedi que se sentasse e esperei que me declarasse o motivo de sua visita.

— Necessito regular um assumpto — disse — e o senhor Johnson, da rua Maior, aconselhou que me dirigisse ao doutor.

Tratava-se de cousa de pouca importancia; do contracto de aluguel de uma casa. Disse-me que se chamava Santiago Brownlow; que seu domicilio era: Vine Cottage, North Road; sua profissão: constructor, afastado dos negocios; em linguagem commum, capitalista. Demonstrei-me cortez e affavel tanto quanto me permittia a attitude grave e doutoral que devia conservar; escutou-me com deferencia, acolheu todas as minhas suggestões, e, saudando-me respeitosamente, retirou-se.

* * *

Disse-lhe, naturalmente, que por ter nas mãos uma infinidade de assumptos, ser-me-ia impossivel redigir seu contracto antes de uns poucos de dias. Voltou, findo o prazo, em companhia do inquilino; pagou meus modestos honorarios, e não tornei a vel-o durante os seis ou oito mezes seguintes. Mas, quando o vi de novo, trazia-me um negocio muito mais importante. Tendo vendido algumas casas, desejava empregar em hypothecas o capital obtido, de sorte que a minha segunda conta foi de uma extensão respeitavel, e sua somma produziu-me grande consolo. Pareceu-me, pelo que me disse, que era dono de muitos bens, mas para mim era um mysterio o ter conseguido accumular tanto dinheiro. Dava a impressão, com o seu caracter timido e flexivel, de ser o menos apto dos homens para abrir caminho na vida.

Uma noite passei por deante de Vine Cottage. O meu cliente encontrava-se á porta de sua casa e pediu-me que entrasse para visital-o. Depois de haver examinado minuciosamente o jardim e as estufas, rogou-me que me deixasse ficar para a ceia. Acompanharam-nos na ceia duas damas de meia edade, suas filhas. Inteirei-me de que a mais velha era viuva, e a mais moça, solteira. Soube que a esposa de meu cliente fallecera havia já varios annos, e, pela conversação entabolada na mesa, que a filha viuva possuia dois ou tres filhos. Vim a saber tambem que ella e os filhos viviam com o senhor Brownlow, que a todos sustentava.

Analysando minhas novas conhecidas, cheguei á conclusão de que as mulheres da casa dirigiam o pobre velho com uma vara de ferro.

Comecei, então, a ir passar algumas horas da noite em casa delle, mas não amiudadamente, de vez em quando apenas, e, todas as vezes que o via em companhia das filhas antipathicas, tinha a impressão de que, em familia, tratavam-no muito mal.

Uma manhã, com grande surpresa minha, veiu ter commigo sua filha viuva, a senhora Wrench, a mais repulsiva e dura das duas.

— Meu pae teria vindo em pessoa, senhor Carr — começou — mas não se encontrava em condições de fazer todo esse trajecto.

— Supponho que não esteja doente... — disse eu, cortezmente.

— Enfermo, precisamente, não, mas, sim, perturbado por graves contratempos de familia.

— Poderei servil-o em alguma coisa?

— Sim; deseja que o senhor escreva uma carta. Sim, uma carta á senhora de Ricardo Brownlow, que mora á rua Silver, numero 15, dizendo-lhe que daqui por deante nenhum pedido dirigido ao senhor Brownlow será levado em conta. E accrescente que o senhor Brownlow, afim de ser justo com outros, pensa seriamente em tomar a resolução de diminuir a pensão que lhe costuma dar annualmente.

— E este é, realmente, senhora Wrench, o desejo expresso pelo senhor Brownlow?

Moveram-se os seus labios e olhou-me de um modo muito pouco agradavel.

— Decerto, senhor Carr. Alem disso, deseja que a carta seja escripta já. Peço-lhe que se não demore.

Persuadida de ter deixado arranjadas as coisas, a antipathica viuva poz-se de pé, e, depois de alisar as pregas de sua velha saia, despediu-se com semblante severo.

Escrevi a carta. Comprehendi que se não o fizesse, crearia na senhora Wrench uma acerrima inimiga, e ter inimigos era um luxo a que não me podia permittir então.

* * *

Ao fim da semana, veiu ver-me o senhor Brownlow, mais timido e mais nervoso que de costume.

— Quer fazer-me um favor, senhor Carr?

Pedi-lhe as ordens.

— Comprehendo que talvez não faça bem em rogar-lhe este favor — ajuntou, com uma debil tentativa para sorrir — mas... quer permittir que seu secretario tome um carro e leve uma carta a certo ponto? Regressará acompanhado de uma pessoa: trata-se de uma creatura muito joven. Não lhe incommodará vel-a aqui no seu escriptorio por alguns minutos?

— Envial-o-ei já — respondi. — Onde está a carta?

— Vou escrevel-a ainda.

Depois de haver desperdiçado varias folhas de papel de carta, terminou, com evidente satisfação,

um bilhete de poucas linhas. Era dirigido á senhora de Ricardo Brownlow, rua Silver, numero 18.

— Sabe o senhor, com certeza, que, por sua ordem, escrevi a esta senhora ha alguns dias? — perguntei-lhe.

— Sim, sim; sei! — respondeu com tristeza. — Minhas filhas insistiram tanto!

Entreguei ao meu secretario a carta e dei-lhe as instrucções recebidas do senhor Brownlow; ao voltar ao escriptorio, ouvi o meu cliente dizer para si mesmo:

— Sim; é preciso que eu veja a menina, a filha de Ricardo.

— E' sua parenta essa menina?

— Minha neta, a filha de meu pobre filho Ricardo. Ricardo deitou-se a perder, senhor Carr. Não posso comprehender por que se perdeu assim — accrescentou numa inflexão triste. — De mim não recebi nem uma censura, nem uma palavra dura, nunca. Foi uma vergonha para a familia — continuou o ancião. — Assim que casou, piorou a sua situação. Um joven como elle merecia outra mulher. Provocou depois uma questão commigo, e taes coisas disse, que me vi obrigado a modificar meu testamento e a não lhe deixar coisa alguma; mas fil-o somente para intimidal-o e procurar corrigil-o, senhor Carr. Em seguida a esta scena violenta, deixou-me e partiu para o estrangeiro. Não o tornei a ver. Disseram-me que se entregara á bebida e morrera depois. Foi uma terrivel desgraça; temos soffrido muitos desgostos, mas era o unico filho varão, e desejo ver sua filha.

— Não a viu nunca?

— Nunca. A viuva de Ricardo regressou e vive na cidade. Desde a morte de meu filho, dou-lhe uma pequena mezada, ainda que minhas filhas digam não ter ella esse direito, nem eu nenhuma obrigação; mas não posso deixal-a morrer de fome. Escreveu-me ha pouco tempo, pedindo augmento, afim de educar convenientemente a menina.

Meu Primeiro Cliente

(Continuação)

Pouco tempo depois, abriu-se a porta, e meu secretario fez entrar na sala uma menina de uns doze annos.

Era uma formosa menina, sympathica, de olhos vivos, cabellos longos e sedosos e um rostinho intelligente. O vestido, ainda que de panno ordinario, era bem feito e perfeitamente asseiado. Pareceu-me ver em suas feições juvenis certa semelhança com as de meu cliente; talvez a sua timidez natural, o acanhamento que experimentara ao entrar num logar assim de todo novo para ella, e o encontrar-se deante de pessoas desconhecidas que a esperavam, tornassem ainda mais evidente a semelhança.

— Como te chamas, querida? — perguntou o ancião, affectuosamente.

— Lilia Brownlow, senhor.

(Continúa no proximo numero)

PORQUE RAZÃO ENGORDAR?

Quando hoje é tão facil á mulher conservar a elegancia e a graça do corpo com o uso da

Oxydothyrina Pâris

duas pilulas por dia d'este producto sem rival bastam para manter a harmonia das linhas e obstar á opulencia exagerada das formas.

A'venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem : **Oxydothyrine Pâris.**
Appr. D.N.S.P. sob o Nº 365 em 12-9-1913
Deposito Geral : Laboratorios André Pâris
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

A FAMA DO

DECCA

DEVE-SE A' SUA SONORIDADE

O merito supremo de um phonographo consiste em repetir tão fielmente a terna melodia de uma canção favorita, como a complicada symphonia de uma orchestra.

O Decca toca exactamente com a vitalidade dos proprios artistas. No Decca não se perde nem uma nota nem um diapasão. Ainda que o luxo da caixa e outros accessorios tenham sua importancia, o mérito supremo de um phonographo consiste na sua sonoridade.

DECCA
O PHONOGRAPHO PORTATIL
Informações para o commercio:
CARLOS HAERING
Rua 1.º de Março, 28
RIO DE JANEIRO

Leiam todas as quartas-feiras

B U R I D A N

Romance historico de Michel Zevaco

CRÊME CANDÈS Oxydante
Dá mocidade, tez limpida e frescura

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessôa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1369, Buenos-Aires — Republica Argentina. — "Cite-se esta Revista"

Dieta de Amor

De HORACIO QUIROGA

(Continuação do numero anterior)

— Está o senhor bem certo de amar a rapariga? — disse-me, afinal.

— Oh, se estou! — respondi.

Não respondeu nada, mas continuou a observar-me.

— Come muito? — perguntou.

— Regularmente — falei, ensaiando um sorriso.

A tia abriu então a bocca e apontou-me com o dedo, como quem mostra um objecto.

— O senhor deve comer muito...

O pae voltou a cabeça para o lado della:

— Não importa — objectou. — Não poderiamos pôr obstaculos em sua vida...

E voltando-se desta vez para a filha, sem tirar as mãos dos bolsos:

— Este cavalheiro quer fazer-te a côrte. Acceitas?

Ella levantou os olhos, tranquilla, e sorriu.

— Acceito, sim — respondeu.

— Pois bem — disse-me então o doutor, puxando-me pelo hombro. — O senhor é já da casa; sente-se e coma comnosco.

Sentei-me em frente de Nora e ceiámos. Não sei o que comi nessa noite, porque estava louco de alegria com o amor de minha pequena de vestido escuro. Mas sei muito bem o que comi depois, de manhã e á noite, por que almoço e ceio com elles todos os dias. Todo mundo sabe o gosto agradavel que tem o chá, não é isto mysterio para ninguem. As sopas ralas são tambem tonicas e predispõem á affabilidade. Pois bem: de manhã á manhã, de noite á noite, sempre, invariavelmente, temos tomado sopas leves e uma simples chicara de chá. O caldo é a comida, e o chá é a bebida: nada mais.

Durante uma semana inteira não posso dizer que haja sido feliz. Existe no intimo de todos nós um instincto de rebellião bestial, muito difficilmente vencido. A's tres da tarde começava a luta; e esse rancor do estomago, digerindo-se a si mesmo de fome, esse constante protesto do sangue convertido, por sua vez, numa sopa fria e rala, são cousas que não desejo a pessoa alguma, ainda mesmo que esteja ella apaixonada.

Uma semana inteira a besta originaria pelejou por cravar os dentes. Hoje estou tranquillo. Meu coração tem quarenta pulsações em vez de setenta. Não sei já o que é tumulto nem violencia, e custa-me demasiadamente pensar que os bellos olhos de uma rapariga evoquem outra coisa que uma ventura ineffavel e gelida sobre a fumaça de duas chicaras de chá.

De manhã, não tomo nada, por paternal conselho do doutor. Ao meio dia, tomamos caldo e chá, e de noite, chá e caldo. Meu amor, purificado deste modo, adquire, dia a dia, uma transparencia tal que só as pessoas despertadas de um desmaio produzido por profunda hemorrhagia podem comprehender.

• • •

Novos dias se passaram. As philosophias têm coisas regulares e, ás vezes, algumas coisas más. Mas a do doutor Swindenborg — com seu sobretudo pelludo e o chale ao pescoço — está impregnada da mais alta idealidade. De tudo quanto eu era na rua, nada mais resta, nem um rastro sequer. A unica coisa que vive em mim, fóra de minha intensa debilidade, é o amor. E posso apenas admirar a elevação de alma do doutor, quando segue com os olhos de orgulho meu vacillante passo para aproximar-se de sua filha.

Algumas vezes, a principio, procurei segurar a mão de Nora, e ella consentiu, para não me desgostar. O doutor viu, e olhou-me com ternura paternal. Mas nessa noite, em vez de ceiarmos ás oito, fizemol-o ás onze. E tomámos somente uma chicara de chá.

Não sei, entretanto, que primavera mortuaria aspirara eu essa tarde na rua. Depois de ceiar quiz repetir a aventura, mas só tive forças para levantar a mão e deixal-a cahir inerte sobre a mesa, sorrindo de debilidade como uma criança.

O doutor dominara o ultimo arremesso da fera.

Nada mais, desde então. Durante o dia todo, em toda a casa, não somos senão dois somnambulos de amor. Só tenho forças para sentar-me a seu lado, e assim passamos as horas, gelados de extraterrestre felicidade, com o sorriso fixo nas paredes.

• • •

Encontrar-me-ão morto, num destes dias, estou certo. Não faço a menor recriminação ao doutor Swindenborg, pois se meu corpo não poude resistir á facil prova, meu amor, em troca, viu quanto de desdenhavel illusão se vae veolando com o corpo de uma rapariga de vestido escuro que sobe por uma escada. Não se deve, pois, culpar a ninguem da minha morte. Mas aquelles que por casualidade me ouvirem, ou me lerem, quero dar este conselho de um homem que foi um dia como elles:

Nunca, jamais, nos mais afastados dos *jamais*, ponham os olhos em uma pequena que tenha muito ou pouco a ver com um physico dietetico.

E eis aqui por que:

A religião do doutor Swindenborg — a mais alta idealidade que tenho conhecido, e disto me vanglorio ao morrer por ella — não tem senão uma falha, e é a seguinte: ter unido num abraço de solidariedade o Amor e a Dieta. Conheço muitas religiões que combatem o mundo e o amor. E são notaveis algumas dellas. Mas, admittir o amor, e dar-lhe por unico alimento a dieta, é coisa que nunca occorreu a ninguem. E' isto que eu considero uma falha do systema; e talvez pela sala de jantar do doutor vagueiem, de noite, quatro ou cinco desfallecidos fantasmas de amor, anteriores a mim.

Que os que me cheguem a ler fujam, pois, de toda pequena graciosa cuja intenção manifesta seja entrar numa casa ostentando uma grande chapa de bronze. Póde encontrar-se ali um grande amor, mas haver tambem muitas chicaras de chá.

E eu sei o que é isto.

• •

EM MEIO DO CAMINHO

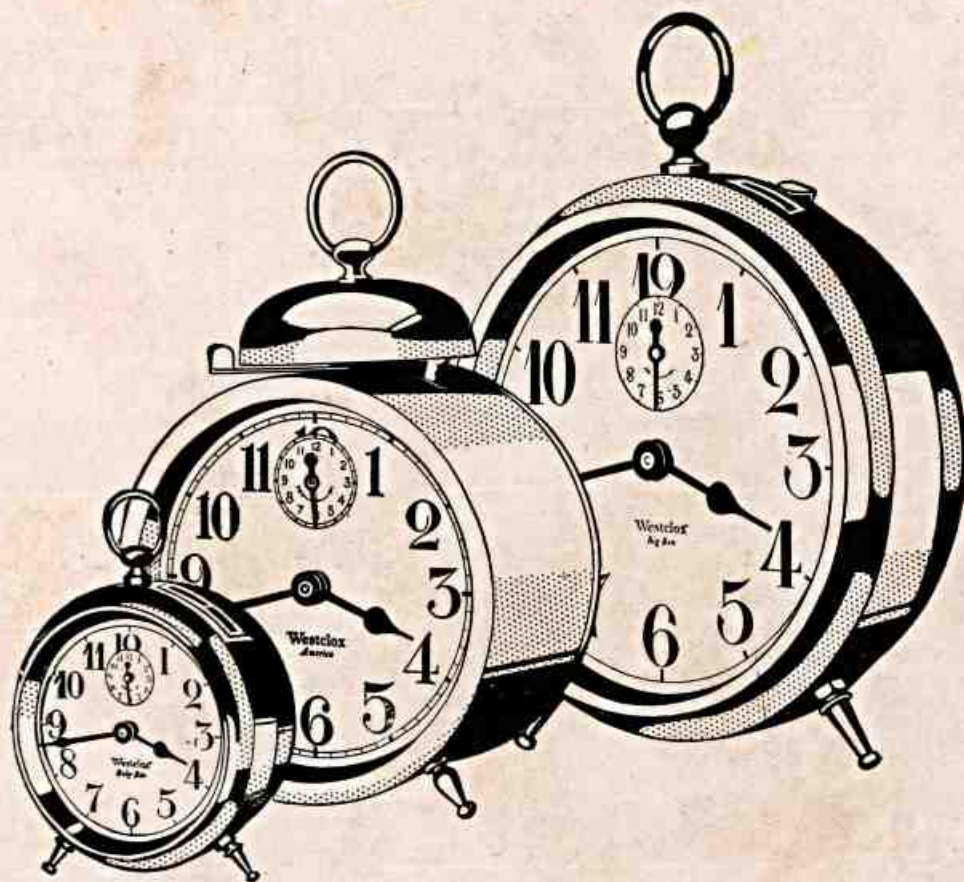
Eu te encontrei em meio do caminho,
Em meio do caminho me encontraste.
Eu te implorei um pouco de carinho
E um pouco de carinho me imploraste.

E bebedos de amor, e ébrios de vinho,
Não ha nada que agora nos afaste,
As magoas olvidei, no nosso ninho,
E tu as tuas magoas olvidaste.

Quando a morte vier irei contigo —
Tu dizes, e sorrindo eu tambem digo,
Porque são bem reaes esses desejos.

Pois nos prendem, agora, fortes laços,
Eu vivo do calor dos teus abraços
E tu do quente vinho dos meus beijos.

OSCAR NUNES.

Westclox

Despertadores de Confiança

UM despertador que merece toda a confiança é uma necessidade no lar, porque hora exacta e alarme seguro são necessidades diarias. Esta é a razão porque milhões de pessoas em todo o mundo dependem no Westclox.

Quando o Sr. compra um Westclox, pode ter a certeza que está adquirindo um relogio que merece toda a confiança.

Westclox numa grande variedade de estilos são vendidos por todas as bôas casas do genero.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.
Fabricantes de Westclox: Big Ben, Baby Ben, Pocket Ben, Bom Dia

A PSYCHOLOGIA DO TRABALHO

Não ha negar a influencia reciproca entre o espirito e a materia. A lassidão é a consequencia fatal da actividade constante e é preciso um novo estimulo, um impulso energico para fazer o trabalho retomar a sua curva ascendente. Muitas vezes, porém, este estimulo, que faz de novo vibrar as nossas forças physicas e mentaes, precisa ser despertado por meios artificiaes, para que o corpo não se arraste numa lethargia improductiva.

KOLA CARDINETTE, este grande revigorador dos nervos, é este estimulo activo que restabelece o equilibrio entre a mente e a materia.

KOLA CARDINETTE, o tonico do systema nervoso central, reconforta as forças cerebraes exhaustas pelo trabalho excessivo, e excita as funcções organicas abatidas.

KOLA CARDINETTE, contribue para que a curva do nosso trabalho fique traçada no grafico da nossa vida em linha ascencional!

Unicos Concessionarios

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, [illegible] — Rio. — S. Bento, 36 — S. Paulo